

The background of the poster is a vibrant sunset with orange and red hues. A vertical black bar runs down the center, with two silhouettes of people on balconies. The top silhouette is standing and holding a camera, while the bottom silhouette is sitting on a chair.

CONCURSO:

ESCRITA

Livre


MEDICINA


CEDEM
Centro de
Desenvolvimento de
Educação Médica

Copyright© 2020 by CEDEM
Todos os direitos desta edição são reservados ao
Centro de Desenvolvimento de Educação Médica.

Diretor da faculdade:

Prof. Tarcísio Eloy Pessoa de Barros Filho

Organizadores:

Milton de Arruda Martins

Patricia Zen Tempiski

Marina A. Martins Siqueira

Matheus Belloni Torsani

Fernanda Arantes-Costa

Avaliadores:

Socorro Acioli

Débora Martins

Capa:

David Guimarães

Fotografia da Capa:

Gabriel Chicote Guimarães

Diagramação e projeto gráfico:

David Guimarães



CEDEM
Centro de
Desenvolvimento de
Educação Médica

CEDEM

Centro de Desenvolvimento de Educação Médica

Endereço: Av Dr Arnaldo, 455

Fone: 3061-8711

e-mail: profissaodocente@fm.usp.br

Site: www.fm.usp.br/cedem

Instagran: [@educadores.cedem](https://www.instagram.com/educadores.cedem)

facebook.com/Educadores-CEDEM

Youtube: Educadores CEDEM

ORGANIZADORES



MILTON DE ARRUDA MARTINS
Presidente da Comissão de Graduação

PATRICIA ZEN TEMPSKI

Coordenadora de Ensino e Pesquisa
do CEDEM



MARINA A. MARTINS SIQUEIRA
Preceptora de educação médica

MATHEUS BELLONI TORSANI

Preceptor de educação médica



FERNANDA ARANTES-COSTA

Pesquisadora do CEDEM

AVALIADORAS



SOCORRO ACIOLI

Nasceu em Fortaleza, em 1975. É jornalista, mestre e doutora em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense. Fundou e coordenou a Especialização em Escrita Literária do Centro Universitário Farias Brito (FBUi).

Hoje é professora do Mestrado Profissional em Direito e Gestão de Conflitos (MPDir) e coordena a Especialização em Escrita e Criação da Universidade de Fortaleza (Unifor). Organizou e ministrou cursos sobre Literatura, Cinema e Cultura Brasileira para estrangeiros nos Centros Culturais das Embaixadas do Brasil na Bolívia, Cabo Verde, Líbano, África do Sul, Ilhas Maurício e Índia, promovidos pelo Departamento de Promoção da Língua Portuguesa (DPLP) do Ministério das Relações Exteriores. Venceu o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro (CBL) em 2013 com o livro *Ela tem olhos de céu*. O romance *A cabeça do Santo*, resultado do Doutorado em Literatura, foi publicado no Brasil pela Companhia das Letras, traduzido para o inglês pela editora Hot Key Books, em 2014, pela Dellacorte Press (USA) e na França pela editora Belleville. Em janeiro de 2015, foi uma das 30 artistas convidadas pela Bill & Melinda Gates Foundation para o projeto *Art for Saving a Life*, com o texto *Drops from a hero*. A edição americana *The Head of the Saint* foi finalista do Los Angeles Times Book Prize 2017 e escolhido como um dos 50 melhores livros de 2017 pela New York Public Library.

Instagram: @socorroacioli

AVALIADORAS

DÉBORA MARTINS

Nasceu no dia 25 de Dezembro de 1965 na capital paulista e formou-se em Letras pela Universidade Mackenzie.



Apaixonada por livros e arte, hoje é ilustradora e escritora e leciona Língua Portuguesa em uma Escola de Jovens Adultos (EJA) em São Paulo. É autora do livro "Sete Histórias Encantadas- para todas as idades" da editora Cuca Fresca. Em 2020, foi convidada pela editora portuguesa Chiado Books a publicar um poema de sua autoria no livro "QUARENTENA - Memórias de um país confinado".

Segue relato dela sobre a participação no concurso: "Foi muito difícil escolher apenas cinco textos. Adoro a cor amarela e duas participantes me presentearam com dois lindos textos, que levam essa cor no título. Amei Amarelo, mas daí surge um Submarino Amarelo no fim do meu caminho e eu fiquei na dúvida, mas o Submarino me trouxe... Procurei privilegiar, no meio de tantos textos bons, a criatividade. E também deixar tocar meu coração, além do cérebro, pois a sensibilidade sempre nos faz refém. Segue assim, minha sofrida seleção, pois há muitos outros textos que poderiam ser premiados também".

Instagram: @mdeboraalves

TEXTOS PREMIADOS



PÓS-BRASIL

Johnatan Padovez Gonçalves - pág. 157



CINEMA MUDO

Fernando Sarin da Mota e Albuquerque -
pág. 105



A BUSCA PELA FLOR DA SANIDADE

Matteo Celano Ebram - pág. 247

MENÇÕES HONROSAS



MEDITAÇÃO AO AR LIVRE

Caique Bueno Terhoch - pág. 71



RÁDIO

Caue Peres - pág. 81



DÉCIMA QUINTA ESTAÇÃO

Luís Felipe Chagas Caldeira Catão - pág. 207



TEXTO 62

Luisa Yen - pág. 217



SUBMARINO AMARELO

Pedro Franca de Figueiredo - pág. 269



PRA ELAS

TJC - pág. 277

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
TEXTO 1 AGATHA GIOVANNA FLASHES.....	13
TEXTO 2 ALBERTO K. O LABIRINTO SOCIAL.....	17
TEXTO 3 ALBERTO K. A FISILOGIA DA POLARIZAÇÃO.....	19
TEXTO 4 ALEXIS MURILLO UMA CRÔNICA DA PANDEMIA QUE MUDOU NOSSOS HÁBITOS.....	21
TEXTO 5 AMANDA ANGULO SER TORNADO.....	25
TEXTO 6 ANA CAROLINA COLTRO REFLEXÃO SEM PONTO FINAL.....	27
TEXTO 7 ANNA CAROLINA BERKENBROCK MENDES MEMÓRIA.....	35
TEXTO 8 BEATRIZ MACHADO SILVA 	37
TEXTO 9 BEATRIZ MACHADO SILVA 	39
TEXTO 10 BEATRIZ MACHADO SILVA 	41
TEXTO 11 BEATRIZ MACHADO SILVA 	43
TEXTO 12 BEATRIZ MACHADO SILVA NOVO COTIDIANO	45
TEXTO 13 BEATRIZ MACHADO SILVA .FRAGMENTADA ENTRE TEMPOS.....	47
TEXTO 14 BEATRIZ MASSARELLI ?	49
TEXTO 15 BRUNA CRISTOFOLINI SENTIDOS.....	53
TEXTO 16 BRUNO DE JESUS TEIXEIRA A PEDRINHA DO ISOLAMENTO.....	57
TEXTO 17 BRUNO ROMANO ESTERILIZAÇÃO.....	61
TEXTO 18 CAIO MEDEIROS FERNANDES KAMILLY.....	69
TEXTO 19 CAIQUE BUENO TERHOCH MEDITAÇÃO AO AR LIVRE.....	73
TEXTO 20 CAMILA AGOSTINIS SILVA MILHARES.....	75
TEXTO 21 CAROLINA MARTINS DIÁLOGO INTERNO.....	77
TEXTO 22 CAUE PERES RÁDIO.....	83

TEXTO 23 CLINTON YOO SUNG SHIN NÃO DEIXE O DIA MORRER.....	89
TEXTO 24 DEIVID DÉDA DIÁRIO.....	93
TEXTO 25 EDMILSON OZORIO DOS SANTOS RECOMEÇO.....	99
TEXTO 26 FERNANDA FERNANDES JORGE CONTRATEMPO.....	103
TEXTO 27 FERNANDA FERNANDES JORGE IMPLOÇÃO.....	105
TEXTO 28 FERNANDO SARIN DA MOTA E ALBUQUERQUE CINEMA MUDO.....	107
TEXTO 29 GABRIEL DA SILVA KAWAKAMI REFLEXÃO.....	113
TEXTO 30 GABRIEL LEAL NUNES SILVA A TEORIA DO DUPLO ISOLAMENTO.....	119
TEXTO 31 GABRIELA CRISTINA SARTI A MUDANÇA DO TEMPO.....	123
TEXTO 32 GABRIELLE TIEMI IKEDA SIGAKI SIMPLES.....	125
TEXTO 33 GIOVANNA BABIKIAN COSTA 	129
TEXTO 34 GUILHERME TETSUO YOKOY NUMAKURA VISITA VIRTUAL.....	131
TEXTO 35 HALDO LITO A QUARENTENA É TÃO BELA QUANTO A VÊNUS DE MILO	137
TEXTO 36 HENRIQUE BIZINOTTO BISSOLLI BALBAO O EU ENTRE ESPELHOS E LENTES.....	141
TEXTO 37 HERIK FERNANDES DE OLIVEIRA OUTONO.....	145
TEXTO 38 IGOR C. SALLES HUMANITY.....	149
TEXTO 39 IVAN KEN NAKAMAE DHARMA.....	151
TEXTO 40 I VES VAZ C. LOPES COMO O TEMPO TEM PASSADO PRA VOCÊ?.....	153
TEXTO 41 JOÃO VICTOR TABA MUNHOZ UM OLHAR INTERIOR.....	155
TEXTO 42 JOHNATAN PADOVEZ GONÇALVES PÓS-BRASIL.....	159
TEXTO 43 JULEE QUISPE DINAMISMO.....	161
TEXTO 44 JULIA DE OLIVEIRA DA SILVA SEXTA-FEIRA PASSADA CHOVEU.....	163
TEXTO 45 JULIA PRADO AVANCINI HISTÓRIA DE FAMÍLIA NA QUARENTENA	165

TEXTO 46 JULIA PRADO AVANCINI A HORA DA ESTELA.....	167
TEXTO 47 JULIA PRADO AVANCINI MEDITAÇÃO.....	171
TEXTO 48 JÚLIA SILVA TIEPPO "COMO VAI VOCÊ?"	175
TEXTO 49 JÚLIA SILVA TIEPPO A COROA E A FLOR.....	177
TEXTO 50 JÚLIA SILVA TIEPPO CARTA DE AMOR.....	179
TEXTO 51 KADU MAVERICK DESPERTAR.....	181
TEXTO 52 KARINE FERNANDES REFLEXO.....	187
TEXTO 53 ATIV AIVIL ANSIEDADE.....	191
TEXTO 54 ATIV AIVIL EFLEXÕES.....	193
TEXTO 55 LUCAS A CHINELATTO ELEGIA 2020.....	195
TEXTO 56 LUCAS KAZUTO TAGUSAGAWA PORTO SEGURO.....	197
TEXTO 57 LUCAS MARQUES IKEDA DESPERTAR.....	203
TEXTO 58 LUCAS VINICIUS BUCHELT SOUZA UM ALÍVIO EM FORMATO DE EAD.....	207
TEXTO 59 LUÍS FELIPE CHAGAS CALDEIRA CATÃO DÉCIMO-QUINTA ESTÇÃO.....	209
TEXTO 60 LUÍS FELIPE CHAGAS CALDEIRA CATÃO PROMETO NUNCA MAIS ACABAR.....	211
TEXTO 61 LUIS RIEDEL ZOGAIB PARAQUEDAS.....	217
TEXTO 62 LUISA YEN 	219
TEXTO 63 LUISA YEN 	225
TEXTO 64 MARCELO SILVESTRE SEDIMENTAÇÃO.....	229
TEXTO 65 MARIA LUÍZA CAUVILLA PENSAMENTOS DE UM TEMPO SOMBRIO.....	231
TEXTO 66 MARIA LUIZA PAULO DE OLIVEIRA COSTA 	233
TEXTO 67 MARIANA BARRETO SERRA A DITADURA DO REI CORONA.....	237
TEXTO 68 MARIANA BUENO EXEMPLOS DE FELICIDADE.....	239
TEXTO 69 MARINA BERNARDES CLAUSURA.....	241

TEXTO 70 MARINA TAVARES DE MORAES RUSSO EU	243
TEXTO 71 MATEUS NOBUO SAKATA ANGELO [SEM TÍTULO].....	245
TEXTO 72 MATTEO CELANO EBRAM EPIFANIA.....	247
TEXTO 73 MATTEO CELANO EBRAM A BUSCA PELA FLOR DA SANIDADE.....	249
TEXTO 74 MATTEO CELANO EBRAM O CICLO DA VIDA.....	253
TEXTO 75 NATHALIA KIKUTI TAGUSAGAWA RODA VIVA.....	255
TEXTO 76 NATHALIA OLIVEIRA A BELEZA DA MINHA DOR.....	261
TEXTO 77 PEDRO FERNANDES RIBEIRO ERA PRA SER DIFERENTE.....	267
TEXTO 78 PEDRO FRANCA DE FIGUEIREDO SUBMARINO AMARELO.....	271
TEXTO 79 RICARDO JANOTTI CAVALCANTE QUARENTENA.....	273
TEXTO 80 SILVA AMIZADE NA QUARENTENA.....	275
TEXTO 81 SOFIA CAROLINA CANTUARIO DE OLIVEIRA REINVENÇÃO.....	277
TEXTO 82 TJC PRA ELAS.....	279
TEXTO 83 TJC NA VARANDA.....	281
TEXTO 84 VICTOR ANDRE BORGES ENTRE A PEDRA E A SOMBRA.....	283
TEXTO 85 VICTOR HUGO PREZA FONSECA AMARELO.....	289
TEXTO 86 VICTOR HUGO PREZA FONSECA MAÇÃS.....	291
TEXTO 87 VINICIOS DE MORAES ALVES RELATO DE UM SOBREVIVENTE.....	295
TEXTO 88 VITOR MACEDO BRITO MEDEIROS 	301
TEXTO 89 VITÓRIA STERZZA DIAS AUSÊNCIA	303
TEXTO 90 VITORIO CREMA SCHEFFER DESPARAMENTAÇÃO	305
TEXTO 91 VIVIAN DOS SANTOS PEREIRA ADOECIDOS	309
TEXTO 92 WILLIAM SILVA GARCIA LEAL CARTA DE QUARENTENA	313
TEXTO 93 YURI JUSTI JARDIM O FIM DA RODA	317

INTRODUÇÃO

Diante da suspensão das atividades presenciais da graduação em razão da pandemia da COVID-19, o Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), Prof. Tarcísio Pessoa de Barros Filho, junto ao Centro de Desenvolvimento de Educação Médica (CEDEM) propôs um concurso de escrita livre. Com o objetivo de manter o sentimento de pertencimento da comunidade FMUSP, convidamos os estudantes da FMUSP a enviar suas produções com a temática “Quarentena”.

Nas páginas a seguir, o leitor encontrará prosa e poesia retratando o isolamento e as experiências de futuros profissionais da saúde, neste momento único na história da humanidade.

Boa leitura!

TEXTO 1

FLASHES

Acordo todo dia sem saber se é segunda ou sexta, em que época do mês ou do ano estamos. Acordo sem saber quem sou. Questionamentos me povoam a mente: quando o beijo, o abraço e o toque se tornaram inimigos da existência? Será que, um dia, tudo será como antes? Será que ainda sei lidar com as pessoas, interagir com elas? Será que eu, sem o outro, realmente existo?

Pensar no futuro, no mundo lá fora, na vida que poderia ter sido e que ainda não foi nunca se tornou tão cruel.

Levanto do sofá, local que tem sido onde repouso já que, assim, no lugar de convívio da casa, fujo da solidão que o mundo exterior me proporcionou ao me privar dele. Andando descalço pelo chão gelado, que já se tornou familiar por ser meu único caminho do dia, reconheço a madeira e suas frestas, os pontos que rangem, e os que estão soltos.

Faço o café, sozinha, compreendendo como Manuel Bandeira se sentia ao escrever “Poema só para Jaime Ovalle”, já que chovia uma triste chuva de resignação lá fora. A fumaça aquece os dedos frios e o corpo gelado, já que nem o sol aceita banhar a terra que abandonou.

Assim que batem 10 horas, a casa acorda, as pessoas que aqui

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

habitam se encontram e o mundo exterior não importa mais tanto. Os passos rápidos da minha irmãzinha ecoam pelo corredor e abafam as memórias saudosistas, em que meus pés se encontravam com as ruas, com o chão de mármore frio ou a escada rolante do metrô.

Na sala de estar, presencio o nascimento de uma nova linguagem, uma mistura de espanglo-portunhol criada pela Pequena na tentativa de cantar junto aos desenhos. O sol, como se houvera esquecido que tem por função iluminar os caminhos, volta, mesmo que lentamente, à sua função. O que nos atenta para o banho de sol, coisa que pouco fazia na rotina corrida, em que mal havia tempo de notá-lo ali, no céu, se queimando por inteiro. Acho que fomos nós quem o abandonou primeiro.

O diálogo incansável entre minhas irmãs sobre porque não se deve lamber o controle remoto me faz pensar que nada é passível de certeza absoluta, e que crianças apresentam uma argumentação admirável, dado o seu breve conhecimento do mundo.

Ou do nosso breve conhecimento do mundo. Afinal de contas, o que eu sabemos dele? Perceber que viver é um mistério talvez seja o mais perto que chegaremos do desconhecido que é existir.

Mensagens do celular de pessoas queridas, familiares e com declarações gratuitas do quão especiais elas ainda são apesar da distância aquecem o coração. E tornam a Saudade, tão famigerada vilã de todas as horas, uma amiga que me abraça por aqueles que não podem.

A solidão nunca me fora tão repleta de amor, de cuidado, de carinho - mas sem eles, aqueles que me compõe, me reconheço?

O dia se segue, com duetos de músicas infantis, pega-pega, televisão ligada no jornal e matérias EAD que são minhas únicas preocupações, além do resultado do sorteio de “quem vai lavar a louça”. O tempo, implacável, mantém-se correndo, como a máquina de costura

da minha avó, trazendo Notícias que abalam o dia e ameaçam a estrutura política do país. Mas, acompanhadas, vêm notícias da solidariedade individual que nutre o coletivo e que nos enchem de esperança.

Ao findar do dia, Histórias do passado contadas por um dos membros reacende a fogueira, alimentando a expectativa de que a existência das pessoas e do mundo continua intacta por meio delas.

Apesar dos pesares, percebo a sorte que tenho: como é bom estar sozinho junto de quem a gente ama.

Mais diálogos, palavras sem o R ou com plurais engraçadinhos e histórias sobre um passado indelével permeiam a noite, até o corpo sucumbir ao cansaço mental. A mente, então, volta aos sonhos bizarros, que reinventam a cidade, locais por onde passei um dia, e penduram um colega aleatório da faculdade (que se revela ser o herói de quadrinhos Flash no sonho) no topo da Torre Eiffel, sem qualquer razão.

E estamos assim, em suspensão, esquecendo e lembrando diariamente os laços que nos tornam humanos. E que nos tornam quem somos.

TEXTO 2

O LABIRINTO SOCIAL

Um labirinto nos cerca. As paredes não se movem como aquelas projetadas por Dédalo, mas nos enganam com o seu algoritmo. O chão não é de terra, mas é sensível ao toque. Uma curtida ativa um complexo sistema de engrenagens: os posts se movem, as ideias se reforçam. Não podemos sair. Minotauro está morto, mas um vírus assola o mundo afora. Resta-nos então caminhar por este capcioso labirinto, que tanto nos entretém, como nos infla o ego. Em tempos de quarentena, quem tem likes é rei.

TEXTO 3

A FISILOGIA DA

POLARIZAÇÃO

A exposição a ideias contrárias ativa a enzima Adenilquestionase. Íons de questionamento são liberados, refinando nossa percepção de mundo. Em tempos de quarentena, a janela se tornou Windows. A tela, controlada por um poderoso algoritmo, filtra a contradição. O aparente mundo coerente inibe a ação da Adenilquestionase. Perdemos, assim, a capacidade de metabolizar ideias opostas, resultando numa intensa polarização e no surgimento de uma nova patologia: a Diaburrites Milódios.

TEXTO 4

UMA CRÔNICA DA PANDEMIA

QUE MUDOU NOSSOS HÁBITOS

No final do ano passado, enquanto eu tomava uma viagem para passar o Natal junto a minha família, reparava como as sociedades são diferentes e quanto é difícil mudar nossos hábitos.

Para voltar e continuar com os meus estudos, experimentei uma das viagens mais longas da minha vida, graças a uma conexão internacional colocada no meu roteiro. Para quem é jovem, passar um dia em um país diferente da origem e do destino, é quase uma aventura e até uma experiência divertida para experimentar. Na época, as pessoas não se preocupavam muito com a exposição nos aeroportos, hoje parece ser muito diferente, tendo muitos aeroportos fechados ao redor do mundo. Hoje, eu não tenho como saber se passarei o próximo Natal na minha cidade.

Pouco depois de chegar, precisava um novo lugar para morar, pois o meu contrato de aluguel estava chegando ao fim. A busca de um apartamento e a documentação para assinatura de contratos, já toma tempo e pode ser estressante. Dessa vez, foi um pouco mais devido que isto aconteceu na mesma semana que o primeiro caso de Covid-19 era reportado no Brasil e já existia um certo receio nas ruas. Desde então,

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

passaram quase 3 meses e muitas coisas tem mudado.

Regularmente, eu trabalho no meu projeto de doutorado, estudando vesículas extracelulares e como usá-las no diagnóstico de câncer de mama, além de colaborar em outros projetos do meu laboratório. Tenho alguns anos participando em pesquisas, gerando conhecimento e produtos, o que me fez notar que dito processo sempre foi desafiador, mas hoje exige um pouco a mais devido ao home office.

Assim, pouco depois dos primeiros casos positivos para Covid-19, fomos orientados a reduzir nossa exposição e trabalhar desde casa. As reuniões com o meu orientador e outros pesquisadores tornaram-se virtuais, os rascunhos deixaram de ser corrigidos no papel e sim nas diversas ferramentas virtuais. Desta forma, temos mudado inúmeras atividades para adequarmos neste novo contexto, evitando a total paralização de nossas pesquisas.

Falando de pesquisas, a divulgação delas é uma das formas mais interessantes que temos para contribuir no desenvolvimento da ciência brasileira e mundial. Neste tópico, importantes mudanças aconteceram na realização de congressos científicos, seminários e aulas. As sociedades ao redor do mundo foram pressionadas para se adaptar e mudar as aulas presenciais por virtuais, a misturar o conhecimento sobre uma área específica com as novas ferramentas de divulgação, e isto tem feito que alunos e professores se apoiem mutuamente para atingir os seus objetivos.

Dentro dos aspectos positivos, muitos eventos foram oferecidos de forma gratuita, devido à redução de custos de hospedagem e instalações. Foi assim que eu consegui acompanhar dois congressos importantes para minha linha de pesquisa, e ainda, posso revisar os vídeos das palestras caso tenha perdido alguma informação relevante. Também, foram propostas algumas opções de aprendizado em língua estrangeira,

programação e outras matérias necessárias para nossa formação. Creio que se não houvesse acontecido neste formato, eu (e muitos colegas) não conseguiria essas informações.

Porém, é importante ressaltar que ainda temos pessoas que não conseguem nem acompanhar esse formato virtual, devido que eles não têm os meios necessários para fazê-lo: computador ou smartpho-
ne com internet, entre outras coisas. É isto que a quarentena e o home office também deixa ver: a desigualdade social. Para estas pessoas, as condições de home office tornam-se ainda mais desafiadoras pela falta de recursos, o que faz eles recorrerem à exposição como uma medida de melhorar a própria situação.

Então, é neste momento que os valores humanos são desafiados em diferentes focos, nossa solidariedade, honestidade, flexibilidade e a capacidade de colaboração são testadas a cada dia, de forma que podamos melhorar a própria situação sem afetar aos outros. De fato, precisamos trabalhar em conjunto para mantermos estáveis e colaborar na medida das nossas funções na sociedade, enquanto isto, as pesquisas aumentarão o conhecimento que temos do vírus e darão uma ideia de como combatê-lo.

Assim, sempre temos escutado que devemos pensar “fora da caixa”, um ditado que sugere a extrapolação dos nossos conhecimentos para nossa implementação em um novo contexto. Hoje, a frase é aplicável para muitas pessoas ao mesmo tempo, o que nos faz procurar nossa melhor versão para transmitir a paciência e a coragem que precisamos para ter uma visão otimista no futuro e continuar em nossos rumos.

TEXTO 5

SER TORNADO

Mergulhou seus pés em um rio desconhecido
e sentiu águas de outros tempos cuja
origem me é incerta.

Corre pelo azul, o constante presente
que lhe pesa a alma.

Em meio a uma gaiola, Tornado habita.

Certos pesares se fazem perto, apesar de não serem certos.
E consigo te levou, Tarde de Maio.

Por um instante,
observou o seu redor apesar de nunca o contemplar
e se sentiu distante de tudo aquilo que lhe fazia ser.
Igualmente tornado, tornou-se ao mesmo lugar.

Na homeostase de um ser desequilibrado.
Ele acostumou-se a águas geladas e pedras incômodas
e através do seu reflexo,
se viu em si e no outro,

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

sentiu medo
e solidão.

Talvez,
ele seja só homem,
aquele que esqueceu
o que um dia,
outrora,
lembraria ser.

TEXTO 6

REFLEXÃO SEM PONTO FINAL

E o mundo parou
Eles se recolheram às suas casas,
Quem tinha,
E viram o verão virar outono
E verão o outono virar inverno
Recolhidos em suas casas,
Quem tinha

E a moldura limitada das janelas
Passou a emoldurar belas aquarelas
Fotografaram, todos, o mesmo por do sol
As telas alaranjadas viraram róseas
Com o passar das semanas

Ao fim do dia, de volta ao velho espelho preto
Mas o fim do dia já não era ao mesmo tempo,
O fim do dia, para muitos, virou amanhecer
Independente da hora, o brilho da tela vinha dando dor de cabeça...

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

O olhar para o mundo era entrecortado,
Uma colcha de retalhos,
Cada janela era um universo,
Uma família com suas leis, suas rotinas, sua gestão, seus credos
Seu governo, seus crimes, sua economia

Eles se confinaram
E, isolados,
conheceram seus conhecidos,
Se familiarizaram com seus familiares
E reviveram histórias não postadas
E jogaram jogos de tabuleiro

E, confinados,
Foram a shows
E invadiram a casa dos artistas por meio de lives
E a vida voltava a ter convivência
E descobriram a teleconferência
E conseguiram, finalmente, marcar aquela reunião com os velhos
amigos da infância
Que viviam ocupados com a vida adulta

E pediram benção para a avó
E assistiram a missa da Páscoa na televisão
Viajando até o Vaticano em um toque de controle remoto
E receberam a benção do papa

E descobriram novas habilidades
E fizeram cursos
E cuidaram da pele

ANA CAROLINA COLTRO

E criaram uma rotina de exercícios físicos.

Sem motivo,

Para mostrar pra ninguém

Uma vez do lado de dentro, estar do lado de fora era especial

Ir ao mercado era um esperado evento

E as poucas horas de incidência solar eram ouro,

Golden hour

Eles se recolheram

E viram pela televisão a guerra pelos respiradores

Porque oxigênio é o antídoto da peste

Eles finalmente sentiram o que a Terra vinha sentindo desde a Revolução industrial

O mundo asfixiava

Então, em baixo de uma nuvem de fumaça e fuligem,

Num planeta com falta de ar,

Eles viram as grandes fábricas de mísseis e automóveis pararem sua produção habitual

Para produzir aquela máquina

que fazia pelos doentes aquilo que eles primeiro aprenderam a fazer, ao nascer

Então, enquanto todos estavam em suas casas,

Quem tinha,

As ruas vazias assistiram o céu ficar cada dia menos cinza,

Um dia alguém jurou ter visto estrelas

E a noite virou dia, iluminada pelos astros que outrora se negavam a dar as caras

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

E o vento soprou forte!
E a sorte sussurrou otimista!
E a ciência teve êxito e foi reconhecida!
E os canalhas mesquinhos e genocidas se calaram!
E a primavera chegou!
E a terra floresceu!

Eles saíram de casa...
Choraram seus mortos...
Mudaram as rotas...
E seguiram de maneira mais sustentável um novo rumo...

Mas os ventos eram mecânicos
E as engrenagens me acordaram

Barulho de despertador
Barulho desesperador
Mais um dia de home office
Mais um dia de EAD
Que dia é hoje?
Ninguém mais conta os dias para o fim de semana
E a vida virou uma grande frase, sem ponto final à vista, sem conclusões,
Tudo era súbito, incompleto ou reticente

E o lar virou prisão
Prisão domiciliar
Por um crime que ninguém cometeu
Mas todos fomos cúmplices
E a pena variava entre tortura psicológica pelo ócio ou isolamento
claustrofóbico na solitária,

Até mesmo pena de morte por asfixia

E, ainda em suas casas,
Quem tinha,
As aparências pouco importavam,
O outfit da blogueirinha era pijama,
E o álcool caro das garrafas ostentadas passou a ser o álcool em gel
E as fábricas de cosméticos começaram a fabricar esse novo item de luxo

Mostrar o rosto em selfies
Deu lugar a cobrir o rosto com máscara
Não que fosse diferente antes,
Mas antes era para transmitir boa impressão,
Agora era para evitar transmitir qualquer coisa

Em tempos de corona vírus
Quem tem coroa não mostra a cara
Tem que cobrir o rosto
E também não é, necessariamente, rei
Mas pode ser
Ou um primeiro ministro
Que lavou suas mãos

E a saliva do beijo orvalhado
Virou nociva
Sentencia de morte
Não que outrora fosse diferente
Mas antes era por capricho
Hoje é só consequência

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

E os grandes entraves do século
A reforma da previdência
O tratamento e prevenção de doenças crônicas de agora:
Diabetes, obesidade, hipertensão;
Todos os entraves que não foram resolvidos por bem
Começaram, infelizmente e subitamente, a serem resolvidos por mal

E nos hospitais
A correria do código azul
se intercalava com a tão esperada pausa verde
Durante a qual todos iam para o corredor aplaudir mais um paciente
que recebia alta
Para depois cobrir com lençol branco mais um corpo pálido
Por vontade e escolha que não era mais de Deus apenas

E os corpos sem vida se multiplicavam
Não que fosse diferente antes
Mas antes eles tomavam antidepressivos e se mantinham produtivos
Agora eles desfaleciam com tosse não produtiva,
Perdendo o paladar e o olfato de forma não psicossomática,
Até pararem de respirar, não por suicídio

E a campa virava rara
E a vala era cavada cada vez mais rasa
Com pressa
Sem choro
Nem reza
E o fim da vida era aviltado.
Mas antes só era enterrado como indigente quem não tinha casa
Hoje quem tinha também.

E não havia plano de gestão de óbitos
Que ajudasse a digerir as perdas

E o júízo final se aproximava
E o vulcão adormecido entrou em erupção
E teve tremores na Espanha
E redemoinhos no leste europeu
E mar de ressaca em Ubatuba

E, em tempos de más notícias,
Eles atacaram os jornalistas,
Como quem arranca os olhos para evitar uma vista devastada e inconveniente

E a retrospectiva retomava 1929
E o dinheiro não valia nada
E os cofres se quebravam
E nenhuma grande fortuna compraria, de última hora, um sistema de saúde público, gratuito e bem estruturado
E até os países mais ricos ouviriam, com os olhos marejados, o sino das igrejas anunciando os mortos do dia
Seguido do silêncio
de resignação ou de inquietação
Diante da consciência da impotência humana
E do tamanho minúsculo de tudo aquilo que era tido como importante
Em um novo mundo que só da abertura àquilo que é essencial

TEXTO 7

MEMÓRIA

Ódio sem sentido
Deixa confundido
Este coração

O embate entre o conhecido
E o sem sentido
Desprezo à razão

Os sofrimentos tangíveis
Tornam-se insensíveis
Em meio à negação

Mas as coisas findas
Que foram de alguém lindas
Suas memórias persistirão

TEXTO 8

irei dormir
enquanto o ir e vir
limitar-se a
ir embora
vir a padecer

me acordem
quando for a vez do
ir para fora
vir a ser

TEXTO 9

quase nada fere tanto
quanto a feira de espanto
consecutiva
cotidiana

TEXTO 10

todo fim de tarde
espero
o vento passar
e tocar o meu rosto
imaginando
se esse é o mesmo ar
que tocou o seu

TEXTO 11

dia noite
noite dia
noite noite

entre o dia que passa
e a noite que fica
eu não sei mais o que se
esconde
atrás do tempo

olho pelo espelho
vejo marcas
vejo contornos
vejo linhas
vejo quem?

TEXTO 12

NOVO COTIDIANO

Uma paródia de Cotidiano, por Chico Buarque

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Se sacode às dez horas da manhã
Pra engolir qualquer rede social
E um café pra tentar se manter sã

Todo dia ela ouve “é pra se cuidar”
Coisas que só não ouve quem não quer
Diz pra avó que espere tudo acabar
Pede que não desista da sua fé

Todo dia eu só penso em poder andar
Meio dia no sol na multidão
Depois penso na vida pra levar
E me calo com a resignação

Seis da tarde não aguenta mais esperar
Ela pega e aperta a própria mão

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Diz pra si que há muito pra sonhar
Pede a si que não chore mais em vão

Toda noite ela sente tudo afastar
Meia-noite ela esquece o que é calor
E aperta com força o celular
Quando abre a foto do avô

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Se sacode às dez horas da manhã
Pra engolir qualquer rede social
E um café pra tentar se manter sã

TEXTO 13

FRAGMENTADA ENTRE TEMPOS

No meio da rua, o calor evapora gotas de suor dos transeuntes. A cidade se desdobra em ebulição para esboçar os novos rumos da Economia Mundial. Numa reviravolta da revolução das últimas décadas, crianças deixam as tecnologias em casa para brincar nas ruas. Aos tropeços, reaprendem a andar e a interagir socialmente. O ar parece temporariamente mais límpido, não se sabe se pela escassez prévia de carros ou se pela redescoberta da respiração. Os lixos que se encontram nas ruas remontam de outra era, como peças de um acervo de museu. De longe e no céu, o canto dos pássaros anuncia a libertação. A primeira batida do relógio declara 13:00.

Ela teria que correr muito para cruzar a cidade em 30 minutos. A entrevista para o novo emprego estava marcada para as 13:45, e ela ainda não tinha almoçado.

Será que posso comer fora de casa?

Arriscou. Caçou entre os moletons uma roupa minimamente séria e saiu. Não pode deixar de parar e observar tudo o que se apresentava naquele dia. Um espetáculo - disse, do que outrora era seu cotidiano. A contemplação foi interrompida pela segunda batida do relógio, apontando 13:15. Desistiu do almoço e foi para o metrô.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

No metrô, tudo estava como antes, mas as pessoas pareciam ter se esquecido da disposição e funcionalidade dos objetos. A fila era imensa, e isso lhe custou mais alguns minutos. Quando finalmente conseguiu entrar no vagão, foi invadida por uma onda nostálgica de todos os lugares que visitou na cidade a partir do metrô, todos os bons amigos que encontrou e até os romances que não deram certo. Tudo voltava mais rápido do que a velocidade do trem. Absorta em lembranças, perdeu a estação em que precisava descer. Saiu correndo do vagão para pegar o sentido contrário, mas a terceira batida do relógio a impediu.

O despertador toca.

São 8:30.

Hoje é mais um dia, mais um daqueles dias. Quando não se decide se o sonho é libertação ou tortura. Se é um anúncio de vida melhor ou se é só um punhado vivo de esperanças.

Ela acorda tremendo para fechar a janela. Deixou-a aberta para que sentisse algo nem que fosse o vento frio da noite passando entre suas coxas. Então liga a televisão para qualquer presença ocupar o vazio da sala de estar.

E mesmo com tudo insiste na promessa de um novo dia, mesmo que janelas abertas não sejam espaços abertos. Mesmo que vozes digitais não acalentem ouvidos carentes. Mesmo que os sonhos não aqueçam todas as noites frias. Mesmo que lembranças não ocupem dias vazios.

E desligou o despertador do dia seguinte.

TEXTO 14

?

Nessa quarentena não tenho feito muitas coisas interessantes. Não aprendi uma nova língua, nem escrevi um livro, fiquei maromba ou toco um novo instrumento. Na verdade, tenho sido um pouco difícil. A gente fica muito tempo em casa. Aulas na velocidade de dois. Acaba sobrando um tempo ocioso que não existia na rotina.

Num primeiro momento isso foi legal. Foi bom dormir mais, conviver mais com a família. Para uma pessoa ansiosa, isso pode ser tempo livre demais pros pensamentos viajarem pra onde não devem. Eu já tinha crises de ansiedade. Isso não mudou com a quarentena. Mas agora algumas vêm com flashes. Flashes de memórias ruins que eu não sabia que estavam ali. Coisas que eu me esforcei muito pra nunca pensar, nunca lembrar, fingir que não existiam.

Começaram a voltar lembranças.

Um dia na piscina do prédio. Eu e minha amiga de infância. Talvez 11 anos. Céu quase escuro. Dois garotos mais velhos chegam. Um loiro um moreno. O loiro tinha uma cara de mal que não me era estranha. Ele vinha perturbando minha amiga fazia um tempo. Ele chegou e começou a ir pra cima dela. Ela parecia incomodada e queria sair, mas ele estava segurando-a.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Eu fui ajudá-la, mas o amigo dele me impediu. Ele me segurou e encostou seu corpo no meu. E o flash parou aí. Eu não sei o que aconteceu depois.

Eu lembro de outro dia. Estávamos rodando pelo prédio, brincando. Ele estava com os amigos malhando. O vimos através da porta de vidro. Ele só verificou se não tinha ninguém olhando e mostrou o pau. Fomos embora assustadas. Eu estava com tanta vergonha.

Outro dia, nos fundos do prédio, no gramado. Estava escuro. Eu estava brincando com a minha amiga. O dito cujo chegou com uns amigos. Ele levou minha amiga pra longe. Eu fui atrás dela. Os amigos dele me agarraram. Eu tentei me soltar, bater neles, mas eles eram mais velhos e muitos. Ficaram me derrubando no chão enquanto ele estava com ela. E eu não sei como essa noite terminou. Tudo vira um borrão. Eu só não sei como isso terminou. Não acho que terminou e não parece uma das mentiras que a ansiedade conta.

Confrontaram os pais do menino. Aquela tradicional família brasileira. “Comassim, meu filho não fez isso, pô”.

“Sua filha que está mentindo”.

“Mulher tem de aprender a se dar o respeito, só é estuprada por causa dessas roupas curtas, o homem não tem como se conter”.

“Mereceu” - essa é a frase que mais dói.

O pai dela também era um “machão”, de boa família, saiu duvidando da própria filha. Brigou com ela. É a história acabou assim.

Porque é assim que se ensina as meninas. Se dê o respeito! Não use decote! Roupa curta é coisa de puta! Mas também, com aquela saia, ela tava pedindo! Se ensina as meninas a serem submissas. Meninas boas, de família, casam com bons rapazes, de família, tem bons filhos, de família, que aprendem dentro de casa que se bate na mãe e que mulher que não se dá o respeito pode ser estuprada. Não é culpa do homem, afinal a roupa era curta.

Eu criança fiquei tão intrigada. Eles falavam tanto que eram “de família”. Eu fiquei pensando como eu amava minha família e como família era

uma coisa boa pra mim. Ele ficava falando tanto isso, e eu só não entendia. Hoje eu vejo que é possível que tenha algo de errado com a família.

É engraçado como toda mina tem uma conhecida que sofreu com isso. Mas nenhum cara tem nenhum amigo agressor. A conta nunca fecha.

Me desculpe se os pensamentos não tem conclusão e as lembranças não tem final. Acho que é assim que eu me sinto sobre isso. Já faz 8 anos. Eu não sabia que isso me doía. Eu não sabia que isso ainda me fazia ter crises de ansiedade. Isso me faz ter medo de beijar minha namorada. Às vezes eu estou com ela e eu começo a chorar. Eu tenho medo de ser remotamente parecida com eles. Eu tenho medo de coagir a fazer algo que ela não queira. Tenho medo que ela se sinta no dever só porque é minha namorada. É a primeira vez dela com uma garota. Eu não quero estragar tudo.

Desde que a quarentena começou eu tenho tido pesadelos. Eu lembro desses dias. Eu tenho uns sonhos bizarros e horríveis. Talvez sejam os remédios. E eu fico revivendo isso. Eu não sei como superar. Eu tenho tanto medo.

A minha amiga desenvolveu depressão. Ela nunca conseguiu estabelecer um relacionamento bom com o pai dela. Ela nunca conseguiu desenvolver um relacionamento

TEXTO 15

SENTIDOS

Silêncio.

Lembro-me de quando me mudei para São Paulo, nunca tive noites de sono tão silenciosas como aqui. Parece que todas as janelas são à prova de ruídos. Mais uma vez acordo sem o alarme do meu celular que, por ter o mesmo som há tanto tempo, parece que ouço sem mesmo ter tocado.

Vou ao banheiro e lavo meu rosto. Me sinto estranha. Parece que meus olhos acordaram embaçados, não enxergo direito meu reflexo. A água já não está tão gelada e não me importo mais com o vento congelando minhas mãos molhadas. Que saco, o chuveiro está pingando de novo.

É café. Preciso de um café.

Caminho até a cozinha enquanto meus pés estalam a madeira do chão. Não acredito, esqueci a janela da cozinha aberta. Mas hoje, apesar de ser uma típica manhã de outono em São Paulo, não está gelado. Só ouço o barulho de um carro passando na rua, que já não é mais tão movimentada quanto antes, e seu som ecoando nas construções ao redor. A vizinhança aqui tem um grande vão entre os prédios, e qualquer barulho fica amplificado umas mil vezes. Geralmente minhas refeições têm um tempero de bola batendo no pé e de exclamações agudas de crianças vindas da quadra.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Sem contar que algumas vezes por semana eu ouvia muita gente cantando parabéns, já que tem um buffet infantil compondo esse vão. Hoje minhas noites de quarentena não fazem mais aniversário.

Coloco a água para ferver. Preparo o filtro, a garrafa térmica, e o pó de café. Nem mesmo o cheiro do pó de café, de que sempre gostei tanto, é capaz de me despertar. Parece que ficou sem graça. Vou pegar uma fatia de pão do pacote. É engraçado, a minha mãe tem muita aflição do som do pacote do pão. Ela diz que a mão amassando o plástico chega nos ouvidos com uns estalinhos que incomodam muito, parece que estala seu ouvido. Eu não tenho isso, e também nunca ouvi nada parecido nas minhas aulas da faculdade. Enquanto passo manteiga no pão, a água já ferveu.

Como vocês sabem que a água ferveu? Eu presto atenção no barulho das bolhas subindo e estourando. Tem gente que acha que cozinha é só cheiro e sabor, mas uma vez eu estava fazendo arroz e deixando o alho queimar e meu pai foi logo abaixar o fogo: “você não ouviu o barulho do alho queimando?”. Não entendi nada, mas ele sabe das coisas né. Ele me ensinou que não precisa nem olhar para o bife fritando, é só prestar atenção no “tchiuiushti” para saber a hora de virar. Não está satisfeito ainda? Tá bom. Você já fez pipoca? Se você não prestou atenção no som, você já queimou pipoca, isso sim.

Ponho o café na caneca e levo café e pão para a escrivadinha. Café com pão café com pão café com pão. Hoje quase não uso mais a mesa para comer. O café da manhã já é do lado do computador e, quando tenho aula à tarde, almoço em frente à webcam, porque o nosso horário de almoço não é suficiente para preparar a comida e almoçar. Bendito seja o bandejão. E nada diz mais “manhã” do que o levantar da persiana e o abrir da janela. Sabia que eu percebi que tem árvores na rua aqui de casa? Tudo bem, eu já tinha ouvido o pessoal cortando galhos e caminhões tirando troncos caídos depois daquelas chuvas intensas. Mas foi escutando os passarinhos enquanto estudo que eu descobri que ainda tem árvores

por aqui. E não são poucos passarinhos não. Tem uns cantos diferentes, mas nunca consegui ver de onde eles vinham. Nas buscas para tentar identificar um pássaro, cheguei em partituras (partituras!) com cantos escritos. E como qualquer busca na internet, me perdi no caminho do meu raciocínio e nas várias abas abertas, então continuo somente com o som, e não com a imagem, do passarinho na minha cabeça.

Nossa, me lembrei de uma vez que ouvi uma briga na rua. Era uma mulher gritando. Fiquei congelada onde estava. Diferentemente de acidente de carro, que todo mundo vai correndo olhar na janela quando ouve a batida, a sensação foi de paralisação. Fiquei só prestando atenção no que ouvia, com o telefone do lado, para ligar para a polícia a qualquer sinal de alarme. Pareceu uma eternidade, mas acho que passou rápido e não deu em nada. Não sei se teria feito diferente hoje.

Onde eu estava? Tá, abrindo o computador. Eu estou até com dó dele. Não vive mais fora da tomada, porque nenhum computador aguenta oito horas de videochamada por dia. Eu uso fone de ouvido nas aulas para não fazer eco na chamada quando preciso ligar o microfone, mas mesmo com o fone, meu computador trabalha tanto que consigo ouvir o ar quente saindo dele e tenho medo de ele explodir. Tudo bem, o medo de explodir é exagero, mas juro que nunca ouvi ele trabalhar tanto assim. Espero que a gente aguente a quarentena.

O facebook já está aberto numa janela e, por hábito, começo a rolar a página enquanto tomo o café. Vídeos de cachorrinhos, anúncios estranhos, textos políticos, correntes da quarentena... Nada me soa muito atrativo, e meus olhos continuam embaçados. Vejo uma foto, parece uma UTI do HC? Tem um texto sobre um caso de covid.

Tá ouvindo isso? Não sei.

Tantos amigos e conhecidos trabalhando ali. É um relato de caso, uma mulher tomando coragem para passar o acesso central numa paciente. Ninguém queria fazer, estava muito difícil.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Que barulho é esse? Eu definitivamente estou ouvindo alguma coisa.

A paciente tem falta de ar, leio a descrição dos seus sintomas e minha cabeça está diferente, meus ouvidos se taparam como aquele som de quando o sangue sobe à cabeça.

Não é suficiente, ainda estou ouvindo.

Ela pede para alguém segurar sua mão. Por que eu leio essas coisas? Por que a gente lê essas coisas? O lirismo não tem hora nem situação para vir, e eu não sei o que eu não aguento mais.

Eu não aguento mais o barulho.

Foi uma dificuldade enorme, mas a moça consegue passar o central, tudo fica bem.

Na história. Em mim, o barulho ensurdecedor continua.

Que barulho é esse?

Ele é grave. É um som muito grave. É rápido, tão rápido que não consigo distinguir direito seus aspectos. Talvez seja mais de um barulho. Como pode ser tão abafado e tão claro? Eu já não sinto mais nada, só meus ouvidos funcionam. Eu preciso me concentrar. Tem partes, partes que se repetem. Se repetem? São iguais, repetições iguais e contínuas, sem fim. Sem fim. Ele não vai parar enquanto eu não entender o que está acontecendo. Elas se sobrepõem, repetições iguais que se sobrepõem, sem ordem. Graves, tão graves, e são muitas. Eu escolho uma delas para focar minha atenção. Consigo agora perceber suas partes rítmicas. Rítmicas? Rítmicas. Rit-mo. Rit-mo.

Meu ritmo.

São muitos.

Me acalmo.

Entendo.

TEXTO 16

A PEDRINHA DO ISOLAMENTO

De pé, com o gargalo guiado pelos meus dedos, a garrafa de cerveja gira sobre a mesa descrevendo movimentos sem ritmos, sem cadência, sem propósito. “Hello my old heart/ how have you been” é o que traz a música ao fundo. No canto da sala, o relógio mantém seu compasso, ciente de sua função, mantém certezas.

Certezas... Um plural de uma palavra que há algum tempo tem fugido com eficiência dos meus dedos. Foi ontem que olhei aquele musgo crescendo na árvore? Não, foi há um ano. Estava sentado num banco antigo de madeira, logo ali em frente ao teatro da faculdade. Enquanto isso, Renato Russo cantava em meus ouvidos o quanto a minha tristeza era tão exata e aquele dia estava tão bonito... Ah aquele musgo, crescendo em meio a tantas pedras, poluição e barulho. Nesse dia, contudo, construí uma certeza: a de estar feliz por simplesmente existir ao lado de pessoas, por compartilhar vivências humanas, tristezas, felicidades, jogar conversa fora e depois cair em prantos nos braços de um amigo.

Pensando em emoções, o que pode ser a felicidade se não, também, o ato de montar um caleidoscópio. Cada pedrinha é um momento, uma lembrança, uma pessoa. Ao girar, novamente sem ritmo

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

ou cadência, montamos imagens diferentes, imagens sobre as quais imergimos e voltamos à superfície, cada vez transformado, cada vez um ser mais único no tempo. Sou o resultado disso, a constituição dos ecos de relações moleculares, de pessoas que vieram, que foram, que insistem, que persistem. Um eco racional, um eco sentimental, reverberação de pensamentos, olhares dos outros e olhares meus, paranoias e neuroses, contentamentos e esperanças, um produto cujo molde não se atém apenas a mim e que, tristemente, pelo falho drive humano, esquece algumas pedrinhas ao longo do caminho. E eu já tinha esquecido de mim, mas aquele musgo aveludado virou uma memória recursiva que, assim como o mar - que traz alguns objetos de volta à praia - trouxe a mim, alguns caquinhos perdidos ao longo da vida.

Mas enquanto o deslumbrante musgo se desfaz em lembranças na minha mente, a música continua a tocar para meus pensamentos dançarem e vejo alguns rostos familiares, frutos do diálogo entre pares. Eles acenam para mim, pedem para remendar o caleidoscópio e, com isso, reforçar o porquê das minhas escolhas e dos meus interesses - minha esperança. São esses caquinhos perdidos do interesse, das escolhas e da esperança, que trazem a sensação de flutuar em uma madruza fria tomando uma cerveja; ou mesmo a de se aconchegar em um cobertor que afaga a alma e o silêncio. Não que este seja um silêncio de fato, mas, sim, uma paz que apenas a solidão pode fornecer. Uma sensação de potência, de conseguir se sentir inteiro, corpo e mente.

Sirenes na rua, porém, me trazem de volta ao material e, mais uma vez, o remendo se rompe. A angústia, a impotência de mudar imediatamente causas tão maiores que eu, o impulso de viver em prol de uma sociedade mais inclusiva e mais elementos que nem ao menos sei denominar. Tudo isso abarca meu ser e apenas manifesto uma chama que queima vorazmente, um ímpeto em agir, mas que em segundos se esvai com a sensação de incapacidade. E rapidamente, nesse momen-

to, no turbilhão de pensamentos provocado pelo som fora do meu alcance, já nem sei se estou pensando ou se ainda existo.

Esse som veio de uma ambulância. Mais um sujeito com falta de ar? Talvez seja alguém que, infelizmente, sofra das exclusões que permeiam a realidade. Contudo, nesse momento de aspirante a médico, sinto a exigência e a necessidade de se supor (supor não, “aventar”) hipóteses diagnósticas rápidas, mesmo em casos não urgentes; há a cobrança por aprender a fisiopatologia completa da doença “X” em pouquíssimo tempo, um aprender veloz e enraizado com siglas e nomes próprios. Assim, esses vão sendo alguns dos elementos que me impedem de raciocinar a emoção do contato humano e de imaginar o cotidiano de um possível paciente. E, então, o sujeito vai deixando de ter sua individualidade, de ser detentor de uma história própria, que não a da moléstia, a fim de virar um constructo bioquímico e produto da seleção natural, sendo a privação do compartilhamento de seus dramas e de suas demandas mais profundas o resultado de uma mente treinada para tanto.

Como amplificador desse mal, nesse caminho da objetificação única do viver, minha mente cria uma banalização da morte como quem sabe lidar com ela facilmente, ainda que ocorra com alguém próximo. Não sei quem está dentro da ambulância, mas, afinal, se passamos a ser encarados apenas como matéria, como reprodutores de uma lógica social e agentes passivos da vida, não me há outra sensação que não a impotência e o aguardo do compasso regrado do relógio natural. No entanto, sei que não passam de mentiras contadas inconscientemente para reduzir meu sofrimento cotidiano e, lá no fundo da alma, a vontade é apenas gritar, flutuar no passado e trazer aquela antiga paz de alienação, mas de maior humanidade e sentimentos, ao ser do hoje.

Mas não, simplesmente tapar meus problemas com a alienação não é do meu feitio e aquele musgo em especial, com sua magnificência do existir, reforça esse impedimento ao voltar novamente à minha cabeça e, por

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

um momento, coexistem a cerveja, a sirene, a medicina, o caleidoscópio e o musgo. Como trilhar um caminho contra uma corrente que me faz sentir sozinho? Será apenas criticismo constante meu? Ou, talvez, a falta de um olhar mais amplo sobre aqueles que me cercam? Qual a minha relação com a sociedade? A falta de sustentáculos e a angústia por encontrar um ambiente de pertencimento nublam minha mente, mas, sempre, algum estímulo inominável me faz girar o caleidoscópio, e giro.

Dessa vez, uma imagem distinta se forma devido a uma nova aquisição. Uma pedra de isolamento e de reencontro com meu ser aparece. Recente. Ressinto. Existo. Por um breve momento o espírito entra em erupção e extravasa sobre meu corpo a sensação de infinito, de ser capaz de conciliar o entendimento da subjetividade daqueles que me necessitarem com o conhecimento cartesiano e material que adquiero. Por um breve momento um caminho se mostra possível de ser percorrido e acalma meu ser. É um caminho fugaz, mas que traz a sensação de apenas eu poder percorrê-lo. Que pedra peculiar essa que me apareceu, que dialoga com meu ser a fim de polir as pedras já existentes e propõe lindas imagens a serem formadas, capazes de multiplicar a potência de caleidoscópios alheios.

Ao analisá-la, percebo sua peculiaridade e mistério. Apresenta faces espelhadas que se voltam a mim, faces translúcidas que permitem a passagem da luz externa e uma borda impossível de ser delimitada que se expande e contrai. Uma pedra viva? O musgo, com certeza!

Aliás, como estará aquele musgo nesse inverno?

TEXT0 17

ESTERILIZAÇÃO

Atira, atira a primeira do que tiveres,
Mas não porque tu nunca erraste em teus deveres,
Pagão caído, homem falido, erras demais.
Erraste tanto que tu te enterras como O Erro.
Mas tu acertas justamente em teu enterro:
Tu fecundas o esterco co' os restos mortais.

E aos embriões emplacentados nesta miséria,
Inquilinos da mesma terra em que a bactéria
E o verme pariram seus querençosos lares,
Tua partida é muito mais do que celebrada,
Que tua carcaça é entendida como adiantada
Ceia dezembrina aos incultos familiares.

Tu os livras de lidar com o inoportuno ao cerco
E inda fazes favor de enriquecer o esterco...
Tu partes daqui como o que nunca foste antes:
Alguém - mesmo que inda agora não genuíno -,
Que tu endossas a vantagem desse destino
Ao heroico assassino de teus semelhantes.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

O mundo é deles, e, nele, és o intrometido.
Não discutas, pagão caído, homem falido,
Tu erras demais porque sempre tu hás de errar.
Eles mataram-te, amor meu, da pior maneira:
Deixaram tua carcaça deambular inteira,
Mas tu eles fizeram questão de quebrar.

E o resto de ti que há em mim, o pequeno resto
Que fora forjado, amor meu, do nosso incesto -
Ó, o teu sangue anastomosado no meu -,
Fora forjado co'a tua morte, do teu parto -
Nosso sangue igual, pecado naquele quarto,
Com sangue puniu-se, amor meu... Por que co' o teu? -,

E mesmo sendo-me inda a severa clausura Ter guardada em mim
a tua gentil figura - Ó, que me tortura essa clausura severa
E que me salva paradoxo, gentilmente,
Que o que resta de humano, o que resta de gente, E, francamente,
o que distingue do monera,

É a morte ressonante de uma executada,
É a morte perfeita, feita co' a mão lavada,
Que o sangue morto inda circula no hospedeiro,
É a morte conjugada, em que o outro morre junto,
É a morte em que dois morrem com só um defunto,
É a morte pior que a morte, é a vida co' o seu cheiro -,

És inda o que de melhor eu consigo ser,
Que é custoso, amor, 'star morto e tentar viver,
Quando, inda mais, te veem como outro falho aborto.

Nunca nasceste aqui, tu não cabes aqui.
Se deste resto de mim que inda não morri
És o melhor, não cabes onde hei de cair morto.

Por que co' o teu sangue se foi nosso o pecado?
Por que só co' o teu se o meu foi de igual errado?
Eu finalmente entendi, e... Bem... É uma pena.
Acho eu, inda, que é a minha verdade absoluta.
Dividindo o luar co' o louco e co' a prostituta,
No consolo da noite, eis o que me condena.

Morreste a que eu entendesse esta terra imunda,
Lama nojenta que te afunda e afunda e afunda,
Até te imergir todo na norma do caos,
Até te confundir sobre o que é alma e o que é lama,
Até te enfermo pôr de si em tua própria cama,
Escada maldita de infinitos degraus.

Terra seca, Terra imunda de sofrimento.
Terra de crianças dormindo ao relento,
Terra da Rainha-mãe, nossa hipocrisia.
Terra seca, Terra árida, Terra maldita.
Se tu quiseses entender quem aqui habita,
O meio é perverso e um só: maldita empatia.

Só verdadeiramente entendemos o nosso.
O osso roído no outro não é o nosso osso:
Ele repugna, ele aflige, mas ele não dói.
A dor do osso roído só dói se o osso é teu,
Que se outro osso tiver sido o que a praga roeu,
Pena é o que sentes por quem cujo osso ela rói.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Se quiseres entender a dor do osso roído,
Prepara-te tua perna bem, homem falido,
Pagão caído, que roído o teu será também.
A dor só pela dor pode ser compreendida.
Por isso, amor meu, que tu perdeste tua vida:
A dor doída alheia de mim também provém.

Terra seca, Terra imunda de sofrimento.
Terra de crianças dormindo ao relento,
Terra da Rainha-mãe, nossa hipocrisia.
Terra seca, Terra árida, Terra maldita.
Terra-mãe de uma população parasita,
Terra onde a dor tem na empatia a freguesia.

Terra ungida do sangue das mortes ilesas,
Crescem-me nela as garras, crescem-me aqui as presas,
E a metamorfose em monstro é quase completa.
Urros se escutam neste caminho escolhido -
Que é ter fé na Terra ou dela ser entendido -,
Que a fé - maldita fé - não há mais neste poeta.

Monstros tornam-se os que decidem entendê-la,
Monstros tornam-se para sobreviver nela,
Nesta Terra imunda onde se abandona a fé,
Que fé alguma te permite crer no que aqui há,
Que, se tens fé, quiçá, na Terra - só quiçá -,
Terra esta não verás, tu vês o que não é.

Abandona-te tua fé e vê então a Terra;
Abandona-te tua fé e escuta então quem berra;

Abandona-ta, mas não a abandonarás.
A covardia que arde em teu peito covarde
Esfarela-te a coragem antes que tarde
Demais seja, e não consigas voltar atrás

De abandonar, co' a tua querida fé, em verdade,
Junto, o amor de tua obsessão, tua felicidade,
Sentenciando-te à maldita metamorfose,
Crescendo-te as presas, crescendo-te tuas garras,
Tornando-te um mais na necrose das amarras
Da necrótica verdade, que te a necrose

Própria exporá após teu a(l/u)to sacrifício,
Em sublime fim, em sublime benefício,
Se enfim abrires mão do que há de bom em ti,
Se enfim abrires mão do que há em teu próprio fim,
Do teu próprio futuro, tornando-te, assim,
Se enfim abrires mão como eu também abri,

Mestre e escravo deste amaldiçoado Presente,
Sentenciado a maldito ser eternamente
Ao mestre que o detiver pela Dor alheia,
Ao mestre capaz de entender o ser humano,
Ao escravo capaz de assumir-lhe o dano
A torná-lo seu como o sangue de sua veia.

Tu não abandonarás a fé que carregas.
Tua alma prefere permanecer às cegas
E morrer torpe, morrer besta, mas feliz
E amaldiçoada na realidade opiácea

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

A desnudar-se e compreender essa falácia
Que as fés não querem ver - minha também não quis.

Não, tu não abrirás mão de tua felicidade, assim como eu não quis abrir mão da minha. Mas cá estou, matado e sepultado vivo. Eis aqui o fim. Meu chá já me não serve mais, e a noite, minha querida noite, derradeiro teto dos que teto não têm, também já seguiu sem mim. Hoje eu entendo o mundo a duras custas, a caros preços, mas de nada adianta. Depois da esperança, a poesia é ainda a última que há de morrer, que almas perdidas, que almas sofridas ainda encontram nos versos o conforto que o mundo se lhes negou a oferecer. E a minha morreu. A minha começou a morrer quando te perdi nesta Terra seca, nesta Terra imunda à hora defunta em que eu me perdi junto, e tudo chegou a isto. Já me são meses de esterilidade, não consegui concluir, não consegui dizer alto o que grito dentro de mim... Acovardei-me, que dói demais; acovardei-me em segredo e levarei meu enredo para a cova comigo, que, quem assim sabe, se guardar minha morte a mim somente, quiçá haja um punhado de gente que me tenha visto viver? Que, se uma lembrança, por mais recôndita e qualquer que seja, de uma vida minha houver na mente de alguém, eu, da minha cova, saberei que existi.

E este fim que aqui há mudou muito... Que esta poesia eu começara pela estrofe final, que tive o descuido e a síncope de encontrar. Perceberás que é de fato diferente, que é de fato distante disto... Quando da esperança, quando da poesia, quando de ti ainda em mim, a despeito desta Terra seca, desta Terra imunda, eis no que ainda conseguia acreditar:

“Mas acalma-te, espírito, e vê se aproveitas
A rigidez da eterna cama em que tu deitas
A rigidez onde deitaste a fina e rasa
A intervir aqui fração de tua obra-prima...
Vê se a aproveitas, espírito, e olha a acima,
Que a chuva te enfim há de levar para casa.”

BRUNO ROMANO

Eu conseguia acreditar nesse fim... Quando tu em bocado ainda havias em mim, eu conseguia acreditar, eu conseguia ver, eu conseguia sentir meu retorno ao lugar que fosse, desde que tu houvesse lá. Sim, eu conseguia...

Mas,

Perdoa-me, amor meu,

Hoje este estéril não consegue mais.

TEXTO 18

KAMILLY

Finalmente Kamilly estava livre. Após vinte longos dias de internação, tendo se libertado dos ásperos tubos que arranhavam sua garganta a cada respiração e dos incontáveis fios que acompanhavam os batimentos do seu coração, estava pronta para voltar para casa e reencontrar aqueles que estiveram sempre presentes em seus pensamentos. Ansiosa para sentir o sol aquecer sua pele, a jovem menina saiu do hospital e se deparou com um mundo completamente transformado. O isolamento havia terminado, a preocupação cedia o espaço para a serenidade e todos pareciam estar conectados por uma sinfonia harmoniosa, capaz de transmitir a paz que muitos já tinham esquecido.

Tomada por aquela energia renovadora, foi direto encontrar seu namorado. Kamilly e Matheus se conheceram no jardim de infância e, desde o primeiro encontro, nunca haviam passado tanto tempo separados. A saudade era de tamanha intensidade que matinha aceso o seu desejo mais profundo de ternura. Os beijos flamejantes recheados de paixão, o toque tenro e apaziguador nos dias frios, as juras de amor ao pé do ouvido. A conexão, restrita ao ambiente virtual durante o isolamento, finalmente poderia se consumir na sua forma carnal e intimista, terminando em infinitas conversas sobre o futuro incerto.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Não poderia deixar de passar na casa de sua amada avó. Angustuada desde o começo da pandemia, a velhinha não saía mais de casa e sentia uma falta enorme de sua neta tão querida. Poderiam agora, muito mais unidas, refazer os quitutes saborosos do antigo livro de receitas, trocar histórias tradicionais de incontáveis gerações e tricotar cachecóis e conversas aveludadas, lembrando dos tempos de infância da menina. Kamilly conseguiria confortá-la, mostrando que o medo já havia passado e, com o fim do isolamento, os momentos em família se tornariam ainda mais frequentes.

Os amigos também fizeram parte daquele dia. Fez questão de bater na porta de cada um deles. Relembrou das risadas, das antigas fotos de viagem, dos segredos escondidos e das angústias compartilhadas. A jovem passou a ter a certeza de que todas aquelas almas, as quais haviam cruzado o seu caminho de forma tão inesperada e que permitiram a construção de verdadeiros laços fraternais, lhe forneceram a força necessária para superar, não só aquele, mas como todos os desafios que já havia enfrentado. E agora, depois de tanta espera, só queria estar mais presente, reuni-los em grandes celebrações, para poder abraçá-los, demonstrando o quanto valorizava a amizade de cada um.

Dias revigorantes como esse só poderiam terminar no aconchego de seu lar. Seu pai, sentado no sofá, espreguiçava-se em frente a televisão, que deixou de transmitir as trágicas notícias enfermas e retomou o seu papel confortante depois de um longo dia de trabalho. Até a bagunça dos brinquedos de seu irmão espalhados pela casa, que tanto havia lhe causado estresse, aparentava despertar sentimentos saudosistas. Sua mãe, na cozinha, acompanhava o relógio esperando o momento certo de retirar sua deliciosa lasanha do forno para, assim, reunir toda a família em um momento sagrado ao redor da mesa.

Mas, no final da noite, o telefone tocou. Tudo parou. Os beijos, as histórias, as celebrações e o jantar. Sua mãe atendeu, em uma mistura

de ansiedade e temor. Era do hospital. O médico veio lhe informar que, mesmo após tanto esforço, a companheira, neta, amiga, irmã e filha, não havia resistido àquela noite, partindo para um descanso eterno. Naquele momento a esperança foi quebrada, os sonhos desconstruídos e o pranto instaurado. A estatística que todos temiam fazer parte se concretizou. E o que parecia ser tão real por um momento, alimentou os sonhos da menina naquela noite, trazendo-lhe o conforto de que, em seu último dia, Kamilly esteve livre.

Crônica inspirada e em memória da jovem Kamilly Ribeiro, de 17 anos, vítima mais nova da COVID-19 no Rio de Janeiro em 15/04/20 - <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/04/15/adolescente-de-17-anos-e-a-mais-jovem-vitima-da-covid-19-no-rj.ghtml>

TEXTO 19

MEDITAÇÃO AO AR LIVRE

Enquanto comemorávamos vinte anos de século XXI, um sopro precoce apagou as velas. Aqueles que podem fecham-se em quartos porque longe de outros olhos é mais possível ficar recostado em uma parede branca vendo a água escoar pelo chão do chuveiro. Dois jovens, contra todas as recomendações, roubam um par de bicicletas e apostam corrida por doze dúzias de quilômetros até darem de cara com a costa. Assaz, tiram as roupas e não mergulham: apoiam firmes os ísquios na areia e respiram até ao infinito, atentos à sincronia das suas caixas torácicas. O médico finaliza seu plantão de vinte e quatro horas e deseja entrar no boteco junto à estátua de Santo Expedito, aquele das causas urgentes, mas retorna ao apartamento alugado onde vive próximo ao hospital e só; pelo celular, pede uma panelinha de sete brigadeiros, e nos espaços entre cada uma das bocadas ele fica em busca por algum pedacinho da dalmática de Deus. O motorista do ônibus vazio já aprendeu perfeitamente bem que dentro da maleta da senhora de limpa fisionomia tem uma caixa de joias repleta de medicamentos que estão cheios de água, açúcar e promessas. O tocador do sino tibetano está plenamente consciente de que hoje o mantra não vem da mistura entre o cântico de procissão e o latir dos

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

cães, mas de que ressoa sua acústica perfeita nas pequenas eremitas em seu beneficente resguardo. Quase no fim da fila, quem tira cor à natureza, o ladrão de ossos, deve empreender seu ofício no plano horizontal, de corpo muito rente ao chão; e se por acaso nossa paciência permitisse inspecionar o processo por mais de sete minutos, sem grande perspicácia poderíamos notar que seu pincel afoga a tela em cadência cada vez mais acelerada. A estudante de vinte e seis anos ainda está sentada de frente ao toucador, encarando fundos os próprios olhos, absolutamente indecisa: qual dos objetos escolher? Entre o batom alaranjado, a pistola nove milímetros, o pó de arroz e o crucifixo em ouro dezoito quilates há uma lonjura de dois pulos a galope.

TEXTO 20

MILHARES

As minhas perdas são supérfluas
Minha saudade é fútil
E o meu medo é pueril

Eles dizem que é um privilégio ser jovem
Tentam me convencer de que meu trabalho é útil
E já se foram mais mil

Eu consigo ler o medo nos olhares
E no olhar tento transmitir consolo
Pois todo sorriso virou um quadro vazio

Eu ando com pressa por todos os lugares
E quase sempre sinto que meu esforço é tolo
Pois já se foram mais mil

Eu quero proteger minha família
Mas também quero abraçá-los
Impossível escolher um só lado do vinil

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Eles nos aplaudem das sacadas
E eu quero acreditar que podemos salvá-los Mas já se foram mais mil
Milhares de lembranças da nossa insignificância
Lembranças dos nossos erros nas ruas
Nossos erros nas urnas

Milhares de histórias e sonhos
Milhares de vozes e amores
Milhares de vidas cruas

Eu quero honrar a profissão que almejo
Há tanta nobreza nos que vestem tal fardo
Linha de frente desse cenário hostil

Há esperança no futuro que eu vejo
E eu vou carregá-la ao meu lado
E que amanhã não se vá mais ninguém
Nem mesmo para valer a rima.

TEXTO 21

DIÁLOGO INTERNO

Quando a quarentena começou eu sabia que precisava de um plano. Ou pelo menos era isso que a minha lua em virgem me dizia. Eu precisava aproveitar essa oportunidade para fazer tudo aquilo que uma faculdade em período integral não me permitia. Usar esse período para o desenvolvimento da minha plenitude pessoal. Vai ser incrível! #ProjetoQuarentena começando! Estou animada!

Acordar - Estudos da faculdade - Almoço - Tempo Livre - Estudar espanhol - Exercícios Físicos - Tempo livre - Jantar - Praticar no teclado - Meditar - Dormir

No dia seguinte:

Depois de apertar 3x o botão soneca, desisto e desligo o despertador, acordando 3h depois. Parabéns, começou muito bem o dia! Tudo bem, dá pra consertar, eu só preciso diminuir um pouco o tempo livre para compensar nos estudos e ia continuar tudo dentro do plano. Mas onde arranjar motivação para estudar sendo que eu nem sei quando as aulas voltam? Ótima decisão, quando elas voltarem talvez você não se lembre mais onde fica o fígado e reprova em todos os estágios para dar uma refrescada na memória. Toc Toc! Quem é? É a prova de resi-

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

dência batendo à porta. Mas tudo bem, você sempre pode ser a última colocada e tentar no ano seguinte. Forçosamente reviso os conteúdos dos últimos estágios. Chega a hora do almoço, assisto TV enquanto como e penso em tirar um cochilo depois. Você ainda precisa estudar espanhol! Desisto do cochilo e pego o celular para abrir o aplicativo de espanhol, mas acabo abrindo o aplicativo de mensagens e as redes sociais antes, só para checar rapidamente as últimas atualizações. Todos parecem felizes e produtivos na quarentena e isso só me lembra que eu deveria passar menos tempo nas redes sociais. Fecho o celular. Lembro que eu precisava fazer algo no celular. Abro o celular de novo. Entro no aplicativo de mensagens. Não, não era isso! Espanhol! Isso, eu precisava abrir o aplicativo com as lições de espanhol. Abro o aplicativo e vejo que sou a última do ranking semanal de lições concluídas. Meu Deus, isso é muito chato, porque eu faço isso comigo mesma? Talvez porque você more na América do Sul, composta de 13 países, 12 dos quais tem espanhol como língua principal, além dos 400 milhões de falantes de espanhol no mundo. Ou talvez porque você precise se preparar para o mercado de trabalho no qual você precisa ter um diploma universitário incrível, falar 3 línguas e ter anos de experiência no mercado, tudo isso antes dos 30 anos, sendo que você já tem 25. Termina uma lição e penso em fechar o aplicativo. Olho mais uma vez o ranking e quase não subi nenhuma posição. Uma lição por dia não vai te tornar fluente em espanhol. Como você espera arranjar um emprego decente e sustentar seus filhos quando você não é capaz nem de aprender mais uma língua? Que filhos, pelo amor de Deus? Eu não tenho filhos, eu nem sei se eu quero ter filhos um dia. Ótimo, não tenha filhos, arranque seus ovários e jogue-os na privada agora mesmo! Imagino crianças loirinhas de olhos verdes correndo pela casa, felizes e bem alimentadas. Imagino as mesmas crianças morrendo de fome embaixo de uma ponte porque a mãe delas não conseguiu arranjar

um emprego decente para sustentá-las. Terminei mais 3 lições. Subo algumas posições no ranking. Espero que meus futuros filhos - não nascidos, não planejados, mas que talvez um dia existam, talvez não, talvez 1 ou 2, talvez adotados, talvez sei lá - fiquem de alguma forma orgulhosos por eu estar tentando me adequar ao mercado de trabalho para prover uma vida digna para eles. Hora dos exercícios físicos! Olho para a planilha que o técnico do futsal mandou e depois para os exercícios do karatê. Meu corpo inteiro dói só de pensar em tudo que eu preciso fazer. Não pense, apenas faça! Consistência e disciplina são mais importantes que motivação! Maldita positividade tóxica! Começo a fazer os exercícios. Escolho metade de cada um dos esportes, porque assim não preciso admitir para mim mesma que eu gosto muito mais de um do que de outro. A planilha diz para eu fazer 3 séries de 30 abdominais, mas 90 não parece um número redondo e isso incomoda minha lua em virgem, penso em fazer 2 séries de 25 ao invés disso. Britney Spears fazia 5.000 abdominais por dia no auge da carreira dela nos anos 90. Olho para o meu abdômen (nem um pouco parecido com o da Britney Spears no auge de sua carreira) e resolvo fazer mais abdominais. Tiro uma foto (na verdade acabo tirando muitas fotos porque nenhuma parece legal o bastante) pós exercícios para postar nas redes sociais esperando alguma dopamina em troca. Demoro mais do que eu deveria nos exercícios e com isso quase acabo com o tempo livre que tenho depois. Vou tomar banho. Faço uma esfoliação na pele porque parece uma boa forma de autocuidado. Autocuidado, é isso! #gratidão! Lavo o rosto e lembro que eu esqueci de assistir os vídeos para aprender mais sobre skin care. Abro o celular para colocar um lembrete sobre os vídeos de skin care. Nenhuma curtida na foto pós exercícios e conseqüentemente nenhuma dopamina até o momento. A serotonina por outro lado, está mais baixa que o Real no mercado financeiro. Você não pode deixar sua necessidade de aprovação con-

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

trolar a sua vida! Fique orgulhosa de si mesma por ter conseguido fazer os exercícios! Sim, claro, é isso que eu devo fazer. Coloco a culpa da minha necessidade de aprovação externa no meu marte em leão (nada de bom pode vir desse signo) e largo o celular. Janto enquanto assisto mais TV e mexo no celular de novo, com várias mensagens não lidas de vários grupos. Grupo de leitura, grupo da faculdade, grupo do ensino médio, grupo de música, grupo do karatê, grupo do futsal... Vontade de sair de todos. Por que tantos grupos? Porque socialização e convivência em grupos são a base da evolução da humanidade desde o período pré-histórico e... Ok, chega, não vou sair dos grupos. Respondo alguns, ignoro outros. Lembro que eu preciso tocar teclado e não tenho vontade nenhuma de pausar a série e sair do sofá para praticar. Eu sou péssima no teclado, não sei porque eu ainda insisto em tentar. Você vai continuar péssima se continuar assistindo TV no sofá. Mozart não assistia séries ao invés de praticar! Não existia TV na época de Mozart! Ótimo, passe o dia todo na TV, isso com certeza vai te ajudar muito na sua vida pessoal e profissional! Acrescente “zerei o Netflix” no seu currículo, talvez você seja contratada como CEO na empresa “Fracasso”. Me arrasto pro teclado e começo a ensaiar a música. Feito é melhor que perfeito! Como eu odeio a positividade. Continuo ensaiando até minhas mãos doerem e eu perceber que desincronizei totalmente os últimos compassos. Acho que é uma boa hora para parar. Daqui a um tempo você com certeza vai arrasar nessa música! Daqui a uns 100 anos provavelmente. Isso se eu não quebrar o teclado na minha própria cabeça antes. Estou de mau humor. Volto a assistir a série, mesmo sabendo que isso vai atrasar o meu horário de dormir. Ninguém precisa dormir 8h30 por dia. A série nem é tão boa assim, grande perda de tempo. Desligo a TV para dormir. Você esqueceu a meditação! Abro o celular e me distraio de novo com as redes sociais antes de finalmente abrir o aplicativo da meditação. Agora você

só precisa relaxar e seguir a meditação guiada. Tento me concentrar, mas começo a pensar em quantas horas eu tenho de sono até começar tudo de novo amanhã. A voz da mulher guiando a meditação deveria ser relaxante, mas o tom agudo de voz feminina só me deixa irritada e mais uma vez perco o foco pensando que a minha voz provavelmente é muito mais fina e irritante do que a dela e que eu não tenho direito nenhum de julgá-la. Você não devia estar julgando ninguém, deveria estar focada meditando. Tento iniciar de novo, me perco mais uma vez e desisto finalmente da meditação. Estou exausta, mas tão exausta a ponto de paradoxalmente estar cansada demais para conseguir dormir. Reviro-me na cama durante horas até que desisto de tentar dormir e começo a ler. O livro me entedia, troco de livro, termino o pouco que faltava de outro livro e me irrita com o final. Aceito que terei mais uma noite insone apesar do meu cérebro e de todo meu corpo ansiarem por um completo desligamento esperando repor as energias por meio do sono. Em algum momento acabo dormindo. Não sem antes chegar à grande conclusão do dia: Eu estava errada quando achava que precisava de mais tempo livre.

Eu precisava era tirar férias de mim mesma.

(o texto acima é fictício, baseado em uma pessoa e eventos fictícios e qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência)

TEXTO 22

RÁDIO

Quando eu tinha uns 7 para 8 anos, por incontáveis noites, enquanto toda a família se amontoava na sala para assistir o jornal ou a novela, eu ia para o fundo da nossa casa, onde existia um quatinho minúsculo, que meu pai reformou para se tornar o seu canto. Lá ele tinha instalado uma estação de radioamador.

Toda aquela construção para mim era espetacular. Eu me lembro que eu adorava me sentar ao lado do meu pai, apenas para ficar observando fascinado aquelas conversas, imaginando como viviam aquelas pessoas. Evidentemente, eu não tinha a menor ideia da complexidade dos fenômenos eletromagnéticos e meteorológicos envolvidos, e das inúmeras coincidências necessárias, para que houvesse a mais tênue possibilidade de duas pessoas tão distantes compartilharem aquele mesmo canal de frequências, naquele mesmo instante.

As minhas mais vívidas recordações de todas aquelas noites são: o balançar hipnotizante dos ponteiros analógicos, dançando ao som daqueles diálogos; o cheiro da fumaça dos cigarros Minister; e o timbre morno e aconchegante que somente uma válvula é capaz de produzir. De vez em quando, meu velho colocava uma dose de um whisky barato no copo, talvez para deixar a sua própria voz mais melodiosa. Ou

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

quem sabe isso era apenas um subterfúgio, para na verdade tornar os seus ouvidos mais seletivos. Existe uma recomendação entre os radioamadores que diz mais ou menos o seguinte: “Nós aconselhamos você a escutar. E quando você acabar de escutar, escute um pouco mais.”

Na grande maioria das vezes, aqueles encontros eram acidentais. Os operadores de radioamador estavam resignadamente submetidos ao nível da atividade solar, e às caprichosas flutuações da ionosfera. Para conseguirem um contato muito distante, frequentemente transcontinental, os sinais trocados entre as duas estações precisavam realizar múltiplas reflexões na ionosfera, antes de finalmente chegarem ao seu destino. Muitas vezes, dada a procedência do interlocutor, as conversas se davam em outro idioma, espanhol ou inglês. Mesmo que eu não pudesse compreender o conteúdo daquelas falas, era nítida a alegria das pessoas ao conseguirem estabelecer o contato. O respeito e a cordialidade eram o padrão. A própria construção tecnológica daquele meio de comunicação (que faz com que apenas um dos usuários ocupe o mesmo canal de cada vez) implica na alternância compulsória entre falar e escutar, e conseqüentemente favorece uma troca de opiniões civilizada. Mas eu suspeito que, no fundo, era a improbabilidade daqueles encontros o que os tornava tão preciosos, e fazia com que as pessoas os tratassem de maneira tão zelosa.

Há várias semanas, desde que nos impusemos a atual quarentena com vistas a enfrentar a propagação do SARS-COV-2, foi impressionante observar o fluxo de comunicação entre as pessoas. Para mim, o mais intrigante não é apenas o imenso volume de informações, mas sim o conteúdo e sobretudo o tom.

É impossível contabilizar o sem-número de opiniões que li ou ouvi durante estes últimos dias, nas mais variadas áreas, varrendo desde a microbiologia até a economia, passando por epidemiologia e farmacologia, gestão hospitalar, psicologia, neurociências, nutrição,

educação física e monetária, esoterismo, geopolítica, história, engenharia biomédica, entre muitas outras. Frequentemente estas pessoas iniciavam suas exposições apresentando suas credenciais e algum elo entre suas áreas de expertise e a atual pandemia. Suas origens remontavam a diversas partes do mundo, e suas patentes variavam desde o nebuloso termo “especialista”, até vencedores do prêmio Nobel. Além, é claro, dos entendidos nos grupos virtuais dos quais eu faço parte.

Independentemente de seus títulos ou nacionalidade, a imensa maioria deles se expressava com uma convicção ferrenha, inabalável, que invariavelmente era permeada por algum interesse paralelo – seja político, econômico ou pontualmente estratégico, e que transportava o debate para um campo de batalha ideológica. Neste cenário, para tentar vencer as guerras retóricas, suas táticas se concentravam em encontrar algo ou alguém para ser culpado, declamar estatísticas (mesmo que incompletas) que corroborassem suas teses, além de enumerar bons e maus exemplos, respectivamente a favor e contra suas argumentações (mesmo que ardilosamente selecionados). Seus interlocutores, que a partir de então se tornaram aliados ou oponentes, se apoiavam nas mesmas estratégias.

Nem o curto período de tempo transcorrido desde a descoberta deste vírus, nem a complexidade das circunstâncias de sua origem, nem o fato dos mecanismos de propagação ainda estarem sendo estudados, nem o pesar de ainda não haver estratégias consolidadas de tratamento e contenção desta peste, nem mesmo a miríade de catástrofes que estão sendo deflagradas por esta inédita e bizarra situação, nada disso foi capaz de fazê-los se acanhar.

Ao que tudo indica até aqui, no final de 2019 uma única partícula viral, numa cidade chinesa até então completamente ignorada pela população ocidental, conquistou a capacidade de invadir e explorar células humanas para a sua própria replicação. Alguns poucos meses

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

depois, esta microscópica mutação causou centenas de milhares de baixas e conseguiu paralisar diversas atividades de toda espécie humana. De quem é a culpa? Dos comedores de morcegos? Ou do exército chinês? Ou deveríamos culpar a baixa fidelidade da enzima polimerase? Ironicamente, sem a ajuda desse tipo de falha, talvez ainda fôssemos apenas organismos unicelulares. Seria então Darwin o culpado?

Não poderíamos estar vivendo um exemplo mais didático e cristalino de que nossos destinos estão intrinsecamente atrelados a eventos tão minúsculos e tão remotos. Nossa exposta fragilidade deveria nos impor uma nova perspectiva. Essa experiência deveria nos trazer humildade. Diante de acontecimentos tão recentes e ainda marginalmente investigados, deveríamos nos abster de nossa habitual empáfia, deveríamos proferir menos certezas e sim elaborar mais perguntas, deveríamos tentar ouvir mais do que falar. E mesmo quando houver algo importante ou necessário a se dizer, deveríamos nos concentrar em baixar o nosso tom e procurar usar um timbre morno, em face de tantas perdas, incertezas e desespero. Só assim nossas mensagens serão capazes de atravessar os vastos e tempestuosos mares que nos separam. Muito pior do que o isolamento físico é a quarentena de ideias e de sentimentos.

A inteligência é extremamente rara no Universo. Como escreveu um sábio: “Se um humano discordar de você, deixo-o viver. Você não encontrará outro em cem bilhões de galáxias.” Nossa espécie conseguiu acumular uma impressionante monta de conhecimento e poder. Mas ainda nos falta muita sabedoria. Se insistirmos na nossa vaidade e nas nossas atitudes beligerantes, nós certamente iremos nos aniquilar. Àqueles que continuam em suas cruzadas, atentem-se para o fato de que o inverno está chegando. E sob muitos aspectos este será um inverno siberiano. Não é prudente lançar-se em uma campanha bélica sob as barbas brancas do Inverno Russo. Os que ousaram marchar através da Rasputitsa não encontraram nada além de arrependimento, loucura e morte.

Esta noite eu não quero convencer, nem ser convencido. Me sinto como um quinto Ramone, cantando Merry Christmas. Eu simplesmente não quero discutir. Eu decidi que vou apenas escutar. E quando eu terminar de escutar, eu vou escutar um pouco mais. Eu me servi de uma dose, e liguei aquele rádio novamente. Uma vez mais, eu preciso contar com o acaso, com o estabelecimento das condições ionosféricas ideais que permitam a propagação destas ondas, e com a sensibilidade necessária na distante antena receptora para conseguir captar este sinal.

Após algumas palavras finais, se você me permitir, eu serei apenas ouvidos.

#PTT

- Tut mir leid, Kiddo...

Câmbio final.

TEXTO 23

NÃO DEIXE O DIA MORRER

Acordei. Levanto, não sei que horas são, mas sei que é cedo. Meu pai solta um grito da cozinha. O café da manhã está na mesa então, são 8 horas e meia. Depois de aposentado, ele mantém de forma religiosa os deveres de casa. Faz o café, almoço e jantar. Dia após dia, as vezes um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, mas pontual. Porque se não depender do meu pai, meu dia se divide em dois, em escuro e claro, se ligo a luz do quarto ou não.

Alimentado, volto para o quarto, como um urso que volta a sua caverna para hibernar. Mas diferente do urso, minha hibernação é diferente. Sento na frente do computador. Abro slides, vídeo-aulas, agendas e anotações. Estou pronto para continuar minha graduação, estudar e absorver conhecimento que nem uma esponja. Agora tenho certeza do tempo. Dura 15 minutos. Desligo tudo. Minha hibernação não é diferente da do urso, deito e durmo. Porém, meu inverno só dura até a próxima chamada do relógio, ou melhor, meu pai me chamando para almoçar.

Meio dia e meia. Aquele almoço farto, que necessita a siesta. Uma vez ouvi a reflexão de um tio que foi para a Itália fazer uma viagem. Esses tios ricos, que todo mundo tem, que contam histórias de viagens nas reuniões anuais de família. Estava ele pedalando, porque ele é rico

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

e pedala na Itália, não faz nenhum sentido, mas enfim. Estava ele pedalandando, quando parou em uma cidade do interior lá pelas 15 horas de uma terça feira. A cidade era vazia com todos os estabelecimentos fechados. Primeiramente, estranhou muito, diz que até sentiu medo. Mas achando um posto de conveniência aberto, soube que a siesta era algo não-oficial oficial. Todos paravam depois do almoço para dormir. Ele ficou perplexo. Como uma cidade inteira pára para dormir em plena terça feira? Pensa e pensa, e chega na seguinte conclusão. Isso é qualidade de vida. Não ter prazos, metas ou problemas que atrapalhem o maior, ou se não, um dos maiores prazeres da vida, o cochilo de bucho cheio. Hoje, 14 horas e 37 minutos, tenho a melhor qualidade de vida do mundo. Deito e durmo.

Dessa vez tenho o relógio natural que me acorda. Aquele susto, um pulo na cama, sem entender nada. Não saber o dia, o lugar em que se encontra. Não saber quem você é ou o que faz. A luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou, e agora José? Tenho uma teoria metafísica. Sócrates surge com o jargão “só sei que nada sei”, após uma mousaka no almoço e uma deliciosa siesta, que o faz acordar indagando as realidades transcendentais do mundo sensível.

Já estou de pé, energizado e focado. Hora de voltar a estudar, porque preciso aprimorar meu conhecimento e me tornar um profissional exemplar ou talvez porque meu pai veio pegar no meu pé. Eloquente, irônico e retórico me questiona como vou me tornar um médico se não estudo. Porque o conhecimento nunca é o suficiente e blá blá blá. Aceito, sento e tento decorar todos os ossos do cingulo escapular, os músculos e articulações. The winter is coming, ou melhor a prova está chegando. E com a geada, vem o desespero, a ansiedade, o nervosismo de tentar se provar conhecedor e digno de se tornar médico. Então, nada melhor como uma prova que vem como uma tempestade para me incentivar a estudar. Assim, vou pesquisando e absorvendo

conhecimento por meio de slides, vídeo-aulas e o google, a santíssima trindade do ensino à distância.

Novamente, meu pai vem ao meu quarto, agora manso e com a voz aveludada. Me pergunta se não quero jantar. Digo que estou focado, no embalo e que só sairia quando terminasse tudo. Ele com o olhar de aprovação, consente e me deixa. Dura 30 minutos. E lá estou eu indo abrir a geladeira procurando algo para comer. Meu pai me pega de surpresa, e aquele olhar de aprovação e respeito se transforma em riso e deboche.

E volto, como o cão arrependido, para minha caverna. Hibernar ou buscar a luz? O mito da caverna traz à tona essa dualidade. Sentar-se de frente à parede e ver as sombras imensas que trazem ilusão e medo ou enfrentar a luz, sofrer a dor do ofuscamento, mas obter a verdade? Mais especificamente, aceitar a ilusão de que ainda há tempo para estudar e descansar a cabeça no travesseiro junto do fiel escudeiro Netflix ou sentar na frente do computador, ler mais e mais slides, ver a vídeo-aula na velocidade 2x, sofrer dores de cabeça por estar recebendo informações de mais e conseqüentemente, obter a luz do conhecimento e concretizar um mínimo de sucesso na prova? Como Shakespeare diria, eis a questão. Pois bem, talvez eu tenha distorcido um pouco a literatura.

E assim, esse dia se acaba. Pode ser hoje, pode ser amanhã ou podia ter sido ontem. Esse dia, essa rotina, essas questões se repetem na quarentena. As minhas dores se resumem na maior dualidade de qualquer estudante, dormir ou estudar. Porém, para outras pessoas são outros infernos, ou os outros são o inferno. A quarentena pode potencializar essas questões e reflexões, cada um com sua idéia, e pode acabar por criar um monstro. Cabe ao indivíduo decidir se esse monstro será o dominador ou dominado. E novamente caímos em uma dualidade, chega. Em qual episódio eu tinha parado?

TEXTO 24

DIÁRIO

tenho essa coisa de me apegar
à construção do diário
- não em sua forma literária,
mas sim naquilo que lhe cabe de previsível.
gosto do que é esperado
do que se anuncia antes de vir
do que não surpreende.
gosto do pão-nosso-de-cada-dia-nos-dai-hoje,
do dia-a-dia,
do face-a-face,
do tête-à-tête,
ou qualquer outro termo tomado
da nossa língua e de outras.
gosto desse jeitinho ligado por hífen sem nada que interrompa a conexão.
gosto do ponto quando lhe cabe,
mas geralmente prefiro o fluxo
de consciência
de pessoas
de afetos.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

gosto do contato, do que liga,
do que toca,
do que sente e se deixa sentir.
mas a isso
não cabe nada além da observação
- antes ativa,
e agora cada vez mais inerte.

um dia como outro qualquer
eu acordei com o celular tocando
e uma voz que me acostumei a ouvir desde quando me fiz gente
me falou
“vem pra casa. não se sabe o amanhã.”

eu passei meu café, troquei de roupa, cuidei das plantas.
saí pra correr.
lavei a roupa.
“arrumou suas coisas?”
estendi no varal porque não acreditava
que era possível que minha camisa ainda estivesse molhada.
eu tinha posto pra secar, como sempre faço,
e ainda não secou? não podia ser.
“você tá bem? traz roupa pra passar um mês, nunca se sabe”.
como minha roupa tava molhada.
olho pra minha irmã e falo
que alguma coisa tava fora do lugar
a máquina não mais secava
eu não mais ouvia
e não lembro das horas seguintes.

DEIVID DÉDA

lembro, porém, que me recusei a fazer uma mala.
três camisas, um short, meu livro e um computador.
uma semana e volto, né?
eu acho que sim. e se não for, eu faço ser.
uma semana e estou de volta.
ao pão-nosso-de-cada-dia-nos-dai-hoje,
ao dia-a-dia,
ao face-a-face.

entrei no avião.
cheguei em casa. mas não era mais minha.
procurei em todos os cômodos e não tinha rastro de gente por ali.
demorei quinze dias pra ver minha mãe.
“seus avós não estão por aqui, você sabe como são teimosos.
quer visitá-los?”

e eu quis
logo eu, que gosto do fluxo
de consciência
de pessoas
de afetos.
mais quinze dias e então fui.
sem abraços, sem carinhos, sem colo.
me peguei
também sem chão.
onde estava meu pão-nosso-de-cada-dia-nos-dai-hoje,
perdoai-as-nossas-ofensas
assim-como-nós-
onde?

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

já não era rotina
era oração.
era esperança de não ser acordado à noite pelo celular tocando
anunciando o pior.
“quer visitá-los?”
essa pergunta, vira e mexe, volta.

“seus avós não estão por aqui, você sabe como são teimosos.”
eu sei, quem não sabe?
por isso que queria estar perto
- como se agora, duas décadas depois,
eu fosse tomar o papel de quem cuida.
eles estão muito mais em condição de cuidar do que eu.
logo eu,
que achava que tinha rotina,
que ia ficar só uma semana longe,
que ia passar meu café em casa em breve,
que não sabia mais o que eram esses
dois mil cento e quarenta e sete
quilômetros
de distância.
(repito,
dois mil cento e quarenta e sete!
repito porque aprendi que grandes números
parecem não dizer nada a ninguém)

não mais torço pro celular não tocar,
agora torço pra não mais entender.
eu quero é saber que os números
não são só divididos em unidade dezena centena milhar

porque isso nunca me disse muito.
os números crescem
numa velocidade surpreendente
até parece que estamos numa corrida
e começamos a brincar desse jogo
em que todos perdem
enquanto há quem ria das cartas que estão na mesa
dos celulares que tocam à noite
dos abraços que não foram dados
das despedidas que não foram ouvidas.

“seus avós não estão por aqui”.
quantas vezes li essa frase,
ou sonhei
ou ouvi
ou neguei
e procurei por consolo dentro de mim para dar ao próximo.
não se dá o que não se tem,
porque as vezes o que é nosso é tomado às forças por outros
- por quem não concebe
a dor, o luto, a desesperança
de não ver mais sentido
em passar o café pela manhã.

eu tento construir rotina,
mas me parece mais um capricho.
todo dia eu acordo com qualquer coisa em mente
como se agora as coisas fossem ser diferentes
e logo essa coisa me é tomada como se não fosse minha.
até porque nada mais é meu, ultimamente.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

vou passar um café.
não há rotina agora
que não a espera.

TEXTO 25

RECOMEÇO

Neste poema, o eu poético se vê despertando em uma manhã perturbada, que lhe tira a paz e o obriga a juntar-se ao caos do mundo, para cumprir uma rotina deprimente e sem sentido, afastando-o tudo que ama. Mas, com o afastamento de tudo, vê-se sozinho, imerso em uma tempestade, ainda maior, de pensamentos, que o leva a refletir sobre coisas jamais pensadas e ainda não experimentadas, como um beijo do próprio filho ao amanhecer.

E no caos,
Do estrepitoso despertar da noite fria,
Meus olhos se abrem, temeroso, e nada vejo.
Luto, e pressuponho o prenúncio da alvorada,
Na tepidez de mais um ciclo doentio.
O vento gélido, que, fora, canta e dança,
Intruso, invade-me a janela, e cinge o seio,
Como um cadáver que se deita à minha cama
E me transforma a calma em desespero.
O universo reverbera em meio às sombras,
No emaranhado de pessoas e motores,
Na eterna luta contra o tempo, que não basta,
No turbilhão da indiferença, e seus algozes.
E, obliterado de qualquer entendimento,

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Vou me entregando, irrefletido e inconsequente,
Ao movimento dessa massa irrefreável.
E, aprisionado ao próprio corpo, vago, errante.
Mas eu quem sou e aonde vou neste alvoroço,
Se não apenas quem deixou dormindo o filho,
Com esperança de abraçá-lo ao fim do dia,
Para encontrá-lo, no regresso, adormecido?
Assim, passado o tempo, lenta e debilmente,
Cruel, tolheu, feroz, a flor não vicejada,
Do sonho preterido o instante não vivido,
Dos lábios o sorriso, e do corpo a própria alma.
E, disso tudo consumido pelo tempo,
Não sei se me arrependo, e já não me recordo
Se, vez alguma, ousei pensar no que perdera.
E, assim, tornei-me mero escravo de si próprio.
Mas eis que o mundo se aquieta, sinto-o morto,
Como um colosso que profundamente dorme.
E, degredado, sou minha própria companhia,
Enquanto o mundo adoentado se consome.
Se, no silêncio, desabrocham sentimentos,
Maior, porém, são as lembranças que me assombam:
Memórias esquecidas, sonhos não vividos,
Na imensidade dos fantasmas que me sondam.
E, se vivendo tanto tempo as aparências
De uma existência que julgava minha sendo,
Agora, entregue ao próprio fado, não me encontro,
E não me sinto, não me entrego, e tenho medo.
Mas, se inda tenho o cinza urbano enegrecendo,
Os olhos de minha alma ao lúzio alvorecer,
Recorro ao vasto colorido dos meus sonhos

EDMILSON OZORIO DOS SANTOS

Pintando o mundo com a cor que me aprouver.
E, se a viver não aprendi, que faço agora,
Se confessar do amor que guardo não me atrevo?
Mas amanheço... e algo estranho chama à vida.
E, como um novo recomeço, sinto um beijo...

TEXT0 26

CONTRATEMPO

De repente, tenho todo o tempo do mundo
Num mundo que não cabe mais em mim
Se as ruas se esvaziam lá fora,
Aqui dentro implodem receios
Desistem anseios
Existe saudade.

De repente no tempo vagueio
Num mundo sem vagas a tempo
Se as horas me costumavam ser poucas
Hoje elas quem me suplicam repouso,
Exaustas, perdem as contas,
Correm ao léu

O véu que nos cobre o rosto
É luta e é luto
Zela o vivo,
Vela o morto,
Esconde o corpo

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Escancara a alma

Caminhamos armados,
E nunca tão nus.
As vestes eram fruto do conhecimento
Semente para a comunhão
A sós no desconhecido,
Espimo-nos de qualquer previsão.

De repente, tenho todo o tempo do mundo,
E, sem me caber em mim,
Me embriago em memórias,
Me transbordo de incógnitas,
E rezo para que ao tempo caiba trazer-nos todo o mundo de volta,
Amém.

TEXTO 27

IMPLOÇÃO

Estou farta
Farta da espera
da demora
do amanhã
do agora

Me sinto cheia de dúvidas
Que me emudecem os sonhos
Cheia de angústias
Que me antecipam a guerra
Cheia de fatos
Que encrudesce a miséria

Sempre vi, na introspecção, crescimento
Reconheço, para além da porta, o perigo
Mas ando há tanto tempo comigo
Que sozinha já sou aglomeração
Me pergunto o que é mais desastroso
Solidude na vida
Ou morte na união

TEXTO 28

CINEMA MUDO

Todas as janelas tinham redes. Nunca se desfez delas porque acreditava que serviriam para as crianças. Se divertia pensando que por alguns anos elas sequer alcançariam o parapeito, mesmo com seus bracinhos estendidos e que aquelas tramas de tecido branco ficariam pregadas sem nenhum propósito que não o de cortar em pequenos losangos a vista da cidade. Mas nunca teve filhos. Tudo bem. As redes acabariam por servir para proteger o gato que viria a adotar: bichinho esguio e sorrateiro que percorreria inúmeras vezes com seus passos silenciosos o perímetro daquele apartamento de uns poucos metros quadrados. Mas hoje, dentro dessa caixa de concreto armado erguida a dez andares do chão de São Paulo não havia crianças, nem gatos e talvez nem histórias do passado: ali havia apenas o morador do 106B.

O apartamento tinha janelas voltadas ao leste, dessas que “deixavam entrar o sol da manhã”. Fora delas, o que antes fora uma vista panorâmica da cidade agora estava coberto por uns dois ou três arranha-céus cinzas e monstruosos que rasgavam o chão da cidade até se confundirem com as próprias nuvens cor de chumbo. A paisagem plúmbea sugava a vida ao seu redor, como que deixando o ar mais ra-

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

refeito e, sem piedade, se continuava para dentro do apartamento. As paredes eram brancas – sem enfeites – e o chão, coberto por um tapete desbotado, tinha a cor de uma plantação de trigo maltratada por seguidas semanas secas. Os móveis da casa eram poucos e contribuíam para a atmosfera monótona que pesava no ar: uma televisão velha que descansava sobre uma mesa de madeira já bastante machucada encarava perenemente um sofá que, da mesma cor do chão, só se diferenciava dele pelas manchas de vinho, ou molho, ou pelo furo acidental feito por uma bituca de cigarro que errou a mira ao tentar mergulhar no cinzeiro de vidro que ficava sobre o braço direito do móvel. Uns três metros à esquerda, a parede dobrava e se confundia com ela uma porta branca e fina, mas que desde o início da recomendação de isolamento social parecia ser tão pesada que qualquer tentativa de abertura seria inútil. Entre a porta e o sofá, uma mesa de jantar convidava quatro pessoas para uma refeição apertada e, separada da sala por um balcão que se erguia do chão até metade do pé direito, se insinuava uma cozinha tímida e escura. O tapete dava lugar a azulejos marrons desgastados e a parede era coberta por pequenos armários que imitavam o piso. Sob uma luz fria e fraca brigavam pelo espaço uma geladeira, uma pia e, onde outrora estivera um fogão, uma máquina de lavar roupas – afinal, para quem não cozinhava bastava o micro-ondas. Do outro lado da sala duas portas levavam ao quarto e ao banheiro, que combinavam com o resto do apartamento. O banheiro funcionava, o quarto tinha uma cama. Isso bastava.

Talvez nada estivesse mais em seu lugar nesse apartamento triste do que seu dono. Sempre envolto por um robe lilás desbotado, o senhor aposentado vivia sua solidão dia a dia, fazendo pouco mais do que deixar o tempo passar. Já desistira da TV e dos jornais, que além de nunca trazerem sequer um laivo de esperança, faziam-no sentir-se dispensável e inválido apenas por ser idoso. Malditos jovens que não

se importam com nada além de si mesmos! Malditas pessoas que a despeito da gravidade da situação continuam a sair e a prolongar esse sofrimento! Maldito governo e maldito vírus que o sentenciaram a passar sabe-se lá quanto tempo – talvez todo o tempo que lhe resta – com nada mais do que a própria companhia! Ah! Disso ele não precisava. Por vezes se sentia como o que acreditava ser um gato adotado: preso entre redes e portas trancadas, passava o dia a comer, dormir e olhar pelas janelas um mundo que já não conhecia e que não sabia se voltaria a conhecer, mas – ao contrário do felino – sem uma família e sem a possibilidade de um carinho ou de um refúgio em alguém que é responsável por você. Que desgraça é ser responsável por si próprio.

O que pouco a pouco tomou seu tempo foi mesmo a tal janela: por causa dos prédios bem próximos, a paisagem era escassa, mas o cárcere domiciliar que lhe era imposto fez o morador observar com mais atenção o cenário lá fora. Por entre os grossos grumos que uniam os emaranhados de polietileno que formavam aquelas redes de proteção era possível ver quase um mosaico composto pelas infinitas vidraças dos edifícios ao redor. E assim, observando por horas a fio essa curiosa obra de arte, o habitante do 106B desenvolveu um prazer recôndito: colecionar e juntar esses pequenos cacos de vida que via através das fenestras.

Desse jeito passou os próximos dias: era bonito observar cada pedacinho de cotidiano que emergia ou desaparecia com o acender e apagar de luzes que gerava toda sorte de espetáculos efêmeros. Em pouco tempo, o morador já se familiarizara com alguns personagens. Todo dia bem cedo, mais ou menos no mesmo nível do seu apartamento, mas no prédio a frente, via um homem se levantar da cama com a luz do sol só para, cambaleando de sono, fechar as janelas e – de acordo com suas deduções – voltar a dormir. Umás horas depois e pouco acima do seu andar, via de manhã um casal jovem estendendo roupas no varal e gostava de imaginar as conversas que aconteciam entre aqueles ges-

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

tos de carinho, indiferença ou intriga que acreditava ver de longe. O tempo ia passando e ele acompanhava almoços, telefonemas, pessoas lendo jornais ou assistindo televisão – tudo isso como se estivesse em uma sessão de cinema mudo, assistindo a diversos filmes nos quais era ele quem escrevia os diálogos. Adorava, por exemplo, quando via duas pessoas em moradias separadas falando no telefone ao mesmo tempo. Certa vez uma senhora elegante, sentada no seu sofá branco em um apartamento com uma parede cor de salmão atendeu seu telefone fixo enquanto tomava uma xícara de chá. Ao mesmo tempo, um homem de terno gesticulava agressivamente com o celular ao ouvido alguns apartamentos acima. Nesse dia ressoaram no 106B umas tímidas risadas motivadas pela memória do médico brigando com sua mãe que tinha saído de casa para ir ao mercado porque a compra que lhe fora entregue estava “incompleta”: um roteiro do qual podia se orgulhar.

De todas as pequenas histórias que construía e pessoas que observava, um senhor que devia morar no equivalente do outro edifício a uns quatro ou cinco andares abaixo passou a chamar sua atenção. Aparecia pouco e o ângulo entre os dois não permitia uma boa visualização do interior da sua residência, mas todas as noites ele ia à janela, se apoiava e fumava uns dois ou três cigarros enquanto seu olhar se perdia na paisagem urbana. Depois voltava para dentro, passavam-se alguns minutos e as luzes se apagavam. Porque de todos os habitantes sem nome, este se destacava? Talvez algo nele ressoasse dentro do 106B. Quem sabe o modo como puxava lentamente a fumaça do cigarro para dentro do seu corpo combinasse com a vida cinza que rodeava a cidade. Ou quiçá sua idade, também avançada, fizesse o observador sentir que tinha nessa jornada alguma companhia.

O fato é que desde que isso lhe saltara aos olhos, toda noite o senhor aposentado aguardava seu camarada aparecer à janela. Para ele, não criava diálogos nem histórias. Apenas imaginava como seria seu rosto, que

não era muito visível de cima, e como seria bom poder apertar-lhe a mão e conversar um pouco. Paulatinamente, foi se fazendo próximo àquele homem. Se apagava as luzes depois do tabaco, devia ter jantado primeiro. Então todas as noites, um tempo antes do horário habitual daqueles cigarros, se alguém olhasse para a janela do 106B, veria um homem debruçado sobre suas redes de proteção tomando uma sopa de caneca: estava jantando com seu companheiro. Acabada a refeição, ele aguardava com o rosto e as mãos apoiados naqueles finos fios frios que tão singelamente separavam seu lar do resto do planeta.

Às vezes a espera parecia longa, mas o momento sempre chegava: como já não fumava, acompanhava aquelas tragadas com uma xícara de café. Se demorava e apreciava cada gole para que sua bebida amarga se acabasse junto com esse momento doce. Às vezes sofria um pequeno engasgo e, se tossia alto o suficiente, entre uma e outra pitada o senhor lá de baixo olhava para cima curioso, querendo saber o que estava acontecendo. Era impossível ter certeza, mas o morador do 106B gostava de crer que, em algumas dessas vezes, seus olhares se cruzavam. Quando se convenciam dessa realidade, seu corpo se enchia de felicidade como há muito não fazia e ele ia dormir mais leve. Sabia que esse contato era suficiente, mas às vezes, nessas noites, sonhava com uma vida na qual nem todas as janelas tinham redes.

TEXTO 29

REFLEXÃO

Lá fora chove, o dia é frio... um daqueles que sentimos vontade de ficar na cama até mais tarde, nos envolver nas cobertas e dar-nos um pouco mais de descanso. No entanto, independente do tempo, somos obrigados a levantar e a seguir em frente com a rotina e com as nossas responsabilidades.

Engraçado... já passa das 7 e ele ainda está na cama, aguardando o relógio despertar às 7:30, e não entendo... Por que esse horário, se ele tem compromisso às 8 e precisa de mais que meia hora para se deslocar?

Ele se levanta e está claramente atrasado. Troca de roupa, toma seu café da manhã bem rápido, abre as cortinas da janela da sala de estar para permitir que a luz - hoje não tão intensa - entre, se senta na cadeira e, então, liga o computador. Não vai sair de casa...

Os tempos mudaram, sair de casa é perigoso para todos, ficar de quarentena é o imperativo! Mas... e as responsabilidades que nos movem e nos impedem de dormir até mais tarde...? A vida que nunca parou, agora para?

Não, estas continuam as mesmas! Adaptadas para a tela do computador, impedindo-o de se manter entre o colchão e a coberta. Agora, mais do que nunca!

Falta 1 minuto para começar... Lá está ele conectado, com o áudio

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

e o vídeo desligados, assim como todos os outros ali remotamente presentes, aguardando o primeiro sinal de movimento do responsável que dará início ao primeiro encontro do dia. Afinal, por mais que se mova 20 metros da cama até a frente do computador, agora é como se fossem os antigos 20 quilômetros, de casa à sala de aula.

O sono ainda é grande; acordou há meia hora e já está pronto pra assistir uma aula? Mais ou menos... só que é hora de seguir em frente, sem pensar muito.

A sensação é de estar no começo do ano, mas o calendário mostra já se aproximar a metade deste... Como é possível ter se passado tão rápido e, ainda assim, parecer que falta uma eternidade até que as coisas voltem ao normal? É certeza que estamos no meio do ano? O calendário pode mentir, mas as estações do ano não mentem!

Ao virar a cabeça e olhar pela janela, percebe que o frio chegou atipicamente acompanhado por uma agradável chuva que o convida a se deitar e a repousar.

Se suas responsabilidades não o permitem dormir um pouco mais, há uma coisa de que elas não podem impedi-lo: de observar a sucessão de gotas caindo e escorrendo pelo vidro de sua janela.

E, facilmente, ele é capturado! Já que mergulhar sua mente em meio à chuva sempre foi de enorme prazer.

A chuva limpa o ar, limpa o ambiente, mas é capaz de fazer mais do que isso. A chuva limpa a nossa mente dos pensamentos corriqueiros e nos faz repensar o tempo e nossas ansiedades sobre a vida que jamais para e não nos permite descansar.

As gotas que cruzam a atmosfera, do céu ao chão, são rápidas e intensas. Alcançam altas velocidades e soariam como explosões ao colidir contra o chão, se fossem maiores e mais pesadas, mas, individualmente, não fazem um barulho tão impactante.

As gotas que se desviam de seu caminho, colidindo contra a janela, tornam-se sutis e se repousam no vidro por um tempo, aguardando outras se incorporarem, para vencerem juntas a gravidade e, lentamente, escorrerem pelo vidro em direção ao chão. No topo do vidro, sob um fundo turbulento de uma tempestade, lá estava ela. Uma gotícula começou a se formar com o primeiro desvio da chuva percebido por ele, ao olhar em direção à janela.

Do céu ao chão, as diferentes gotas experimentam caminhos distintos, mais rápidos ou mais lentos. Ele se espanta...! Não são apenas as gotas que sentem essa diferença de tempo! Até há pouco, ele mesmo estava imaginando como poderia ser possível sentir que o tempo demorava infinitamente a passar e, sincronamente, não perceber como já se passou tão rápido.

Como passou tão rápido se até agora ele tardava a escoar? Como estamos no meio do ano se este começou e parou ontem?

Preso num conflito interno, o contraste entre as gotas só trouxe, à realidade, a necessidade de compreensão de um infinito menor dentro de um infinito maior.

Ele se lembra, então, dos momentos exaustivos em que pedia para que o tempo parasse e ele tivesse 24 horas para descansar. Com isso, poderia dormir só um pouco e resgatar as energias de modo a conseguir seguir em frente com mais força em sua rotina.

Então é assim que é parar o tempo para ter um tempo em que se possa descansar? Não era assim que o imaginava... Congelado o tempo e corridas as 24 horas desejadas, o tempo deveria voltar a caminhar normalmente. Entretanto, além de não ter parado, o tempo parecia correr ainda mais rápido! Num piscar de olhos, o meio do ano já se aproximava, embora a sensação fosse de se ter dado o pause há alguns dias, no início do ano, quando ele ansiava por um descanso.

Qual a solução para que se pudesse dar o play e fazer com o que o tempo voltasse a contar? Quanto tempo ainda durarão essas 24 longas horas que acreditava serem muito mais breves do que de fato se mostram ser?

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

É nesse momento que passa a entender a coexistência entre os dois infinitos que antes tinha imaginado, mas que nunca conseguira decifrar.

Dentro do maior infinito a vida corre, as responsabilidades cobram e não podemos parar para descansar e observar a tarde fria e chuvosa que se apresenta a nós. É necessário sair de casa, percorrer todo o caminho sob a chuva e continuar em frente com a agitação da vida. Esse infinito maior, que delimita nossa vida como um todo, exige muito de cada um, pois a cada momento ele parece inesgotável e imparável, nos fazendo ansiar pelo descanso e pela breve improdutividade.

O infinito menor é um pause, uma janela se abrindo dentro no infinito maior que - ao contrário do que se pensava - não dura o que nós conhecemos por 24 horas, pois ainda que menor, é um infinito e, como todo o infinito, pode durar o quanto quiser até que se dê o play novamente, fechando a janela do infinito menor para se continuar o infinito maior.

Se dentro desse infinito maior existe um menor, com certeza dentro deste menor existe um diminuto que podemos abrir, perceber, reinterpretar, reanalisar e, posteriormente, fechar e retomar o infinito maior a este - o infinito menor.

Com essas divisões, conseguia perceber como passara tão rápido o tempo desde que se deu o pause, mas como ainda custa passar o momento para que se dê o play.

Não só essa, mas várias outras janelas de tempo se abriram para que relembresse memórias incríveis, de muita alegria, com seus amigos e família, que, ao mesmo tempo, duraram muito e passaram rápido.

A convivência entre o inesperado e o paradoxo é deslumbrante e nos permite viajar estando parados.

Subitamente, sua situação muda. Ele sente dentro de si os infinitos diminutos e menores se fechando e retornando às janelas maiores. As memórias remotas já se passaram e sua percepção retorna cada vez mais rápido à realidade.

A gota que estava no topo do vidro aos poucos atinge suavemente

a borda inferior de sua janela, lhe permitindo retornar à noção de velocidade e turbulência proporcionada pelas gotas que - como cometas - atravessam a atmosfera em direção ao chão e que juntas fazem soar o som característico da chuva.

Não é apenas a gota que fecha seu pequeno infinito. Os 60 segundos se passam e o responsável pela reunião se prontifica, ativando seu microfone e fazendo soar seu “bom dia” aos que o aguardavam.

E após fechar seu breve longo infinito de reflexão contemplando a chuva, como sempre gostou de fazer, o jovem rapaz se aquece com a esperança de que sua longa janela de 24 horas brevemente encerrará o infinito menor que inesperadamente se abriu e que tem tomado intermináveis proporções.

No momento em que isso ocorrer, ele estará mais descansado do que imaginaria estar para prosseguir, enfim, após as 24 horas desejadas, no turbulento e exigente infinito maior que determina sua efêmera e emocionante existência no mundo.

TEXTO 30

A TEORIA DO DUPLO ISOLAMENTO

Eram meados de março quando a suspensão das aulas foi anunciada. De início, não refleti sobre aquilo que estava acabando de acontecer e apenas achei que a pandemia seria um evento passageiro no ano de 2020. Nesse período, eu estava em São Paulo, me adaptando a um novo estilo de vida, completamente diferente do mundo interiorano ao qual eu estava acostumado.

Não demorou muito até que eu voltasse a minha terra-natal, uma viagem, demorada, tensa, em que a cada minuto eu ficava me preocupando se estaria espalhando um vírus perigoso em uma região com apenas 6 casos na época. Perdido em meio a pensamentos, me surpreendi quando o avião aterrissou. Em seguida, me dirigi até a casa dos meus pais e, logo, teve início o meu cárcere.

Durante os primeiros catorze dias no Piauí, fiquei, basicamente, restrito ao meu antigo quarto para evitar algum tipo de contato físico com os meus familiares. E não exagero em dizer que eu não estava de nenhuma forma preparado para esse tipo de quarentena. Não consegui abraçar meus pais e nem pude conversar com eles de forma descontraída. E para onde eu olhava: máscaras e máscaras... Elas me incomodam bastante.

Isso é um absurdo... Uma partícula tão insignificante, com menos de 60 nanômetros de comprimentos, tirou tudo de mim...

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Não conseguia afastar os pensamentos ruins da minha mente e as energias negativas rapidamente tomaram conta do meu ser. Eu contava cada segundo, ansioso pelo fim da quarentena.

Retomei um velho vício que vivo tentando me livrar, tenho o mau hábito de dormir tarde. E, como um bom integrante da vida noturna, esqueço, quase sempre, de afastar as cortinas e abrir a janela dos meus aposentos durante o dia, o que confere um clima um pouco sombrio a eles. Havia, então, trevas aonde quer eu olhasse, fosse para o céu, fosse para dentro da minha cabeça.

Mas não pense, meu amigo leitor, que este será apenas mais um relato melodramático nesses tempos de isolamento. Juro, embora os motivos não sejam óbvios. Deixe-me explicar: tamanha foi a minha indignação com a situação, que, simplesmente, não consegui mais sustentar a revolta contra o inimigo invisível. Aceitando essa nova realidade, o que se sucedeu foi que ações, antes vistas como banais, passaram a fazer uma diferença exorbitante no meu humor.

Talvez, o maior exemplo seja o episódio em que restaurei a integridade do meu cabelo, o qual estava extremamente bagunçado. Se eu não me policiar, frequentemente, me vejo mexendo nele e percebo quando ele não está do jeito que eu gosto. Isso me deixa um tanto quanto agoniado. Acho que não sou o único que pensa dessa forma. A religião budista auxilia-me nesse aspecto, ao defender que o ato de cortar os cabelos representa uma determinação para manter não apenas o corpo limpo, mas também a mente sã. Admito que tenho a tendência a acreditar nessa proposição mística, não posso esconder o meu lado supersticioso.

Entre esses acontecimentos, agora, marcantes do cotidiano, eu procuro ocupar a minha mente, seja com a trabalhosa Literatura Científica, que também representa uma forma de manter a produtividade à distância; seja com uma atividade que exige uma alta concentração, mas ao mesmo tempo é divertida, como jogar videogame.

Aparentemente, essas atividades seriam excelentes para sobreviver ao isolamento, certo? Muito pelo contrário.

Foi para responder a essa reflexão, que eu criei a Teoria do Duplo Isolamento: a quarentena nos colocou dentro de um microambiente tão monótono e nos obrigou a um convívio social tão intenso com as mesmas pessoas, para o qual nós não estamos nada preparados. Para não lidarmos com essa situação chata, é mais fácil participarmos de um segundo isolamento (totalmente voluntário), com esses divertimentos que nos restaram, dentro do primeiro distanciamento, que chegou com a pandemia. Assim, poderíamos pensar, erroneamente, que conseguiríamos driblar a quarentena, ao manter a mente sempre ocupada. Todavia, existem importantes aprendizados, dos quais seria interessante não nos livrarmos, porque eles precisam ser experienciados ao longo desse período.

Vivenciar as dificuldades inerentes ao isolamento contribuirão para que superemos uma boa parte dos danos provocados pela pandemia no momento em que a quarentena chegar ao seu fim. Dessa forma, não teríamos, durante e ao final de todo o processo, a sensação de que o coronavírus seria uma grande praga divina que está nos fazendo perder uma gigantesca quantidade de tempo produtivo ou de memórias prazerosas.

Depois de toda essa percepção filosófica, agora, toda vez que eu abro um livro digital para estudar ou entro em uma sessão de dúvidas on-line, penso em como foi necessário uma grande mobilização acadêmica mundial para que vários alunos pudessem contar com o ensino à distância. Sou muito grato aos meus mestres.

Também passo, ultimamente, um tempo muito maior conversando com a minha família diretamente, isto é, muito mais do que uma simples troca de figurinhas e memes em um grupo de Whatsapp. Tenho um tempo proveitoso para me reaproximar deles, agora que moro em uma cidade diferente. O convívio é um pouco difícil quando es-

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

tamos estressados, mas a interação é, quase todas as vezes, positiva. O nome disso é Amor. E como já dizia Carlos Drummond de Andrade: “Que pode uma criatura senão, entre criaturas, amar?”.

Sinto-me bem mais tranquilo, menos ansioso e um pouco melhor adaptado aos desafios impostos pela quarentena.

Possivelmente, conseguirei dormir cedo hoje. E isso já é bastante coisa para mim.

TEXTO 31

A MUDANÇA DO TEMPO

Era uma manhã fria, porém diferente de todas as outras manhãs frias que vivera. Nesse ano, as manhãs, as tardes e as noites passam pela janela, quase sempre de um jeito tão igual umas às outras que praticamente não se vê o tempo passar. Assim, Isabel se levantou para um novo não-dia de sua vida.

Esses não-dias que se acumulavam há meses eram frutos de uma realidade que parece ter sido escrita pelos autores mais distópicos. Logo na calçada havia um perigo. Invisível e silencioso. Mortal. E estava em toda parte, em todo o mundo. Assim, Isabel (e o resto do mundo) se fechou em casa, protegida apenas pelas paredes que cercavam seu lar, que apenas a separavam do vírus, mas que não a apartava de seus medos, de suas angústias e da perda de expectativa do futuro.

Essa vida, que de repente deixou de ser vivida, era totalmente nova para todos. Do dia para a noite, quase todos os hábitos mudaram. Lava mão, limpa bolsa, passa pano no chão, tira sapato, bota máscara, tira máscara. Telas, então, o dia todo. Trabalha pelo computador, estuda pelo computador, faz aniversário pelo computador. E para relaxar? Assiste um filme pelo computador. E sair quando precisa? Eis o ápice do caos. Faz e refaz a lista de compras. Pensa qual horário o supermer-

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

cado, a farmácia, o varejão estão mais vazios. Fica olhando para os lados pra ver se não tem ninguém perto. Limpa carrinho. Limpa a mão. Só falta fazer aviãozinho com o dinheiro pra não chegar perto demais do caixa. Chega em casa. Limpa as compras. Joga fora os sacos. Entra direto no chuveiro. E aí, Isabel senta, estafada, e lembra:

“Mil vezes melhor ficar em casa olhando para a tela.”

Isabel, constantemente se interrogava como era possível ficar em casa o tempo todo e ter menos tempo do que tinha antes, quando passava horas do dia indo pra lá e pra cá na caótica cidade lotada de gente, que mal cabia nas suas ruas e nos seus transportes. E conclui, antes, a vida na coletividade, ao contrário do que parece, nos fazia gente mais independente. Os professores nos ajudavam com nossos filhos. Os restaurantes nos ajudavam a não passar tanto tempo à beira do fogão. Os salões de beleza nos arrumavam espetacularmente em um terço do tempo que nós gastamos para fazer o mesmo trabalho mal feito. E, além de tudo isso, o mundo todo sabia que antes não tínhamos tempo a perder. Agora o mundo parece pensar que temos todo o tempo do mundo.

TEXTO 32

SIMPLES

No meio dessa quarentena, percebi que sinto muita falta de São Paulo, sempre foi meu sonho poder morar nesse lugar, e finalmente consegui. Apesar do trânsito, eu gosto de poder passar um tempo só observando a cidade, escutando alguma música. Apesar da poluição, a cidade tem paisagens belíssimas que compensam todas as tristes nuvens acinzentadas. Eu poderia ficar contando tudo o que gosto nesta metrópole, desde os restaurantes com comidas que não sei nem pronunciar o nome, até os nostálgicos fliperamas (ainda existem, pois é).

Entretanto, contudo e todavia, o que eu percebi, foi que durante todo esse tempo que passei em São Paulo, eu esqueci dos prazeres e das vantagens de morar numa cidade pequena (não tão pequena, mas perto de São Paulo qualquer cidade do Brasil parece pequena).

Eu nasci e cresci na região da Grande São Paulo, numa cidade que não é o lugar mais movimentado, mas nem tão pacato assim. Durante a adolescência sempre achei que faltava algo, depois de um tempo pensei que deveria ser o entretenimento, estava certa, a variedade de opções de lazer aqui é no mínimo limitada. Claro que melhorou com um parque novo (mas não muito seguro), alguns restaurantes e estabe-

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

lecimentos novos, porém não foi nada disso que me fez falta.

Os maiores prazeres estão, incrivelmente, no apartamento onde moro com meus pais aqui, você deve estar pensando que é porque aqui tem a comida maravilhosa dos meus pais, não está errado, maaaas o que eu sinto falta que me dói o peito quando estou em São Paulo, é a vista do meu quarto, bem simples. Mesmo assim, para mim não é de forma alguma uma vista qualquer, acordando cedo (umas 6h) eu consigo ver o céu clareando na serra ao longe, enquanto uma grossa camada de neblina vai descendo as elevações. É a coisa mais linda, dá uma sensação de calma, dá até um pouco de sono às vezes, por isso fico com minha caneca com chá mate ou café que meu pai faz toda manhã. Isso torna a experiência ainda mais reconfortante, acho que porque é bom você estar num lugar quentinho observando o frio a distância, pois é como apreciar a beleza sem precisar sentir suas consequências não tão agradáveis (lembrando que aqui faz muito mais frio que em São Paulo).

O que eu ainda não contei, são as coisas que não gosto tanto dessa cidadezinha, mais especificamente deste apartamento, não é nada contra o lugar em si, a localização é ótima, a paisagem já descrevi, o problema são as pessoas, os vizinhos.

Todo mundo tem algum vizinho que é irritante, mas quando você precisa conviver com eles por tanto tempo, fica ainda pior. O que acontece é a quarentena: eu estou em casa, isso é bom, mas a vasta maioria dos meus vizinhos também, isso é no mínimo devastador para a minha saúde. Estou sendo dramática? Talvez, mas você pode tirar suas próprias conclusões depois de ler o meu relato.

Começemos com a vizinha do lado, ela não parece saber lidar com cães, o problema: ela tem um cão, um pug bonitinho e pequenininho, mas que parece ser um demoniozinho em miniatura: às vezes escuto da sala as patinhas dele arranhando a parede do outro lado, até ai tudo bem, só que e quando a dona descobre o que ele tava fazendo? Ela surta, grita,

berra, esgoela e por fim deixa o bicho de castigo na varanda, onde ele fica chorando e arranhando as paredes até que ela o deixe sair novamente.

Falando ainda em animais, a vizinha da frente tem um pinscher, conhecido por ser um cachorro baixinho e ranzinza, o estereótipo se aplica neste caso. Nunca vi um cão tão estressado quanto aquele, qualquer coisa que passa pela frente da porta do apartamento deles faz o ser começar a latir loucamente, mas acho que não posso culpá-lo, a dona quase nunca o leva para passear. Outra falha dos moradores desse apartamento: não saber estacionar conforme as faixas, pois é, eles são nossos vizinhos de estacionamento também.

Vamos seguir agora, para o vizinho que fica em algum prédio do lado do meu: karaokê, é tudo o que preciso dizer. Aquele cara fica cantando a tarde toda, às vezes a manhã também, seria pedir demais diminuir o volume? Tem horas que eu até cantava junto, algumas músicas são muito boas (“Queria ter aceitado/ A vida como ela é/ A cada um cabe alegrias/ E a tristeza que vier”) outras... bom, não eram do meu gosto. Mas mesmo assim, eu estava fazendo uma prova, queria me concentrar, difícil.

Um detalhe apenas, tudo isso não poderia ter se resolvido com uma ligação talvez? É provável que sim, mas o motivo para eu nunca ter tomado essa atitude é este: não gosto de fazer ligações. Um tanto ridículo, eu sei, mas é um medo real, prefiro muito mais mandar mensagens. Quando preciso fazer alguma ligação desde o começo já falho: meus dedos tremem para digitar o número, suor escorre pela minha testa escutando o toque de espera, e quando o outro lado atende é o cúmulo, começo a gaguejar, minhas pernas ficam trêmulas e me perco nos meus pensamentos, ou seja, não falo nada com nada.

Mas ao contrário do que você, caro leitor, talvez pense, eu não tenho tantos problemas com outras interações sociais, veja bem, sou sim tímida, mas de modo algum me sinto mal quando falo com meus amigos, por exemplo. Em contrapartida, fico bem nervosa em apre-

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

sentações para várias pessoas. O meu medo talvez seja o da sensação de estar sendo julgada, observada, avaliada, porque quando estamos em um grupo pequeno, em que todos se olham, interagem entre si, nos sentimos iguais, não estamos abaixo nem acima de ninguém.

E no fim, o que sinto falta nessa quarentena é, paradoxalmente, o contato social, poder olhar nos olhos, poder estar bem perto, ver as expressões, as maneiras de cada um. Por isso talvez, eu não me incomode em ligar para os vizinhos, pois os barulhos que eles produzem não me deixam me sentir sozinha, assim o prédio parece mais vivo do que nunca. Posso apreciar a paisagem da janela do meu quarto e ao mesmo tempo sei que não estou totalmente isolada do mundo.

O que quero não é o que nós temos nas videoconferências: uma imagem que vagamente reflete o que somos. Quero voltar a ver as pessoas na minha frente, próximas de mim.

Já ouviu falar de “Ceci n’est pas une pipe” (Isto não é um cachimbo) de René Magritte? Esta obra é a imagem de um cachimbo, que diz: isto não é um cachimbo. O sentido nisso está que a imagem do cachimbo não é o cachimbo, da mesma forma, nossa imagem na tela do celular não é a nossa essência, é uma representação, só isso, apenas isso.

TEXTO 33

do chão da sala
observo o céu estampado em renda
- fluido como sempre,
estático como nunca -
hoje os dias são os mesmos
e nas noites só o existe o silêncio nu

fecho os olhos
ouço o mundo lá fora
o tempestivo tilintar do mensageiro dos ventos
anuncia:
é tempo
- e há pouco! -
(re) viva

o saudoso som me leva
a lugares dos quais fugi
a instantes em que pertenci
- transitiva e

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

indiretamente -
a tudo que esqueci em mim

aqui agora
esse espaço-tempo
me traz de volta a tantos
dias e eus
- já não lembro quantos -
me põe em casa
me abraça sem jeito
me envolve com zelo

da janela
o sol é verão nas minhas pálpebras,
cortinas da saudade no meu peito

TEXTO 34

VISITA VIRTUAL

Pelo vírus se espalhar tão facilmente entre as pessoas, essa doença não demorou de se alastrar por uma boa parte do globo. Aqui, em São Paulo, alguns hospitais acabaram se tornando referências para internação de paciente com COVID-19. Entre a equipe de saúde, chamamos esses hospitais de “Covidário”. O hospital que eu frequento para os meus estágios da faculdade se tornou um: o Hospital das Clínicas foi esvaziado apenas para receber pacientes com forte suspeita ou confirmação de COVID-19.

Diversas mudanças de hábitos foram obrigados a serem feitos por todos, ficamos quase que neuróticos por desinfetar objetos, lavar as mãos e manter distância das pessoas. Isso já faz 2 meses que tivemos que adotar tudo isso; tudo teve que ser adaptado: botecos, lanchonetes, restaurantes e lojas em geral ou ficaram fechados ou atendiam as pessoas ali na porta mesmo, mas ninguém entrava além dos funcionários.

Nos hospitais, não foi diferente. Nos Covidários, mais do que outros setores hospitalares, é recomendado que todos usem privativo; que deixem separados calçados usados dentro dos hospitais, para sair e para ficar em casa. Nunca uma sigla foi tão vangloriada como está sendo hoje: EPI, ou os equipamentos de proteção individual, são nossos portos seguros

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

naquele meio contaminado, naquele aerossol espalhado por todo o ambiente, talvez uma das palavras mais usadas, depois de coronavirus.

Agora, não é permitido que pacientes internados tenham acompanhantes com eles, não é mais permitido visitas de familiares, o contato com o paciente - claro, sempre protegido com EPI - se dá só pela equipe de saúde, enfermeiros, médicos, nutricionistas, técnicos de enfermagem... Além deles, também são expostos os responsáveis pela limpeza de todo ambiente - se antes já era trabalhoso limpar ambiente hospitalar, agora está quase impossível. O trabalho de limpeza deveria estar tão valorizado quanto os dos profissionais da saúde, por tanta exposição que eles passam - deveriam ser considerados linha de frente também, não?.

De toda forma, com tantas mudanças, algo tão difícil como ficar internado, se torna muito pior, agora sem poder receber visitas, estar totalmente isolado e ser visto como uma grande fonte de contaminação ambulante. O contato com pessoas só é feito por outros COVID positivos ou por “pessoas astronautas”.

Foi por causa de tudo isso que surgiu todo esse projeto de visita virtual. Afinal, por que não usar a tecnologia a nosso favor, tentar proporcionar mais algum conforto para nossos pacientes, agora tão isolados? Toda essa ideia foi crescendo em mim, me deixou muito animado de querer participar de algo tão bonito num momento tão duro quanto esse que estamos vivendo.

Maio

Hoje, dia 21 de maio, comecei a participar da visita virtual no meio desse caos que a pandemia do COVID-19 causou. Talvez poderia estar me sentindo ansioso, animado, ou entusiasmado em começar a participar do projeto, mas estava calmo; tentava ficar atento a todas as orientações que nos eram passadas antes de irmos à enfermaria para dar início. Essa visita tem 4 regrinhas que temos que deixar claro para os pacientes e familiares:

1. Ela não poderá ser gravada, filmada ou registrada de qualquer outra forma, nem ser postada nas redes sociais.
2. A visita não tem objetivo de informar a situação clínica do paciente, nem dar previsões de nada. A ligação feita será apenas uma visita para aproximar pacientes e familiares.
3. A duração da visita será de 10 minutos.
4. Paciente e familiares devem estar de acordo de o voluntário estar no ambiente durante a visita.

Tendo em vista tudo isso, poderíamos dar início a tão esperada visita virtual, que tanto aguardava. Este primeiro dia, pareceu para mim muito mais algo técnico do que humano. Ainda, antes de ir à enfermaria, nos foi repassado todos os passos. “Põe máscara, veste toca, coloca face shield, veste jaleco entra no quarto, higieniza as mãos e põe luva. Confirma se o paciente aceita a visita, sinaliza que pode fazer a ligação, repassa as regras com o paciente, pega o tablet com a video chamada e deixa eles conversarem. Conta 10 minutos, sinaliza o final da visita, entrega o tablet ao seu companheiro voluntário que está do lado de fora para desinfetar tudo, tira luva, lava mão, tira jaleco, joga no humper, abre a porta, lava a mão, fecha a porta, tira toca, joga fora, lava mão, tira face shield, põe na mesa, lava mão, desinfeta o face shield, sempre da área menos suja para a mais suja, lava a mão de novo, desinfeta a mesa, lava mão e fim”. Tantos passos a serem lembrados e repassados, mas cadê a visita?

Depois de tudo isso acertado, fomos começar o dia de hoje. Chegamos na enfermaria, pegamos o tablet, pegamos os jalecos e nos posicionamos em frente à porta do quarto da paciente. Íamos fazer 2 visitas: uma por minha amiga e outra por mim.

Quando chegou minha vez, fiz todos aqueles passos. Entrei no quarto e encontrei a paciente MT, de 60 anos, deitada em seu leito,

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

com uma cara de que queria ir embora. Acho que todos têm essa cara quando estão no hospital. Assim que cheguei, uma outra paciente, no outro canto do quarto me surpreende oferecendo sua bolacha água e sal. Mesmo com tanta dureza, ainda tem gente que consegue manter sua gentileza. Recusei educadamente, mas ela insistiu que eu pegasse. Senti como se fosse um cuidado de avó para um neto que tinha acabado de chegar em casa. Recusei novamente. Espero não tê-la deixado chateada.

Voltei a conversar com MT, repassei as regrinhas da visita e aguardei o tablet para colocar a paciente na frente da câmera. Ele demora a chegar, então tento conversar um pouco com ela. Descobri que ela estava internada desde os Dias das Mães, passou por um grande sufoco e chegou a renascer (sic). Passou essa data longe da família, longe de sua mãe, sem poder sequer trocar uma palavra com ela. Por alguns momentos dessa curta conversa, percebo que é difícil falar sobre este momento de sua internação.

Quando recebi o aparelho e enquadrei a paciente na câmera, ouvi gritos. Gritos de felicidade, alegria de sua prima, MA, que conseguiu finalmente ver MT, depois de um longo tempo de internação, afastada da família. Logo que me afastei, fiquei de olho na expressão dela. Seus olhos encheram de lágrimas, ela não disse nada, apenas respondia às perguntas de sua família balançando a cabeça. Era muita emoção poder ver esse reencontro, abri um sorriso na minha cara - pena que a máscara tira muito de nossa humanidade que poderíamos transmitir com nossas feições.

Essa visita veio com uma notícia ótima: parecia que o médico de MT já estava com alguma previsão de alta, talvez hoje mesmo, mas garantiu que até o final da semana ela estaria fora daquele lugar contaminado. Mais gritos de felicidade vindos do tablet me fizeram abrir um sorriso, escondido pela N95. Olho em volta, e parece que esse sentimento contagia, as outras duas mulheres que dividiam quarto também sorriram pela notícia. A conversa entre MT e sua prima seguiu, como um papo entre irmãs. MA fez aqueles comentários típicos de irmãos mais velhos:

você tem que me escutar, quem sabe quando voltar você começa a fazer isso, né? E vejo MT respondendo com uma careta caçoando de sua prima. Tudo isso alivia aquele ambiente pesado do Covidário.

Ao longo da conversa, vieram aquelas perguntas para saber como que o resto da família está - afinal, não é só quem tá fora do hospital que se preocupa - até chegar na saudade que elas sentem uma da outra. Esses momentos difíceis pedem palavras de conforto. E foi aí que a dona MT não aguentou. Com tantas palavras doces vindo de MA, não era possível conseguir conter as lágrimas.

A vontade era de deixá-las lá botando o papo em dia. Deixar que mais sorrisos saíssem delas, mais gritos de alegria e mais emoções para também me fazer lembrar que somos humanos debaixo dessa roupa de astronauta que esconde todos os nossos sentimentos. Com tudo isso, nos atemos tanto no técnico que acaba nos afastando das emoções.

Infelizmente, precisava agora encerrar a visita. Sinalizo para encerrar a visita, retiro o tablet do quarto e vejo MT com um grande sorriso no rosto, agradecendo com tanta sinceridade por poder proporcionar isso a ela. Varro de novo meus olhos pelo ambiente e encontro sorrisos de suas colegas de quarto. Me despeço, e faço todos os passos para me desparamentar.

Saio do quarto leve, mas assim que volto com a equipe, voltam os assuntos mais técnicos: onde deixar o tablet, o que fazer após as chamadas, lembrar de deixá-lo carregando...

TEXTO 35

A QUARENTENA É TÃO BELA

QUANTO A VÊNUS DE MILO

A quarentena é tão bela quanto a vénus de milo.
O que há é pouca gente para dar por isso.
Não. Não foi isso que o vento disse. Lá fora. Nos campos.
Já tem história de tantas pessoas que não precisa trazer pessoa com
mais histórias de pessoas.
O ponto é: e os braços?
A pedra tá nas duas, certeza.
Não tem diferença no movimento... Pedra.
Mas e o braço? Cadê? (Plural. Põe a culpa no isolamento.)
Acontece que eu tenho falado sozinho com todo mundo
Quase certeza que é culpa da pedra. (Não “a pedra”. A outra pedra.
A de cima. Isso.)
Já que ela não fala eu acabo falando por ela. E aí, falo comigo.
(Agora é com você que eu estou falando, mas daqui a pouco é comigo).
É meio esquizofrênico
(Mas ninguém sabe (mais) ninguém sabe) – ponto
4 - 9 - 15 Ó (é tão bobo. Tô copiando alguém)
Mas eu vô voltá a falá da história das pessoas porque quanto mais
eu demorar, menos vô tê pá contá. Vô tê pá contá. Pá contá. Contá.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Com. Tá?

Não... Sem açúcar por favor. Ninguém merece chá com açúcar.

Por que chá?

“Porque a folha do chá é mole, e o grão do café é duro.”

Duro? Que pedra!

E o bendito braço que eu não sei onde tá?

(Era da quarentena que eu “tava” falando, né?)

Não. Era da vênus de milo.

Era?

Helenística, óbvio! Que pergunta é essa?

Quem perguntou o que?

Q?

Não! “Q” é o antigo. Hoje em dia é “I”, mas a cor é quase igual.

Cor do quê?

Do !!!!

[Expiro] me passa logo esse açúcar.

Pra quê? Cê não tem braço pra segurar mesmo?

Segura para mim então.

Não pódê!

Mas que pó o que... É chá! Folha!

Mas é muito chá!

É muito chátó mesmo!!!

Não chato, chato. Muito chá tomado! Quarenta xícaras!

E sem açúcar.

Mas quem falou de açúcar?

(Eu)

Ahh [uníssonos]... Pára dji mintí!

“Mintí” não: fingir!

Ahh [deboche dissonante]. E por acaso é dor?

[Do fundo] casa é dor?

HALDO LITO

[Unísson] não! Não pódê sair!?

(Eu) é chá!

(Fico imaginando a vênus de milo ouvindo tudo isso sozinha)

(Justo ela, tadinha.)

Sem braço pra abraçar, num tempo que não pode abraçar.

Olha só que coisa...

As pedras choram. [Surpreso]

Tá ouvindo isso?

(Ninguém) tô!

Então me fala qual o sinal e quando isso vai acabar!

Mono. Logo.

?

TEXTO 36

O EU ENTRE ESPELHOS E LENTES

Sempre fui daqueles que se sente desconfortável em qualquer lugar por estar sendo observado. Ou melhor, por estar me observando. As várias pessoas-lentes permitiam eu visualizar a partir delas a mim mesmo, e com isso hipotetizar na minha cabeça mil coisas que poderiam não estar adequadas à situação. Achava que eu estava me mexendo demais, encarando outra pessoa por muito tempo, sendo triste e desanimado por minhas feições de cansaço e decepções diárias.

Achava não, tinha certeza. Aliás, certeza é uma coisa que gosto de ter sobre tudo. E tendo certeza de que as pessoas e as coisas são incertas eu crio mais uma das minhas angústias internas.

Mas, voltando ao assunto das observações a mim mesmo a partir dos outros. Eu tento me antecipar às reações das pessoas ao me portar de modo mais tímido, mais engraçado e extrovertido, mais simples ou mais erudito. Na tentativa de fazer a aparência ser agradável ou pertinente à situação eu nego espontaneidades ao olhar dos outros e nego a mim mesmo.

E quando sou espontâneo, tenho certeza de que exagero um pouco e procuro confirmar indícios ou vestígios nas expressões das pessoas de que realmente fui desagradável, enfadonho, infeliz.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Fico nessa briga buscando um equilíbrio entre os desconfortos.

É sempre quero ser bom para o outro. É como se, sendo bom para o outro, eu estaria sendo bom comigo mesmo. Não que a coisa seja tão egoísta a ponto de meu bem-estar ser a finalidade de toda ação. Ou talvez seja assim mesmo.

A simplicidade das coisas é encantadora. E essa ideia fixa me fazia tornar todas as relações e contatos complexas para que nenhuma simplicidade me escapasse. E eu esquecia de cumprimentar e conversar um pouco com o meu feirante de frutas preferido, de uma feira que acontece toda sexta-feira das 7 da manhã às 13 da tarde, do lado de casa, para a qual sempre vou acompanhado de minha irmã.

E aí veio o isolamento social. E fiquei privado dos meus olhares a mim mesmo diários. E também dos contatos complexos em buscas de simplicidade que fizessem o dia valer a pena. E comecei a me sentir bem.

Na segunda semana de quarentena, as comidas de casa haviam acabado. Então sexta-feira, lá pelas 11 horas da manhã, assim que o sol deixou de ser inimigo de nossa visão escura e segura e terminamos de efetivamente acordar, eu e minha irmã decidimos (o que já estava decidido há 3 dias) ir à feira fazer nossas mesmas compras quinzenais. Nada fora do comum. Pegamos nosso carrinho com sacola florida, cuja rodinha direita já havia um tempo estava travando e dificultando a trajetória dos 2 quarteirões e meio, e saímos do prédio.

Saímos pela parte externa, conectada à garagem subterrânea por uma rampa, logo à direita do elevador. Então não pudemos passar pelo hall e cumprimentar os porteiros. Política do prédio para evitar todo mundo encostar na maçaneta da porta do hall. Achei lógico, mas ruim. Adoro cumprimentar os porteiros todos os dias. Sinto que já começo fazendo a manhã tornando o dia da outra pessoa um pouco mais agradável.

A rua estava vazia comparada com as outras vezes em que saíamos. Ninguém para eu me observar. Não sabia se eu me sentia bem por

estar livre de cobranças ou me cobrava por estar livre do meu próprio olhar. Mas é engraçado que nesses momentos tento me enxergar pelo meu próprio coração. Ele passa a bater mais forte e lento, sinto que ele deixa menos sangue não ejetado para trás. E fico ansioso por não ter parâmetros, pela incerteza de não saber como estou me portando e por simplesmente estar existindo.

Chegando à feira, logo senti falta das bancas de pastel que abrem a rua Conceição Veloso a partir de uma perpendicular da Vergueiro. Tinha pouco movimento, realmente. Senti pena pelos feirantes, que acordam tão cedo e ficam a gritar seus produtos como se fossem suas vidas. Mas que no final das contas não são tão caros. Só que não deixam de ser a vida deles. Pelo menos meu fiel vendedor de frutas estava lá, na segunda barraca central, já preparado para eu pedir as mesmas coisas de sempre, que ele já sabia de cor perguntando “Vai levar o caqui hoje, né?” e pra todas as outras frutas. Ele havia decorado todas as nossas preferências já na terceira vez em que frequentávamos a feira. Fiquei impressionado e desde então só compro dele, ainda que algumas frutas sejam mais caras em sua barraca.

Mas uma coisa que eu não falei é que antes de perguntar sobre as frutas, ele abre um sorriso e já balança a cabeça falando:

— Bom dia, casal!

E nós respondíamos, meio cabisbaixos, envergonhados de sabe-se lá o que:

— Bom dia, tudo bem? E ficava nisso mesmo.

— Bom dia, tudo bem com você? A gente não é um casal não. Ou melhor, somos um casal, só que de irmãos. -e falei isso com todo o nervosismo que já vinha acumulado do trajeto até a feira, e passei a pensar que havia sido grosso e a me repreender.

E olhei bem nos olhos dele.

Subitamente, vi ele abrindo um sorriso com uma gargalhada “e você só me disse isso agora?”. Sim, só disse isso agora. E só agora também consegui perceber uma coisa que mudou tudo a partir dali.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Eu até então estava olhando para olhos-espelhos. Buscando uma auto imagem, um reflexo pré-consciente de negação das coisas como elas são ou estão sendo. E ao olhar pros olhos do meu feirante preferido da rua Conceição Veloso das sextas-feiras das 7 da manhã às 13 da tarde eu olhei com os olhos dele. Olhei com os olhos dele. Com o coração dele. Olhei a partir dele.

Passaram pelos meus pensamentos relances de que finalmente havia aprendido a ser. Perdi todo o nervosismo, esqueci das pessoas que potencialmente poderiam servir de espelho. Meu coração finalmente saiu da minha consciência.

E continuei, só que não tão continuamente assim, a existir.

TEXT0 37

OUTONO

Temos um outono
Dizem os meteorologistas
Embora não pareça

Lá fora, faz sol e tem flores
Mas os homens sucumbem
Como folhas
Por uma praga

Cá dentro, sem sol e sem cores
As memórias se fundem
Como bolhas
E estouram a esmo

Adentro meu peito
E é definitivamente outono, típico
A mente-céu está nublada
Os galhos caem por terra

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Procuro na raiz a nutrição necessária
Para atravessar essa estação
E botar flores
No solo desse peito

A raiz agarrou a terra?
Consegue quebrar o concreto?
Um tronco robusto com uma raiz fraca
Apodrece e racha

Profundo na trilha do peito, vislumbro a alma
Tão etérea, sem forma,
Como o tempo entre as estações:
É virtual e lá nunca é nada

Nunca é verão, inverno, outono ou primavera
Pois a alma é como a terra
O sistema que permite a manifestação de todas as estações Não se
limitando a nenhuma em específico
Como a Terra
A alma é livre de preferências
Ela jamais se inclina a favor de algo
Ela apenas É

Mas é tempo de cinza,
E os tons do outono se impõem
Fazendo minha essência vaguar
No espaço vazio, suspensa

Como uma folha levada ao vento.
Se o vento se intensifica, a folha,
Seca,
Se quebra?

Difusas, sem rumo
Folhas são carregadas
E se carregam
Na ventania súbita que se ergue

Um vento que varre
Vidas,
Vírus,
Vilas

Quando o vento cessa
As folhas se aquietam na terra,
E com os galhos, nutrem o solo,
E a terra tudo absorve

Que a minha alma faça disso alimento
E nutra o crescimento
De novos amores
E das mais belas flores

TEXT0 38

HUMANITY

Have you forgotten about the ocean of despair,
Nourished by the tears for the lives we cannot repair?

O, have you stopped looking at the stars to grieve for the losses,
or kept cold-hearted, preoccupied with online courses?

For you are dauntless to fly in the cold unknown fog,
And leave behind your friends who truly cannot jog.

O, you brawl with one another for the things you cannot change,
And fail to help your friends 'cause of plans you could rearrange.

For you take a shortcut, in the shadows far from the light,
Over the known yellow brick road, slower but always bright.

O, Haven't you learned the consequences of Prince Prospero's arrogance,
Or, by living this spurious life, you accept his cursed inheritance?

For humanity will provide you with the languages of art,
To remind you that above all we always had the same heart.
Down with the indifference,
Down with the blind productivity.

TEXTO 39

DHARMA

Não sei o que me faz seguir
Ouvi dizer que é o amor
Mas como posso estender as mãos
Se as ocupo me contendo em mim?

Aquilo que tanto busco
Seria sentido ou solução?
Sei que olhando dentro ou fora
Só enxergo solidão

Estamos mesmo assim sozinhos?
Me recuso a acreditar
Em tal blasfêmia como verdade
Talvez isso que seja amar

Aquilo que nos une
É invisível, mas está aqui
Posso não sentir ou tampouco aceitar
Contudo persisto

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Insisto, é preciso andar
Nesta caça oculta chamada vida
Perseguir perdido o infinito em nós
É somente o que me resta

E talvez, apenas talvez
Isso por si só já baste:
Que com a força desse desejo
A plena realização se complete

TEXTO 40

COMO O TEMPO TEM

PASSADO PRA VOCÊ?

Outro dia, deparei-me com uma situação inusitada - abro a geladeira, pego um iogurte e... aborreço-me com a data de validade: não estava vencido. O caro leitor deve estar se perguntando “mas como assim, aborrecer-se pelo iogurte não estar vencido?”, eu explico.

Estou acostumado a tomar iogurte após o exercício físico diário - longos treinos vespertinos no CEPE, o centro esportivo a 2 horas de transporte público da minha casa, de onde volto cansado, sujo e planejando os próximos dias, ou dando aquela estudada de última hora para uma prova que anunciaria o início do fim de semana. Sempre o faço acompanhado de um iogurte previamente selecionado de minha geladeira de acordo com a proximidade de seu vencimento, o qual, caso não mantenha vigilância, ocorre à minha revelia. Seus motivos são diversos: derivados de leite estragam com facilidade; a desatenção congênita diagnosticada por minha mãe; os inúmeros compromissos, planos e desejos que me distraem da passagem feroz do tempo. Seja qual for o motivo, uma informação é cláusula pétrea em meu senso comum: iogurtes não duram muito tempo.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Doeu em meu cerne saber que, apesar da dezena (ou seriam meia dúzia?) de “boa noite”s e “bom plantão”s passados depois deste iogurte estar higienizado e resfriado em nosso convívio, sua validade ainda estava longe de chegar. E que, assim como este, muitos outros iogurtes virão antes que eu possa desfrutá-los ouvindo o saxofone da Linha Amarela e fazendo as contas de quanto gastei no mês. Mas enquanto sua validade insiste em se estender, foquemo-nos nas flores.

TEXTO 41

UM OLHAR INTERIOR

Nunca imaginaria que dentre todas as premonições apocalípticas, por mais que os maias tenham tentado, no fim quem acertou foi Raul Seixas. Hoje, eu vivo “O dia em que a Terra parou”. E como parou. Nesse período tão nebuloso de nossas vidas, acredito ser inevitável o sentimento de solidão, frustração, ansiedade. Não me levem a mal, sou uma pessoa que adora a privacidade de passar a tarde toda no quarto. Acho agradável principalmente o gosto do sono; posso até dizer que saboreio cada segundo que passo de pijama e no aconchego das cobertas. É quase como voltar ao útero, o lugar mais confortável da existência, onde posso me nutrir sem restrições. Mas quando sair do conforto do lar deixa de ser uma opção viável, então o que diferencia minha situação de um cárcere privado?

De fato, o ser humano é uma espécie social. O isolamento, embora me apeteça, não me agrada quando é algo necessário. Respeito profundamente quem não possui o privilégio que tenho, de poder escolher ficar em casa. Aos que compartilham de minhas vantagens sociais, sigo a reclamar do meu drama existencial que, apesar de não se comparar a tantos outros males menos fúteis, ainda é uma angústia.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Os segundos se tornam horas, e não demora aos dias a se tornarem monótonos, repetitivos. Na realidade, confesso que aboli o sistema gregoriano. Com que finalidade isso me serviria, afinal?! Não. Agora há de ser apenas “o dia, a tarde e a noite”. Ponto.

Onde estávamos? Ah sim, o isolamento. Realmente, há fortes indícios científicos de que os dias se tornaram mais obscuros – ou apenas sou eu, que comecei a me acostumar a ir dormir de madrugada e acordar no meio da tarde, mas vamos ignorar isso. Sinto-me como um rato de laboratório, confinado naqueles labirintos com um queijo sinalizando o fim. Um pedaço suculento, pronto para ser devorado. Um verdadeiro tesouro a ser encontrado, ainda fora de alcance.

Acredito que um dos grandes desafios da quarentena é encontrar a linha de chegada no meio deste embaraço sombrio. Aqui temos algo excêntrico: na realidade, a saída está selada – acredito que o nome “isolamento” é auto explicativo; no entanto, há ainda outros caminhos se iluminando, figurativamente. Mesmo esse labirinto, o qual chamo de lar, mostrou-se útil para liberar pensamentos aleatórios e um tanto quanto interessantes – aí está meu queijo. Vocês verão logo a seguir.

Imagino eu que só nos sentimos presos dentro de casa porque nos sentimos presos dentro de nós mesmos. Nesse caso, todos os prévios estímulos que circundavam nosso cotidiano eram uma grande fuga. Uma grande e estupenda fuga interminável. Parece até que estar acompanhado apenas dos próprios pensamentos torna-se um suplício. O mundo exterior – como passei a chamar o ambiente fora de casa – é agora inacessível. Tornei-me a maior fonte humana de estímulos na proximidade, o quão traumatizante isso pode ser?! Não... não seria possível... não é? Estamos falando da espécie que elaborou a física, a filosofia, a matemática, a Netflix e o Youtube. Seria essa mesma espécie assim tão frágil?

Aí vai outro pensamento: somos seres muito contraditórios. Depois de refletir muito a respeito, passei também a acreditar que os dias

mais obscuros da quarentena também serviram como uma oportunidade para mudar. O trauma na realidade foi um desafio, o qual depois de muita luta foi superado. Passei a gostar da minha companhia, a apreciar coisas que antes ignorava. Qual é então o segredo? A fórmula mágica? Bom, infelizmente não existe fórmula mágica. Mas o que funcionou para mim foi parar de fugir. Parar de buscar distrações. Prestar atenção naquilo que sou e no que gosto ou desgosto. Descobri que não preciso sair de casa para descobrir o mundo. Gosto de acreditar que cada organismo vivo é um universo empacotado.

Nunca houve, na modernidade, tanta oportunidade para sair do transe irresistível do cotidiano, dos estímulos do mundo exterior. Tendo agora flexibilidade para poder me planejar no meu próprio ritmo, consegui facilmente arranjar tempo para (tentar) meditar todos os dias. E que diferença absurda essa liberdade em cárcere faz. Sinceramente, quando foi a última vez que você apreciou a paisagem da sua janela? Que parou tudo que estava fazendo para olhar o pôr-do-sol? Que abriu os braços e sentiu de peito aberto o calor solar te preenchendo de energia ao acordar? Se sua resposta for “não lembro”, convido-te a fazer esses exercícios.

Sabe, essas pequenas coisas podem parecer não fazer nenhuma diferença, mas são nos detalhes do contrato, este que chamamos de vida, que reside o significado e a felicidade – no entanto, confesso que clico em “Li e aceito os termos de uso” sem ler absolutamente nada, assim como você. De qualquer modo, é incrível poder dar significado para a maneira como se vive. Um simples toque de perspectiva pode mudar tudo: o bisturi pode ser tanto usado para ferir quanto para curar, não é o que dizem?

Gosto de pensar que o gosto doce do açúcar pode ser um tanto salgado a depender da situação. Nesse sentido, se tudo há de ser reflexo da percepção que temos sobre a realidade, qual o motivo de manter a realidade na penumbra? A ansiedade e a angústia contribuem para focar

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

naquilo que temos medo; pois então faça o contrário. Procure focar naquilo que te faz bem, mesmo isso sendo contra a natureza dos pessimistas. Reitero: qual outro momento seria o mais propício para navegar no meandro do nosso labirinto inconsciente, ou então sair da zona de conforto? Talvez a própria redação dessas linhas seja a prova documental do que quero dizer. Afinal, não costumo escrever reflexões.

Acredite, o intento dessas palavras não é ser um texto de autoajuda – caso o seja, e tenha dado certo, me mande uma mensagem para que eu possa planejar uma carreira milionária como escritor. O que quero dizer é que o isolamento não é de todo ruim, nem mesmo bom. Torna-se tudo uma questão relativa. Quanto maior a luz, maior será a sombra gerada. Uma não existe sem a outra – com exceção do zênite solar, talvez. No dia em que a Terra parou eu comecei, aos poucos, a ignorar levemente os gritos constantes do mundo exterior, aprendendo a escutar também meu olhar interior. Tenho então esperanças de que essa quarentena abra maiores oportunidades para que mais pessoas também possam, finalmente, abocanhar seus queijos, parando de fugir.

TEXTO 42

PÓS-BRASIL

Aquela hora chovia. A cada pingo gotejante, um estalido do ponteiro. Era um dia comum na vida de José. Comumente em pé, apertado entre outros passageiros às 18h47, no trem da linha esmeralda da CPTM, sentido Grajaú. José sentia-se estranho, estranhamente faltava-lhe algo. Uma sensação apoderava-se de seu corpo rotineiro, misturando-se claustrofobicamente ao entorno cotidiano. Não, já não era mesmice. Dessa vez era diferente, José ia mesmo desmaiar.

O relógio de pulso mostrava 18h48. Analogicamente, os tempos eram outros. João segurava-se no apoio superior do vagão da linha vermelha do metrô, estação da Sé, sentido Itaquera. A testa confortavelmente ajustada no antebraço para descansar da fadiga de mais um plantão, mais internações e mais mortes. Esgotado, olhava insistentemente a tela do celular, ligando e desligando em um ato contínuo, moto perpétuo. Porém a física também não explicava aquela gravidade que sentia. Gravemente puxado para baixo.

Já passavam das 18h49, o ônibus 477P-10, sentido Rio Pequeno, estava 20 minutos atrasado e, por isso, mais cheio que o normal. Porque chovia, as janelas estavam todas fechadas e não havia ar para

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

respirar. Nas ruas e avenidas, carros buzonavam e balançavam bandeiras de cores alegres. São Paulo estava em quarentena. De dentro do ônibus, Jordana via aquela festa, sentia a cabeça pesar e pensava o que aconteceria se soltasse do encosto e caísse no chão.

Na frente de seu condomínio, na Rua Ermelinda Americano, número 64, às 18h50 em ponto, Janaina descia do Uber. Abria o grande portão verde, passava álcool nos dedos, cumprimentava à distância o segurança e a faxineira. Do saguão, via que o relógio na parede parecia quebrado, mostrava o horário repetido em um momento novo. Parada, não tinha forças de chamar o elevador. Seu corpo irremediavelmente preso no térreo.

Com a televisão ligada, Jandira assistia ao noticiário. Há 365 dias não saía de sua casa, na Avenida Pereira Barreto, sem entender bem o porquê. Passava os dias picando cebola, fritando alho e cozinhando feijão. Fazia um tempo não lia jornais, porque cansava a vista e amargava o coração. Seus olhos fechavam, estava cansada. Eram 18h51 e o telefone em cima da estante não tocava. Hoje, jantaria sozinha.

TEXTO 43

DINAMISMO

A vida são nuvens
Com sua vontade de potência
Adquirem formas
Formatos
Crescem
Minguam
Em uma constante batalha contra os fluxos aéreos
Os quais
Estimulam-nas
A adquirirem novas formas
Formatos
Então elas voltam
Crescem
E...
Minguam

Não há como esperar que elas estejam sempre lá
E que elas sejam sempre as mesmas
A cada momento

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Estão se fazendo

E...

Desfazendo

Como refazer o que foi desfeito?

TEXTO 44

SEXTA-FEIRA

PASSADA CHOVEU.

Sexta-feira passada choveu. Se eu procurasse um significado para esse fenômeno poderia dizer que neste dia o céu chorou, mas claramente erraria em pensar que chorou de tristeza. Dizer que foi por emoção faz mais sentido, ele parecia feliz nos últimos dias. E sim, ele tem motivo.

Embora ele não tenha mais tanta oportunidade assim de ver as incríveis e minúsculas figuras humanas vivendo suas vidas e, então, rir dos mais estabnanados, se emocionar com os raros atos românticos, encher-se de compaixão ao ver a solidariedade genuína de alguns outros e se alegrar com os inúmeros encontros entre aqueles que amam passar um tempo juntos, hoje ele se vê livre.

Logicamente ele sempre foi livre, se for entender a palavra no seu sentido literal, afinal, ninguém conseguiu prendê-lo até o momento. Mas, de maneira figurativa eu posso entender que ele se encontra liberto de tamanha ganância e individualidade humana. Pois elas são as responsáveis por tirar dele sua verdadeira essência, impondo-lhe uma falsa realidade, a qual não lhe era permitido sair.

As belas cores de seu boa noite diário não demonstravam mais a sua verdadeira beleza. O azul do seu momento mais aparente já não se mostrava

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

como realmente é, já que havia sido “melhorado” com um filtro cinza de sujeira. Os seus esforços para enfeitar a sua escuridão já não podem mais ser admirados como ele tanto deseja porque... bem, porque precisamos de mais horas diurnas do que aquelas que nos são dispostas, não é?

Mas ele, finalmente, achou um respiro. QUE ALEGRIA! O seu azul passou a ser, de fato, azul e o seu “bom descanso” mais verdadeiro, acredito, ainda, que quando ele vem alegre, logo cedo, dizendo “bom dia”, encontramos mais espontaneidade nesse momento. Sua visão, agora mais nítida, lhe permite apreciar as incríveis e minúsculas criaturas “selvagens” que, mais civilizadas que as primeiramente citadas, se enchem de coragem para explorar a grandiosa selva de pedra que tanto lhes dava medo. Que cena incrivelmente inesquecível!

Fico feliz por você, céu, de verdade. Posso até chorar a sua alegria com você. Mas terei que lhe pedir licença as vezes, pois não posso deixar que chore a minha tristeza comigo, não agora que finalmente conseguiu se livrar da sua. Dói de mais pensar que se tornou tão difícil termos uma relação boa suficiente para que ambos possam ser livres a sua maneira.

Me perdoa, a culpa é minha.

Eu sinto inveja de você por estar tão solto assim, sinto falta de viver isso com você, embora essa seja a primeira oportunidade desde que nasci e eu esteja impedida de aproveitá-la. Fico triste quando penso que isso não durará tanto tempo assim, mas feliz por você estar aproveitando. Espero que quando eu puder sair de novo, eu leve uma vida com mais impactos positivos em você, quero a liberdade de uma amizade com você. Quero aproveitar mais as belezas que me traz de tão bom grado e cuidar para que a sua autenticidade não se perca mais uma vez.

Me desculpa por ter te machucado tanto enquanto fazia parte dessa humanidade que de humana já não tem nada a tanto tempo.

TEXTO 45

HISTÓRIA DE FAMÍLIA NA QUARENTENA

A presença do meu irmão nunca coube em casa, ela esbarra em tudo. Estabanadíssima. E olha que hoje a casa é grande. Antes, quando a gente dividia o quarto, ele precisava sair pra eu entrar. Tanto que ele desistiu de tentar caber e percebeu que precisa de vários lugares pra morar. Nesses últimos meses ele encolheu, que nem aquela bola enorme de plástico que a gente quer fazer caber no armário quando sabe que não cabe. Mas precisava. Vocês, os extrovertidos, que fazem energia a partir de gente, deve ser muito difícil pra vocês. Dia desses meu irmão quase explodiu. Então afrouxamos a porta do armário e ele pôde se espalhar um pouco mais. Quando ele acorda, às três da tarde, parece que o mundo

acabou de começar. O sol é egocêntrico, sabe. É difícil ser grande, pelo menos eu acho.

Minha mãe

é uma ladeira de afeto, cuidado

e preguiça.....

acostumada a estar em casa, não faz tanta

falta a rua, a gente, o exercício ou as conversas,

não muda muito a falta de horário, só muda o trabalho,

triplicado, é a décima vez que lavo roupa hoje, e a preocupação, porque, pras

pessoas preocupadas, **a preocupação é preocupante.**

eu, oitenta e cinco por cento introvertida
os outros quinze por cento ensimesmada
lua conjunta a vênus de casa quatro
vejo graça nas minhas músicas
graça nas minhas janelas
graça no interior
me encontro
dentro
só

Meu pai continua trabalhando fora de casa.
(e da realidade)

TEXTO 46

A HORA DA ESTELA

Estela, magrela e mulher forte
a pouca idade e a coluna já torta
suportando o peso do mundo
da sua ignorância
da sua própria pena de morte

Sonhava em ser cabeleireira
mas a perspectiva de mainha era nenhuma
além de uma só:
fome e pó
porque lá naquele fim de mundo
o caminho é seco
e o destino segue, sempre, seco
seco, seco, seco e só

O cabelo ela pintava de vermelho vivo
da cor da sua coragem
da cor do sol, incisivo
mas ele desbotava

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

por isso ela teve medo
quando pegou pela primeira vez o elevador
e todas as vezes seguintes também
acontece que pisar no ar era assustador
praqueles pés tão pesados
acostumados a só sentir chão
e dor

Bem, o elevador ela pegou pra chegar no serviço
mas antes disso
embalou um vestido, duzentos reais e o coração
desceu em São Paulo
e só daí subiu no elevador
ia cuidar de criança
pra custear seu curso no salão
isso porque o que ela queria mesmo
era subir na vida
era essa a sua grande decisão

Quando conheci Estela
achei tudo nela
tão engraçado
santa ingenuidade...
ela segurava nas paredes do elevador
com o olho arregalado
e eu ria
e dizia
a Estela nunca andou de elevador!

Na cozinha, perguntamos certa vez
Estela, o que é clara em neve?
tá na receita do bolo

ela arriscou uma explicação breve
talvez seja bater o ovo junto com a casca
mal sabia
A Estela não sabe o que é clara em neve!
eu dizia

Estela acompanhava a gente até o cinema
como é o cinema?
ela perguntava, envergonhada
achava a curiosidade um problema
e eu definitivamente concluía
só pode ser uma alienígena!
e dizia
A Estela nunca foi ao cinema!

Estela,
quinze anos se passaram
e lançaram sobre a minha cabeça
como um bloco de concreto
o abismo entre nós duas
e a realidade nua e crua
da sua vida injusta e dura
vivida por decreto

Estela,
por favor, me perdoa.
no mundo de onde eu vim
é normal você existir assim
invisível
a sua dor, a sua luta

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

tão previsível
é normal a sua exploração
insensível
humanidade é só pra quem merece
o padre disse em prece
matar de fome, de raiva e de sede
se fizer direito enriquece

Me perdoa
por não ter te levado ao cinema
e por ter achado que você falava pouco
seu espírito falava até demais
sem nem precisar das palavras
de tanto gritar ficou rouco
e hoje eu sinto a sua dor de garganta

Me perdoa
por não ter elogiado seu cabelo vermelho
por ter rido do seu desespero
e principalmente
por não ter chorado essas lágrimas

Quando te conheci
eu tinha só sete anos
eu já sentia a sua dor
eu só não entendia
a maldade dos humanos.

TEXTO 47

MEDITAÇÃO

quando eu era pequena
como toda criança
curiosa e mística
deitada na cama antes de dormir
eu fechava os olhos
e pensava

pensava
pensava
pensava
em toda a metafísica
que a vasta sabedoria
do meu coração
no auge dos seus oito anos de vida
era capaz de abrigar

no silêncio dos olhos fechados
eu desembarcava
e buscava

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

bem lá dentro
alguma resposta
pras estranhezas
que eu sentia
habitando essa roupa

o que eu sou
ou quem sou eu
se tirar toda essa pele
o que sobra
e como deve ser a forma
dessa entidade que pensa?

se essa coisa que pensa
sou eu de verdade
e não minha cara
em que espaço
esse pensamento existe
se só eu escuto
e nem é pelo ouvido?

há quanto tempo
eu existo
ou será
que eu sempre existi
e não lembro
será que quando
eu morrer
eu vou continuar lembrando?

e nessa busca transcendental
tão natural quanto escovar os dentes
eu me encontrava
enfim
como um pontinho
pequenino e brilhante
no meio do meu cérebro
como uma estrela
num céu escuro e silencioso

e isso era tão imenso
e tão vazio
que eu me desesperava
abria os olhos
ligava correndo a TV no Tom e Jerry
pra morrer de tédio
e enfim poder dormir

talvez por isso
eu tivesse tanto medo do escuro
não é fácil
descobrir o segredo da existência
e continuar vivendo
normalmente
no mundo

TEXTO 48

“COMO VAI VOCÊ?”

...E João falou, em seu olhar azul cobalto, que agora tudo que sentia era uma angústia apertada; enquanto Marina bruxesca louvava o mundo novo que, certamente, viria depois que tudo isso acabasse. Estela arranca os cabelos, vociferando pelo seu direito de ir e vir e, eloquente, quase se convence ao dizer que não tem medo da morte. Já faz 1 mês que Wellington não dorme direito. A mãezinha dele está no hospital. Sozinha. Logo ela. A coroa sempre teve tanto medo da solidão. Antônio já pintou 3 quadros no isolamento e nem foi desafio a vida assim, tão quietinha. Josefa já não se conforma com a irresponsabilidade da neta. Ela quer me matar. E a neta chora escondida com medo de ser mesmo ruim quando volta da rua. Pra Jorge a vida não tem graça e nunca teve. Sinceramente tanto faz. Fabíola segue empenhada: meet, call, done; 15 min de aeróbica e ponto. Márcia tem fome. Pedro tem fome e filhos. Fazia anos que Bia não rezava, mas agora ela pede, toda noite, para que Deus proteja os doentes, os pobres e os carentes. Amém. Gabriel acorda atordoado com o despertador. Será que a paciente sobreviveu à esta noite? Não sobreviveu. Porra, a filha tá no corredor. Clara sente um medo paralisante; ela teme que a vida nunca volte ao normal e tem pavor de que tudo volte a ser exatamente como era antes...

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Mas... Quem são essas pessoas, afinal? Descrevendo-as assim tão atônitas noto que não as conheço.

Sinto-as todas, é verdade, ora ofegantes com hálito de fumo em meu cangote, ora tranquilas e aprendendo a meditar,

Sinto-as em desespero também, porque o homem é um ser solitário incapaz de viver em solidão e em seu ser só não pode caber.

Sinto-as. Sinto muito, aliás, mas não as conheço.

Acho que dei nome aos números só para poder olhar nos olhos do vírus e infectá-lo do que sente tudo quanto é gente.

Acho que sou um pouco delas sem ser nenhuma sequer. Acho que são um pouco de mim também.

Somos todos meio reféns de sermos o que todo mundo é.

A verdade é que não sei.

Não faço a mínima ideia de como vou.

Sinto o que todos sentem,

E todos seguem sentindo tanto.

“Bem. Na medida do possível.”

TEXTO 49

A COROA E A FLOR

Como queda o mundo por amor?

Marcha estranha de luta e compreensão
Nessa paralisia hostil mora toda a nossa ação

Essa nossa união segue tão desnivelada

Tudo que vive pode cair morto na calçada
Mas onde tem menos espaço para a distância é na quebrada.

Coroa maldita,

Em qualquer forma mal quista
Sempre interdita meus irmãos.

O vírus e o trono,
Sem dismantelo ou abandono,
Afastam de vez as nossas mãos.

Haja visto meu ponto de vista pessimista
Os poetas mortos me mandaram calar,
E sobre uma flor feia me vieram contar.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

“É feia, mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”

E já é maior que o interesse por todo o óleo.

“Suas pétalas não se abrem,

Seu nome não está nos livros

É feia. Mas é realmente um flor.”

Flor unânime. Flor consenso.

Única flor possível para quedar o mundo por amor.

Trechos citados do poema “A Flor e a Náusea”, Carlos Drummond de Andrade

TEXTO 50

CARTA DE AMOR

L 2 horas de tela na cara, videoaulas, resumo; canecas, baldes de café. Dia desses esqueci de comer. Eu me irrita e até choro às vezes. Mas no início da noite, quando começo a minha busca diária pelo número de óbitos, perfil epidemiológico, curva de contágio e novos tratamentos, sinto vontade de voltar às anotações e aprender um quêzinho a mais, qualquer que seja.

Acho que tenho o dom de ver gente em curva. Quando o gráfico sobe, dói tanto em mim. Engulo destinada qualquer dificuldade e uma onda gostosa me diz que eu estudaria tudo de novo, 100 vezes mais, porque uma única dor alheia diminuída no futuro faria de todo o presente um presente – mas é tão brega e piegas o que as ondas nos sussurram, que eu jamais diria em voz alta.

Sinto um amor profundo pelo caminho que me aguarda. E esse amor vem de outro amor. Estudar saúde me destitui autoritariamente do direito de julgar e mesmo que em minha vida pessoal o julgo seja importante, reflexo dos ideais que construí na singularidade da minha existência, odiar dói. No final das contas, somos universais e eu sei. Toda raiva que projeto volta para o meu peito, para esta partícula inadmissível e pulsante em todos nós que, no íntimo, é capaz de com-

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

prender o mais diferente dos homens, sempre tão parecido com nós mesmos. Por isso, esse não escolher de lados me faz feliz.

E essa obrigação de ver a todos como iguais que o estudo da vida me impôs também me obriga a admitir o quanto amo a humanidade.

Samba doido e explosivo, que me assusta e decepciona, mas em quem deposito toda minha fé e esperança.

Humanidade felina composta de almas perdidas,

Te amo e a ti quero servir.

Sinto saudades de teus rostos desconhecidos nos transportes públicos.

Sinto saudades das ruas lotadas do nosso amor tão hostil.

Sinto saudades das vidas tomadas que nem cheguei a conhecer.

TEXTO 51

DESPERTAR

Despertar. Dezenas de alarmes, sincronicamente, me tiram do raso sono que me atarraxava à cama.

Drim-drim, 07h.

Hora de coar o Três Corações no coador de pano velho, furado, que meu pai me doou em 18 de fevereiro de 2017, um dia antes de eu definitivamente sair de casa. Mas coar onde? Na caneca da Medicina, é claro: 700ml de volume não servem apenas para serem carregados num cordão no pescoço para se encher de cerveja em festas e competições, 700ml é volume suficiente para afagar meu espírito em todos os momentos da vida – despertar, hidratar, treinar, remar, viajar, filosofar, acalmar, desconstruir, despertar. Café pronto? Comida em mãos?

Drim-drim, 07h30.

Cada molécula de cafeína descendo esôfago abaixo é força suficiente para me fazer aguentar abrir o site do Hospital Johns Hopkins e olhar o novo status brasileiro no ranking mundial. Eba, estamos cada dia mais perto do topo! Opa?! Não. Resposta errada. O motivo dessa escalada sem limite é que me raseia o sono. A cada dia que 1, 2% de casos aumentam, eu penso que é mais 1 ou 2 meses sem poder ver meu pai. Chega. Hora de abrir o Classroom, a aula vai começar,

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

contudo antes de chegar lá meu navegador me leva às notícias da manhã e perco mais um uns minutos me enraivecendo com um filme do Tarantino misturado com Kubrick, que é a feijoada brasileira. Esses minutos me fazem pensar que talvez, mas só talvez, minha mente vá parar 1960 e estacione em uma obra de Hitchcock.

Drim-drim, 07h50.

Mais um alarme, dessa vez com o seguinte rótulo: Aula/estudo. Dá mesma forma como o som do alarme se inicia em fade minha mente se desgruda da Psicose e adentra em mais algum assunto da graduação que estava programado para aquele horário. Tela. Caneta. Folhas. Sons. Vozes – “Vocês estão me ouvindo? Qualquer coisa escreve no tché”. O doutorado é americano, mas o tato para entender que mais de 3h de exposição - para alunos em regime fechado – se assemelha a um monologo no chuveiro, é quase nulo. Eu tento, embora muitas vezes meu tálamo faça com que eu volte a atenção para qualquer outro alerta em meus 4 m² de cela. Não há interneurônio que aguente, é preciso que eu tenha esses momentos que evitem constância para que meu SNC continue dando atenção à epopeia do banho. Legal: 10, 15% retido, por ora. No caderno uns 70%. Se eu conseguir transcrever, adicionar umas imagens, ler um capítulo, fazer uns exercícios e quem sabe um mapa mental, antes da prova, vai dar bom. Neurofisiologia, hân? Psicopedagogia, hân? Em 3 anos nesta indústria vital esse planejamento nunca aconteceu.

Drim-drim, 11h30.

Despertador em fade me diz: Almoço. Hora de sair da cela e buscar meus companheiros de cárcere para tirar as dúvidas de uma “família em casa”: almoçaremos juntos? Quem lava a louça? Quem faz a comida? Olha, precisa ir ao mercado comprar papel alumínio, hein. Olha, essa semana sou eu quem limpa a cozinha, você a sala, você o banheiro e você tira os lixos. Bora almoçar?

Drim-drim, 13h.

Em 90% das quarentena-vezes os quatro se sentam a mesa para o almoço. Entretenimento do almoço? Ah, caro leitor, você já sabe: mais um pouco de sangue e conspiração à lá obras de cinema, mas com uma pitada de carne de porco. Em um dia ordinário, após o almoço, me preparo para aula da tarde. Abro o zap. Parece que há um mundo paralelo vivendo dentro dos pixels daquela tela: Cara, você se inscreveu pro congresso online? Caro Thiari, como anda a escrita dos materiais e métodos da pesquisa? Thiari, não estou conseguindo me organizar para o vestibular, me ajuda? Thiari, infelizmente reduzimos seu salário no cursinho, época de pandemia. E aí, filho, já almoçou? Thi, já que a escolinha está sem aula, você vai me ensinar o quê hoje? Mano, vamos jogar mais tarde? Filho, o pai não teve serviço hoje de novo, vou ter que ficar em casa mais um dia. Mano, eu tô meio estranha, será que é COVID? Thiari, tava vendo os negócios pra prova de residência, você conseguiu aqueles materiais? Mano, pra essa aula da manhã foi só no Amor Fati mesmo, Senhor! Aô, parça, bora pra aula!

Embora possa parecer um circo a rede de contatos, assuntos, conversas, cobranças, frustrações, tristeza. Há no fundo uma alegria por ler/ouvir a interjeição: “Thiarô!” – Fato social esculpido em Carrara por Durkheim em minha vida.

Drim-drim, 14h.

Você já sabe, leitor, Aula/estudo. Não importa a UC, as aulas da tarde tendem a ser menores que as da manhã. Curioso, não? Será que o indivíduo de doutorado americano fez uma sinapse especial após o almoço e se ligou que se fosse mais um monólogo no chuveiro a gente ia definhar? Bom, para aqueles que não a fizeram sempre há um “teste pós-aula” valendo nota/presença. Enquanto eu fico uns 40% do tempo no grupo de amigos mandando sticker de uma criança coreana com sono e esperando a famosa hora do “Pós teste”.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Drim-drim, 17h.

Mais um alarme: hora do banho de sol e do treino. Música. Suor. Dor. Cansaço. Prazer? – As vezes. Um banho. Comida. E por fim a cadeira e computador. Lembra daquele “Mano, vamos jogar?” e “Que aula você vai me dar hoje?” É, hora da família. Hora de jogar um pouco com um dos meus irmãos – o quinto - e de ensinar algum assunto legal para minha irmãzinha – a sexta; é, eu tenho muitos irmãos. Na última vez foi GTA V e Reino Fungi, respectivamente. A pequena tem interesse por biológicas, e sinceramente espero que isso não seja influência minha. A ideia de estudar fungos foi por causa do Micélio Medusóide – uma invenção de que ela viu numa série.

Drim-drim, 22h30.

Esse alarme tem um nome sugestivo: fim. Que fim será esse que eu projetei para o meu dia quando cataloguei os rótulos de alarme? Será que seria o fim da rotina ao qual estou sendo imposto? Será que está sendo o fim dos compromissos que eu não queria ter? Será que está sendo o fim daquilo que me mantém ativo e atento nesses tempos de “cárcere”?; Ou será que está sendo o início do tempo que eu posso tomar para me conhecer melhor? Para apreciar a solidude dentro dos meus 4m² de parede branca. Será este meu palácio mental projetado fisicamente? – Se for, ele tem quadros que vão de Machado de Assis até J.K. Rowling; assim como tem garrafas de Corona nas prateleiras, uma mesa que marcenerei de uma porta de guarda-roupa e o túmulo que guarda o sono raso. Mas afinal, saber a resposta importa, leitor?

Silêncio, 00h29.

Corpos abaixo do cobertor. Sim, plural. Dentro da mente há uma infinidade de pensamentos como pessoas andando e lembrando dos compromissos, das imagens, dos desejos, dos sonhos. Ah, e como há sonhos... Em minha lápide espero que não esteja escrito “sonhador” porque gostaria de realizá-los. Mas a angústia atual se mistura com a

esperança de uma forma tão profunda, como se fosse o LPS de uma gram negativa no toll 4. Antes de dormir por vezes me lembro de um senhor que observei numa praça em frente a um hospital um dia desses: cerca de 1,90m, caquético, calça surrada, camisa desbotada, marmitta pequena na mão, cifótico, parecia envergonhado; uma bicicleta Calói daquele modelo antigo e uma bolsa novinha escrito iFood – o aspecto observador veio com número USP. É, lembro daquele dia como se fosse hoje. Sentei-me na calçada pensando que aquele homem poderia ser um pai de família trabalhando de entregador porque perdeu seu emprego formal. Eu quis ajudá-lo naquela hora, mas como? Um milhão de possibilidades na minha cabeça e um milhão de negações que me barravam. Só consegui amargarar e ter em mim reforçada a impotência, desigualdade, angústia – mais intensas dos que meus esforços para encher meus alvéolos de ar quando o Sars-Cov-2 os habitava, e olha que eu tinha escolher entre bocejar, tossir, comer e respirar. Na minha cama, cobertos, pensando em como poder mudar alguma coisa, escuto o último “Drim-drim, 00h30”. Quarentena. Licença poética para neologismos, pensamentos obscuros, solidude, solidão, em rema, trema, com causa e efeito. Será que serei melhor médico por causa dela? Será que serei pior? Será que serei melhor ser humano? Será que serei pior? Chega!

Tic-tac. Tic-tac. Tic-tac. Tic-tac. Tic-tac. Tic-tac. Tic-tac. Tic-tac.
Tic-tac. Tic-tac. Tic-tac. Tic-tac.

Tic-tac. Tic-tac.

Tic-tac. Tic-tac. Tic-tac. Tic-tac.

Tic-tac. Tic-tac. Tic-tac.

Tic-tac. Tic-tac.

Tic-tac. Tic-tac. Tic-tac. Tic-tac.

Tic-tac. Tic-tac.

Tic-tac. Tic-tac.

TEXTO 52

REFLEXO

Tornei-me expectadora de minha própria vida. Tenho visto o relógio parar, os acontecimento se desvanecerem perante os meus olhos imersa em uma imobilidade que me impede de modificar as cenas às quais assisto, sem controle de botões. As paredes que me contornam são o único cenário de meus dramas em vida real. As infiltrações no teto e as imperfeições de uma pintura feita às pressas se transformaram em amigas íntimas: se vejo em repetição os atos de minha rotina, elas estão de expectadoras tanto quanto eu, visualizando meu número reduzido de possibilidades naquele pequeno apartamento, entristecendo-se pela impossibilidade de, quem sabe, se fazerem maiores para introjetarem um pouco de novidade em meus dias congelados.

Apenas vejo o que me rodeia e vivo mergulhada nisso. Os móveis limpos, o chão impecável, as vassouras e panos de chão postos em mesmo lugar por serem convocados com uma frequência maior do que o usual. Os lençóis da cama muito bem esticados, a pia da cozinha sem utensílio sujo. Eu sentada no sofá revezando o olhar por sobre a porta de saída e meu corpo embrulhado em roupas já batidas de uso. A saída para o mundo ao alcance de minhas mãos, a tranca frouxa e

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

sua chave posta despretensiosamente na fechadura. Abriria com um pequeno empurrão e eu desabrocharia em apenas um sopro. Minha pele macia ansiava pelo toque da maçaneta e de outras mãos que não fossem as minhas. Decorei a distância entre uma parede e outra mas esqueci-me das características em mim mesma.

O hábito de vagar os olhos ao meu redor levou-me a torná-los para o espelho de hora em hora. Se as poeiras externamente foram expulsas de seu lugar de inércia, por dentro ninguém arejou o recinto. E devo dizer que as ferrugens da minha respiração dificultaram minha atenção sobre o reflexo a que assisto. A cada segundo, descubro novas imperfeições em meu corpo que antes não roubaram avaliação minuciosa. As cutículas são secas e as curvas imprecisas. Os músculos rígidos, a estrutura bruxuleante. O que antes sentia agora não sente. O que antes não era enxergado, agora era bem notado. E desconheço se o que assisto é real ou se a irrealidade do meu cenário claustrofóbico distorcera o que deveria ser reparado. São realmente imperfeições ou perfeitamente humanos os meus detalhes? Se o humano não é perfeito, se sou perfeitamente humana, talvez haja algo impreciso no que julgo ser distorcido. É de hora em hora que salpico esses pensamentos fungindo da mais absoluta certeza de que a porta era sim, derrubável em um cutucão pelos meus dedos secos, ou humanos dedos.

Volto à epifania de descobrir que apenas assisto ao meu cenário. Toda vez a descoberta sendo iniciadora de expressão de clareza e a voz calada pela surpresa. Não era novidade que a cena se repetia. O chão permanecia limpo, os móveis lustrados e meu ser sobre o sofá. Se o tempo realmente passava, a repetição das surpresas me faziam duvidar. O relógio de fato parara mas o sol continua a se pôr. Incansavelmente, não importa o quão estagnadas fossem as cenas. As voltas dos ponteiros não eram completas, os segundos se arrastavam, os dias eram inconcluídos e a noite já não demarcava o findar de algo. Se tudo se repetia, não deve-

ria haver um novo ao nascer do sol. Era como correr sem sair do lugar. O tempo morrera e parara. E eu não deixei de reparar.

A perplexidade de viver ciclos iguais me mantinha atenta a qualquer sinal de novidade. Mas não era mais possível distinguir o diferente em uma dimensão em que as possibilidades não existiam. Estou presa nesse multiverso sem encruzilhadas. A ausência da angústia de qual caminho escolher tornou-se uma encruzilhada por si só. O caminho a ser trilhado era escuro. Era ser cega em recinto claro, sem saber o que há detrás da porta. O fim do repetitivo era incerto. E, amedrontada com a surpresa de que tudo se repetia, me afundo na sala limpa, caio para dentro de mim.

As infiltrações no teto e as imperfeições da pintura suspiram ao me ver paralisada no mesmo lugar com aspecto de espírito preso e pensamento parado. Mal adivinham que quilômetros foram percorridos por uma mente que tudo analisa e que se reflete no espelho sem refletir em realidade. Eu as olho com expressão de completo pavor. Vocês aí de novo, eu aqui sentada. As paredes não haviam mudado mas algo que prendiam se fazia diferente. A porta me encarava convidativa. Estendo a mão direita esperando seu tato frio. E lá estavam elas: as imperfeições nas unhas compridas. O espelho, a tristeza, o relógio mudo. Algo se revira no peito, algo ricocheteia nas costelas. Eu era agora um susurro do que nada sabe, o torto num ambiente impecável.

Mas existe algo atrás da porta, tão alcançável aos ossos. Os minutos, possivelmente semanas, dão passos trôpegos à frente, sem perceber que dão voltas em torno de si. Voltas ao meu redor. E eu não dei voltas. Estou no mesmo lugar.

TEXTO 53

ANSIEDADE

São tantos medos
Dores
E dissabores
Que me paralisam
Então você chega
E me diz
“Cinco gotas”
E então
Minha animação
Transmuta-se em distância
Entendo que
A saída
Era embalar
A vida
Que me matava
Do medo da morte
Quando eu dormir
Não haverá grito
Que me acorde

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Esta noite

Nesta cas(c)a

- Do caderno de Ansiedades

TEXT0 54

REFLEXÕES

Os olhos desmaiados que me encaravam essa noite
Tinham as mesmas esmeraldas verdes
Do cetim roto de sua juventude
Mas esse medo nelas, esse medo é novo
E me penetra

Trazendo tantos espectros
Que no cessar turbulento da consciência
Me acordam entreberros levanta, levanta
Atordoada me carregam obscura por tantos mares
Tantas vezes dantes por mim já velejados

No íntimo do ser e da memória
Vejo momentos de júbilo transmutando-se em dor
Perante o véu que me cega o caminho a minha frente
Beijos não dados e palavras não ditas são
Os mantras que ecoam ao fundo, sórdida melodia

Impotência impotência impotência

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

O que é isto que envolve meus ossos
Se não em sintonia com a beleza de um nós
O que é esta máscara que visto de pele
Se não é acariciada pela tua
O que é existência senão memórias

E o que são memórias senão pérolas
Que já não enfeitam meu dorso
Mas agora pesam em meu peito
Gravitando sobre o sangue que me percorre
Tentando alcançá-las

Por isso perdoem-me nietzschianos e seus não deuses,
Mas meu hoje roga pelo crepúsculo
Que me trará de volta o amanhã

- Reflexos de medo e saudade

TEXT0 55

ELEGIA 2020

Somente o essencial, mas
Não é conjunto o que a define?
Sociedade que chama.

Como tirar dela sua essência?
Mantém-se o imprescindível ,
Gera-se demência.

Lojas de construção, mercados, farmácias,
Hospitais.

Ansiedade, desconfiança, solidão,
Desemprego.

Máscara, lavagem das mãos, distanciamento,
Lockdown.

Cloroquina, tubaína, desesperança,
Medo.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

É como um texto essencial,
sem adjetivos, sem pronomes,
sem conjunções. Só verbo.
No princípio era verbo.

Sair Proibir

Loucura Instalar

Resistir

TEXTO 56

PORTO SEGURO

Não se sabe bem quando se deu sua origem. Digo, pelo menos eu não sei.

Chamavam-no de corona vírus. Se bem me recordo, é por causa da sua coroa que ele sempre carrega consigo. Digno de um rei. Bem, acredito que faça sentido agora, uma vez que seu império se expandiu de forma tão avassaladora que talvez até Alexandre, o Grande, o olhasse com certa inveja. Seus exércitos invisíveis – que perigo mais amedrontador do que aquele que mata e não se vê? – começou a expandir no mundo como um verdadeiro enxame de abelhas furiosas, sedentas por vingança. E logo o mundo via-se refém de uma ameaça invisível e submetido a uma quarentena sufocante como nossa geração jamais havia visto.

Deito-me na cama. Admiraria o teto, se não fosse um beliche.

Como se não bastasse meus risos desses meus pensamentos efêmeros, que me divertem quando estão de passagem, os risos de escárnio advindos das mais diversas direções vêm me assolar. Das mais diversas direções e dos mais diferentes tempos, se me permite corrigir. Cada uma das minhas singelas e, quem sabe, um pouco ingênuas tentativas de sobreviver a essa quarentena começaram a murmurar nos meus ouvidos, como se estivessem dando seus últimos suspiros de vida.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Os móveis, arrependidos de não terem aproveitado a minha eufórica fase de limpeza, reclamavam por um pouco mais de atenção. As canetas coloridas, secas e abandonadas no escuro fundo da mala, a qual achava que recebera uma aposentadoria precoce, não nutriam mais a esperança de um dia ver a forte luz da minha luminária outra vez. As roupas de exercícios, então, agonizavam no mais profundo esquecimento. Não havia sequer ânimo para se gravar aulas síncronas, quem me dera houvesse ânimo para realizar exercícios aeróbicos e um pouco de yoga moderno antes do desjejum, não é mesmo?

Não, por favor, não toquemos no assunto de aulas. Um trauma, entende? Deixe-me explicar: houve um terrível episódio – fatídico dia que se repetiu algumas dezenas de vezes nessa quarentena – em que, distraído na minha prática diária de surf na internet, fui surpreendido com uma avalanche de notificações da faculdade. Sim, eu faço faculdade! Não me importo de te recordar, porque houve momentos em que até mesmo eu esqueci desse fato – ou, talvez, eu tenha me lembrado de me esquecer... De qualquer forma, fui levado rapidamente para a ala de internação de serviços alienadores para tentar superar o sufocamento com o qual aquela avalanche me castigara, como se eu a houvesse traído nos nossos encontros. Uma completa injustiça. Apesar da grave dispnéia que eu apresentava, tentei explicar para a faculdade que a minha velha amiga ansiedade estava ficando com ciúmes da nossa relação. Ela alegava que eu estava entrando em um clássico relacionamento abusivo e tentou citar Bauman e sua modernidade líquida (ou seria gasosa?) para me convencer, mas não entendi muito bem. Para sua infelicidade, bem nesses momentos, indignada a graduação vinha em sua própria defesa, acusando a ansiedade de estar falando de sua própria carapuça. Enfim, eu me encontrava entre a cruz e a espada, certo de que eu estava presenciando um claro devaneio tóxico dos meus próprios pensamentos. É, de fato, talvez Bauman se decepcionasse de mim.

Cansado de ouvir tantas birras das minhas frustradas tentativas de sobreviver a essa estiagem da tempestade de coisas que tínhamos de fazer antes dessa pandemia toda, decido me levantar. Com uma falsa sensação de surpresa, percebo que os 500 quilos do meu corpo me impediam de fazer isso. As (agora) 10 toneladas de peso me tornaram um verdadeiro vertebrado sésil, refém de uma cama.

Encurralado pelos meus próprios pensamentos, decido recorrer àquelas práticas de meditação que vi em uma live semana passada. Respiro e inspiro lenta e mecanicamente, várias vezes, imerso na escuridão dos meus olhos. Começo a pensar nos mecanismos de enchimento pulmonar e o frio na espinha das aulas atrasadas me faz voltar para o nefasto presente. Tento me concentrar de novo.

É, de fato, meus caros, essa quarentena nos pegou desprevenidos. Afinal de contas, quem está preparado para uma tragédia dessas? Quem estivesse totalmente preparado é que talvez não conseguisse viver um dia de consciência leve. Mas, como se não bastasse, sim, o buraco era mais fundo (invejosas se tornaram as Fossa das Marianas, eu diria)! Um caos político e social se alastrou no mundo como fogo em palha seca. Sim, apesar do meu senso de humor um pouco excêntrico, confesso que tento disfarçar minha profunda tristeza. Me sinto insuficiente e paralisado frente ao que me deparo. O conflito interno, que tenho que enfrentar todos os dias, se projeta como uma vasta sombra ao redor do mundo e nos chãos de meu país. Além de poluentes, rios começam a ser mais contaminados ainda mais com sangue de vítimas inocentes e o silêncio da omissa justiça ensurdece nossos ouvidos. Nem sequer o Ministro da Saúde, capitão desse conflito bélico, consigo saber nomear... Enfim, todas as noites, me utilizo do artifício de me cobrir, da cabeça aos pés, com cobertor da alienação, para tentar me proteger dos monstros que vem me assombrar.

Abro os olhos. Ainda me sinto uma âncora do meu pequeno e frágil barco, com o qual eu devo enfrentar essa tremenda tempestade.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Paro. Suspiro. Pergunto-me a razão de termos de enfrentar essa tremenda impiedosa intempérie. E, vem-me à cabeça, os dizeres de um célebre escritor nipônico, Haruki Murakami.

Munindo-me de arrogante propriedade intelectual de quem nunca leu completamente uma obra dele sequer, gostaria de compartilhar um excerto muito marcante para mim, que, se estivéssemos em 2014, eu diria que seria capaz de encher totalmente as reservas do sistema Cantareira com minhas lágrimas que jorraram dos meus olhos. Ele diz (com palavras muito mais afáveis) que, quando as tempestades passam, não sabemos ao certo entender como fomos capazes de transgredi-las e sobreviver e, ainda, sequer saber se realmente a superamos por completo. Mas afirma que, quando saímos dela, não somos mais os mesmos de quando nela entramos – exatamente esse é o sentido da tempestade.

Isso tocou meu coração de uma forma tão genuína que não sei se seria possível descrever em palavras, mesmo que eu já houvesse visto algo parecido em alguma legenda de foto nas redes sociais, daquele ditado popular: “Mar calmo nunca fez bom marinheiro” (com alguns emoticons que julgam poéticos no final da frase). Então, lembro-me de forma clara o momento difícil que eu estava enfrentando – um conflito interno que estava me afogando e me destruindo por dentro. Ler aquele trecho mudou muito minha percepção das coisas que eu não tinha o controle de mudar. E acredito que é justamente por isso mesmo que esse trecho veio à tona neste momento tão difícil: para me lembrar que há fatos sobre os quais temos que dar nosso melhor para enfrentá-los e, em contrapartida, também há fatos sobre os quais não temos controle. E é nesse contexto que a ressignificação surge como uma importante ferramenta para nos emancipar dos mais profundos momentos de sofrimento e angústia. A ressignificação permite um olhar não necessariamente otimista, mas, sim, de autopreservação, autocompaixão. Ela nos deixa mais leve, entende?

Essa leveza nos permite nos levantar da cama e seguir vivendo dia após dia. Ela não é imutável: de certo, haverá dias que nos pesarão como anos. Entretanto, esse exercício nos facilita viver com coração mais quente e cabeça mais fria. O medo há de passar. O caos há de passar. Essa guerra há de acabar. Isso tudo é uma tempestade e há de passar.

Por fim, com o coração mais leve, consigo ficar de pé. Dou um belo salto (quase) olímpico da minha cama para o meu humilde barco. Contemplo o horizonte com um misto de medo e coragem. É certo de que, nesses tempos nebulosos, é imprescindível que ressignifiquemos essa turbulência toda e, mais importante do que tudo, nos tornemos o porto seguro de nós mesmos, navego em frente.

TEXTO 57

DESPERTAR

Amanhecia. Cansado da noite mal dormida, Enzo se preparava para mais um dia. Os raios desbotados de sol já eram despejados pela janela do cômodo quando ele se sentou à escrivaninha para assistir à aula. Não sabia ao certo do que se tratava. Enzo se atentou à voz metálica discursando sobre algo relacionado à Covid-19. Instigava perguntas, clamava respostas de uma sala em silêncio. O vírus fizera mais uma vítima. Rins acometidos. Parada cardíaca. Trombose nas veias jugulares. Convulsões tônico-clônicas. Morrera. A voz parecia responder a algumas dúvidas. De fato, a conversa deveria ser interessante. Ao menos isso era o que esperavam dele. Enzo estava sentado. Não escutava, ouvia. Fixado à cadeira como sempre fizera desde o começo da quarentena. Os raios de luz iluminavam-no talvez um pouco mais que os raios de sol, que retraídos e desbotados, aqueciam-lhe o braço.

Dever.

Havia artigos para ler, formulários para preencher, vídeos para assistir, tarefas para fazer. As provas se aproximavam, precisava estudar, precisava ser aprovado, precisava ter uma carreira. Precisava? Deveria.

Os raios agora já invadiam o quarto, iluminavam completamente

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

o cômodo, que refletia vivaz o mundo que despertava do lado de fora.

Não se movia, uma estranha aura sobrevoava o céu e sibilava. Sons, vozes evanescentes sugeriam ideias. Permaneciam. Ombros lassos, cabeça pensa.

Uma leve dor emanou de seu estômago em conjunto com leves ruídos. Já deveria estar perto da hora do almoço. Sentiu o cheiro de comida que entrava pela janela e adentrava seu nariz, disputando lugar com o ar. Sim, o horário do almoço devia estar próximo.

A discussão seguia. A vacina estava aparentemente longe de ser encontrada e a droga tida como panaceia e grande esperança parecia não estar surtindo um resultado satisfatório nos novos testes, como visto nos primeiros artigos publicados.

A paciente havia sido internada, era nova. Drogas vasoativas e algo sobre baixa ingestão causaram hipovolemia e conseqüentemente uma insuficiência pré-renal aguda, levando a distúrbios metabólicos.

D-Dímero em 15000. Trombos formados. Cascatas de coagulação, receptores celulares haviam permitido o vírus entrar nas células. Mecanismos inflamatórios haviam sido ativados. Via intrínseca.

Intrínseco.

As sombras pairavam, desciam. Não sibilavam, expandiam seu cinza denso. Tomavam, conquistavam seu espaço. Em pulsos violentos enegreceram o quarto. Fumaça atroz e agressiva sobre o cômodo. Escureceu. Desceram e sua névoa vibrante, pulsante, invadiu o ambiente. De onde surgiu essa névoa, perguntava seu Coração, já conhecendo a resposta; seus olhos, cegos àquilo, não perguntaram nada.

O que lhe era intrínseco?

Que era?

Estudante? Ninguém? Máquina?

Que seria?

Cirurgião? Generalista? Formado?

Alguém?

Vivia?

Produzia. Sobrevivia.

O distanciamento lhe atingira, distanciamento de si mesmo.

Acordar-levantar-sair-estudar-comer-estudar-treinar-comer-voltar-dormir.

Pessoa?

Ocupava-se.

Agenda cheia, vida cheia. Produtiva. Nenhum segundo era gasto, tudo cuidadosamente organizado, tudo evitava o contato com o “eu”. A exaustão afastava a verdade na cama. A consciência tombava em 15 minutos. Descanso merecido. Necessário.

Inevitável.

Mas tinha consciência?

Máquina?

Agora a vida que levava lhe parecia moralmente degradante de se viver. Tremia, febril diante do que ficara claro.

Não queria ser máquina. Queria felicidade. Felicidade que faz o coração bater forte, baque incessante, desejo pujante, com passo errante, errando a viver.

A névoa ia se dissipando e através dela podia ver que o dia já anoitecera e as luzes das casas ao longe já estavam acesas. Uma lâmpada acima da mesa agora iluminava a escrivaninha com uma luz tímida, fraca, mas quente. Viva.

A aula já havia acabado, não saberia dizer há quanto tempo. Não comera, sequer notara ter se mexido ou acendido a lâmpada.

Seu estômago roncou mais uma vez, fazendo-o se levantar para saciar sua vontade de comida.

Saiu do quarto.

A luz continuou acesa.

Pessoa.

TEXTO 58

UM ALÍVIO EM FORMATO DE EAD

2 meses afastado do mundo,
Em algo novo me afundo,
Em uma experiência de tom bíblico,
Passo dias no quarto em algo lirico,

Vivendo em algo assim,
Descubro muito sobre mim,
Quem diria quanto eu amaria cantar?
E quanto não se precisa de técnica pra dançar?

Tentei até marcenaria pra me ocupar,
Ligar, beber e pintar
Descubro muito sobre mim,
Vivendo em algo assim.

Completamente desorganizado,
Só me situo no tempo quando chega recado.
Mesmo tendo tido momentos de felicidade
Não vejo a hora de voltarmos para Faculdade.

TEXT0 59

DÉCIMA-QUINTA ESTAÇÃO

a medida dos passos é sempre um pouco mais de descompasso para o corpo. fronteiras todas eclipsadas na geografia do desejo subtraído pelo menos originais dos pecados.

quatro paredes e catorze passos me separam do que ainda não encontrei. e nessa de me perder tentando achar o que ainda está presente, faço o horizonte solar do cuidado caber no relevo do meu quarto.

aí então consigo perscrutar os vestígios emocionais do que segue pulsando. cruzo o ponto em que me vejo para costurar a negação dos mantras que arquitetam a insubjetiva aniquilação das nossas possibilidades. contras! quero mesmo é pós, seus prós e contratempos.

catorze são as portas automáticas que se fecharão a despeito de mim. projetando nos dias e noites os começos do lançar-se cara a cara com os meios que injustificam esses fins.

catorze são as luzes de emergência que não se acenderão prontamente nas encruzilhadas desse vívido passado.

cruzo a via que me cruza para perguntar um se, um impronunciável sim. dez, onze, dozetrezecatorze estações.

sair daqui já não é a melhor das recomendações.

vislumbro as disputas pelo que vem a seguir com a porta fechada,

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

mas as janelas do peito escancaradas.

essa é abertura alta e tática das contas que nunca precisarão fechar. porque adentro, afinal e havendo finais, o embrenhar-se é incessantemente uma ânsia de fundura.

a via crucis no copo, no corpo. do corpo. nu.

a menos sacra que havia. a que no mais tardar avia.

porque não via, não vejo. mas jogo.

e nove novas mortes fora, nada.

depois de quantas estações começa a vida?

TEXTO 60

PROMETO NUNCA MAIS ACABAR

Os limites do meu espaço são agora o espaço dos meus limites. Todos eles. Exercito cada um na dinâmica do fluir que me é particular, deixando escorrer pelos metros nada quadrados de meu teto descoberto o que ainda é falta. Falo justamente desse lugar: da presença que ergue seus fundamentos ontológicos no lugar da imprecisão. Falo porque ainda falto.

Mente adentro e corpo afora, os tempos insones me ensinam a dilatar, justa e imprecisamente, essas fronteiras em que o isolamento parece estar repousando de forma tão inconvençional. Falo menos aqui da estrutura que abriga meus móveis e está condicionada à compensação financeira mensal e mais da argila que se presta cotidianamente às minhas ansiedades em esculpir existências, em reerguer subjetividades.

Nessa de não querer parar de crescer enquanto se aprende a caminhar, como criança que insiste nas primeiras vezes, tenho encarado por todos os lados o desafio de compartilhar meu(s) abrigo(s) em dias tão insólitos e forçosamente dolorosos para a produção de solidariedades. Há convicção de que não devem, não podem caber certezas no mesmo cenário em que me faço presente; ao contrário, me vejo dividindo cada vez mais espaço com artefatos de outra ordem: imperma-

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

nências, dúvidas, inquietações, vacilações, mistérios, perturbações. Ao me provocar, reconstruindo os sinais vitais daquilo que parece fenecer nas calçadas tropicais, essas entidades se tornam peças fundamentais para as retomadas de significado por que clamam nossas margens, em cada palmo nada plácidas.

É sempre tempo de subverter a quadratura residencial e a planta-baixa do chão que tanto tem nos tocado os pés. Estamos sempre a iniciar.

Pela porta escanteada, fenda-começo que anuncia a parte que ainda me cabe desse latifúndio tão machucado, não estão passando corpos ultimamente. Isso mesmo, cor-pos, morada antiga da angústia existencial, terreno arenoso em que são marcados e significados os adoecimentos, matéria-prima de tantas reelaborações interacionais. À revelia desse tráfego tão escasso por ora, estou certo de que não me encontro sozinho, tanto nos afetamentos sentimentais como na passagem severina pelo sertão desses dias assustadoramente áridos. É certo, também, que nunca estive, afinal a individualidade que nos constitui é um elemento definido a partir de vivências socialmente mediadas e dialeticamente experienciadas. Distanciar-se, portanto, ainda que desigual e compulsoriamente, implica o premente questionamento acerca daquilo que nos aproxima, ou pelo menos daquilo de que queremos nos aproximar.

Decorre daí uma reflexão bastante pertinente a essa esteira de agigantamentos e separações sobre a qual rolam as palavras que costuram essa breve narrativa e teimam em escorrer pelas bordas de suas laudas, tais como as águas salgadas que molham meus castelos de arenosas saudades. Desde muito cedo, levo a sério a lição ancestral de botar o mar onde quer que o ambiente se apresente como potência oportuna, com a certeza de que os passos que me conectam a mim e a outros tantos vêm de longe e não poderão sucumbir às restrições aventadas nos noticiários de sanguinolento e oportunista sensacionalismo. Como sol outonal que se põe no horizonte desse amanhã que se avizinha e tem

suas letras escritas pelos autores do agora, ousou me arremessar nesse limite que não distingue céu de mar para erguer palavra, cultivar sonho e construir possibilidades de futuro. Entre utopias e pragmatismos, esse texto nasce justamente do medo como um sítio interditado. Navegar é mais que preciso, urgente.

Volto à minha casa, em solitário regresso, para acrescentar uma letra ao studio do quinto andar do qual escrevo e revelar as atlânticas distâncias que me separam das grandes porém tacanhas navegações. Estúdio. A letra que parece faltar para reconstituir o esforço criativo que tanto nos edifica e que a intenção da escrita evidencia tão cristalinamente. Nesse ateliê de transfiguração, cada vértice ao meu redor distorce, todos os dias, as três retas curvilíneas que convergem nos pontos em que são expostas em desajuntada reunião minhas fragilidades, minhas batalhas travadas a esmo, minhas esgarçadas tessituras.

Mudando o ponto de vista, com o devido perdão do trocadilho retórico, as linhas dos vértices também divergem do ponto no qual me apoio para avistar. E o fazem para mudar os pronomes possessivos da avalanche de representações que abrem falência sem ter governos que a socorram com a mesma presteza em que os bancos e as bolsas-de-nenhum-valor são resguardados. As fragilidades, as batalhas, as tessituras rasgadas fibra a fibra: é tudo nosso. Permanências e continuidades nossas, amarrando sofrimentos e iniquidades estruturantes da (a)normalidade. Amarras que insistem em obscurecer nossas possibilidades de produção e reinvenção da vida, esse lugar tão caro de presenças. O silêncio das paredes que me cercam grita o presente como espaço da ação: é sempre tempo de desatar. Nó a nó.

Nós por nós.

Seguindo os entrelaçamentos tão desconexamente costurados nesse hoje que a nós é tão ex-orbitante, entro aqui na seara metalinguística de quem escreve para ensaiar o entendimento de porquês que não cessam

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

de ameaçar a importância que a pedra fundante desse relato apresenta para a constituição das humanidades que nos atravessam, em rupturas e continuidades: palavra-Pedro, sobre a qual se edifica a inescrutabilidade do diálogo. Questiono, exatamente nesse ponto e a partir dele, a anulação dela como parte da economia de morte que governa a aridez desse novantiquíssimo testamento de misérias, servidas e herdadas à moda machadiana. Seja nos assépticos enterros de luto interdito, seja na incapacidade de reelaboração das narrativas que significam nosso lançar-se no mundo, o exterior desvelado por minhas janelas laterais proclamam a afixante opressão dos sonhos, engasgados nas gargantas simbolicamente subjugadas e concretamente esmagadas. O globo que estava à venda está em chamas. Ainda não é permitido respirar.

Lembro que falto, que faltamos. Mesmo assim, atrevemo-nos a quebrar silêncios e vidraças na ânsia de instantes de maior completude e definitiva emancipação. Talvez esteja exatamente aqui a razão desse texto: esboçar a ousada proposta que o antecede nas tantas estórias contadas e nos tantos carnavais diariamente performados. A escrita, como fruto cuja flor brota numa primavera panóptica de relações políticas, só pode ser livre quando está liberta. Palavras escrevo, portanto, na intenção de encontrar brechas mais solares do que aquelas que me banham o corpo nessas tardes certamente desacorçoadas, reconstruindo e legitimando a descomunal potência de ação do verbo. De transformação. Essa força para a qual se voltam os reacionários esforços de tanques e baionetas, truculentos ardis forjados por aqueles que não suportam ver germinar a oportunidade de vida em todos e quaisquer corpos. Palavras escrevo aqui, também, por rechaçar intransigentemente essa ocupação necropolítica da linguagem, responsável por reeditar o mais nefasto dos utilitarismos, capaz de mostrar a atualidade atroz de nossos Valongos e ditar quais são as vidas que reconhecemos como dignas de algum valor, de algum tipo de cuidado.

Na mesma semana em que escrevo, a gramática hegemônica, a mesma que naturalizou o matar de tantos parece reaprender a conjugar outras formas verbais: cuidar, tentar, falhar, morrer. A disputa por respiradores para pulmões cansados queima as brasas que se atiram com intensidade numa fogueira muito maior que Minneapolis, arden-do em chamas que a arte da poesia tenta contornar. Todo lirismo sabe o peso do joelho que comprime seu pescoço de signos. Os vértices do quarto me recuperam da digressão flamejante e seguem preenchendo o ar com a fumaça dos questionamentos, deixando sedimentar insti-gantes interrogações. Deve ser desse material o pó que se aninha nas quinas de minhas paredes e ao rés do meu chão.

Por que varrer, para quê, para quem?

Procuro nos rastros dessa fina poeira o caminho de volta ao pará-grafo e à gênese do tecido cujos retalhos cabais agora costuro. Como o deus do primeiro livro, não sei se posso me contentar com os resulta-dos verbais de minha criação, mas é certo que o fiz em minha imagem, (re)criando os mundos que a mim parecem possíveis e as terras que em mim fertilizam caminhos. Parece muito concreto, também, que o sétimo dia não poderá ser de descanso, pelo menos frente às temerá-rias truculências que parecem querer se assenhorar das portas que nos abrem os caminhos. Aliás, aproveitando a deixa, remonto à porta do canto de minha casa para descerrá-la e agudizar a inundação interpe-lativa que aqui vigora. Se somos falta, e o distanciamento nos lembra disso com ainda mais sofrimento, é porque existe alguma fronteira em relação àquilo que ainda não conseguimos realizar. A porta, por consequência, é a fronteira metonímica que expõe a absoluta precarie-dade: não pode haver perfeição porque ela pressupõe uma elaboração completa, total. É propriamente no deslocamento dessa fronteira que nos constituímos enquanto seres atravessados por relações de poder, mas também de afetos. É também nessa movimentação que vemos de-

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

marcado um território cujas veias dolorosamente abertas denunciam as insuficiências corpóreas e metafísicas que nos pertecem: a zona do perecimento, da morte.

Partindo dessas cotidianidades inacabadas e das terminalidades anunciadas para tantas vidas, encaminho as vírgulas e os pontos que se ocuparão de reter o fluxo da consciência, arrematando seus fios cabais. Uma torrente de exasperações compartilhadas para lembrar que só vejo como livre aquela escrita que não se presta ao utilitarismo de nossas subjetivações, porque para dizer o que somos, não me parece justo dizer estreitamente para quê somos. Estão absolutamente recomendadas e respaldadas as inutilidades. As desimportâncias. Os despropósitos. Os desperdícios.

O caríssimo poeta Manoel, de barros e do nada que é nosso também, fez questão de lembrar em seus versos a capacidade da palavra de desvelar as nefastas consequências dessa economia utilitária do simbólico, lógica que desnuda o desafio trágico de entender que os muitos corpos enterrados em nossas valas tiveram, muito antes do esgotamento das faculdades fisiológicas, as possibilidades de produção e de (re)significação de suas vidas negadas. Contingências essas que a arte, mais uma vez, persevera em apontar na forma dos sonhos que não podem deixar de ser sonhados. Arrisco-me em dizer que essas fadigadas sentenças não cessam de confeccionar significados aqui porque ainda continuamos, de algum modo, a descontinuar-las. Diante do juízo quase-final de saudar os encantamentos apalavrados, evoco as palavras do deus-criador de Riobaldo para fazer eco a suas imortais declarações:

As pessoas não morrem, ficam encantadas. O mundo é mágico.

TEXTO 61

PARAQUEDAS

Estar em casa todo dia dá muito o que pensar.
Pensamos, pensamos em tudo: em saúde, em covid,
em nossos erros passados, em covid, no futuro, planos, se
pensar é bom, novas habilidades, se estamos bem, covid,
passado, futuro, se posso sair de casa pra isso, nossos pais, novos erros
passados, se cachorros ficam doentes, se estamos futuro, se passado é
bom, habilidades passadas, tudo, todos. Mas se:

desacelerar

o pensamento, diminuir

o ruído, apreciar a vista, sentir

Sem perceber,

não conseguimos

dar espaço à mente,

permitir que ela

não ache sentido em um texto,

complete sozinha uma frase

sem correr cega

pra descobrir o fim

TEXTO 62

“ - Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu conheço - disse o Chapeleiro - não falaria em gastá-lo como se ele fosse uma coisa. Ele é alguém.”, Alice no País das Maravilhas, Lewis Carroll

- Fecha a janela, está tarde. - pediu sua mãe. Ela murmurou uma afirmativa, sem desviar os olhos do caderno em que anotava a última aula. Um vento frio entrou pela janela permanentemente aberta, fazendo-a finalmente levantar a cabeça.

O lado de fora já estava totalmente escuro. Ela suspirou. Perdera o espetáculo que era ver o pôr-do-sol. Fazia pouco mais de dois meses que ela passava todas as tardes sentada de frente para aquele pedaço de céu, mas somente na última semana percebera o quanto gostava de ver ele alaranjar. Parava tudo que estivesse fazendo e observava pacientemente a transformação azul - vermelho - azul; nos segundos que passava imersa naquele cenário, lembrava-se dele.

Os últimos meses tinham sido iguais. Uma doença desconhecida que espalhava-se pelo mundo todo havia obrigado as pessoas a ficarem em suas casas, isoladas para evitar disseminação. Para se manter sã, ela ouvira, precisava manter uma rotina e, sempre disciplinada, foi o que fez. Assistia, de casa, às aulas, praticamente todos os dias, pulava corda na garagem,

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

ajudava a mãe na cozinha e lia para gastar as horas vagas que ganhara. Não fosse o calendário, ela não saberia que tinham se passado mais de dois meses assim. Suspirava com frequência, esperando passar mais os três ou quatro meses estimados para permanência daquela situação. Três ou quatro meses que seriam também iguais, tolerados e riscados no calendário para que, enfim, ela pudesse voltar a viver como vivia.

Ela não admitia, contudo, que ansiava por algo mais. O verdadeiro motivo para manter a janela aberta em seu quarto, que era face sul e portanto só ganhava vento frio com isso, era para ele visitá-la; era sempre por lá que ele entrava. Ela já não sabia quantos anos tinham se passado depois da primeira vez que eles haviam conversado, mas desde então tinham se falado com frequência, ainda que nenhum dos dois fosse de muitas palavras. Ele a encarava e ela o encarava de volta, sorriam um sorriso sincero que ela nunca entendera, mas que a fazia se sentir quente. Ela nunca sabia quantos minutos, horas ou dias passava naquelas conversas silenciosas, mas ficava consciente de cada instante, que parecia durar uma eternidade. Ela sentia um aperto no peito e sentia a si mesma, tão humana.

Contudo, fazia quase dois meses que eles não se viam; há muito que o espaçamento entre as conversas tinha sido tão longo. Na última visita, ele veio tarde, depois da descida do sol, mais quieto que o normal. Parecia pressentir que algo ruim aconteceria. Em vez de olhar nos olhos dela, olhava para o céu, parecendo um pouco perdido. Naquela época, a doença nova já trazia notícias preocupantes e o isolamento social já fora instituído. Os dias dela já estavam ocupados com o ritual aula-exercício-leitura, e ela já segurava no peito sua impaciência pelo fim de tudo aquilo.

- Você vai deixar de vir por causa da doença? - ela perguntou, tentando adivinhar o porquê daquele comportamento. Entretanto, ele pareceu ainda mais confuso, como se não soubesse do que ela falava, apesar de não haver outro assunto nos jornais.

- Não, eu nunca fui afetado pelo que acontece no mundo. - respondeu, após um segundo de hesitação.

Então ele abriu o mesmo sorriso cálido de sempre e desviou os olhos das estrelas; conversaram como se tudo estivesse normal. Porém, antes de ir embora, ele tirou um pequeno objeto do bolso e colocou na mão pequena e fria dela.

- É um presente. - ela se surpreendeu. Ele nunca havia lhe dado nada. - para você não se esquecer de mim.

Antes de ir, ele sorriu quente, entretanto, parecendo ter algo a reprimir discretamente o canto dos lábios. Só depois que ele foi embora na escuridão ela parou para ver o presente. Era uma pequena ampulheta de vidro, onde caía uma areia fina.

No dia seguinte, ele não apareceu, e nem no próximo. Ela seguiu sua rotina, estudando, se exercitando, lendo. Passada uma semana, ela se incomodou. Por que ele não a visitava mais? Duas semanas se passaram e ele não veio. Teria feito algo errado? Continuava estudando, se exercitando, lendo. Três semanas. Nesse ponto, magoada, ela se lembrou da ampulheta. Tirou-a da gaveta em que a guardava desde o dia em que a recebera e observou, atenta. Dentro do delicado objeto, a areia corria. Ela observou por longos segundos, esperando o compartimento de cima se esvaziar. Contudo, isso não aconteceu. A areia corria. Passaram-se minutos. Aquilo lhe trouxe uma sensação amarga na boca, incômoda. Ela deixou o objeto em cima da mesa e foi fazer outra coisa, esfregando os olhos. O cansaço lhe pregava peças. Não era real.

Entretanto, passados dias, ela não tinha como negar: a areia não parava nunca de correr. Isso começou a irritá-la, a remexer em seu peito enfatiado. Afinal, ela compreendeu que cada grão que ia, perdia-se. Não cessavam de descer e não podiam voltar ao andar superior, de forma que, quando ela voltasse à sua vida de antes do isolamento, muita areia teria se perdido. E era culpa dele, que lhe dera aquele odioso objeto. Que não a

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

visitava mais, que a esquecera. Teve ganas de quebrar a ampulheta, a fim de cessar o correr da areia: por pouco não a arremessou pela janela. Se a guardasse, se aceitasse aquela areia insólita, será que ele voltaria a visitá-la? Essa ideia irracional dominou-a por uns dias, de modo que deixou a ampulheta na cabeceira da cama, como se fosse um altar.

Todavia, a areia que corria sem fim, aos poucos transformou sua angústia em melancolia. Que caísse, então. Que corresse cada um daqueles grãos; se um dia acabariam-se no andar de cima, e ela agora sabia que acabariam, então por que se preocupar com eles? Os dias não eram mais somente iguais, tornaram-se insossos. Ela não conseguia mais estudar muito, se atrasou nas matérias. Não se importava mais que ele não viesse, não tinha nada para lhe dizer. Não o queria mais, assim como desistira de querer que a areia parasse. Para ela, eram a mesma coisa.

Os dias modorrentos se arrastaram; porém, um dia, ela estava em frente à janela aberta bem na hora em que o sol descia. Cansada das matérias, cansada dos dias, ela se deixou esquecer da rotina tão organizada. Naquela tarde, não foi ajudar a mãe, não foi pular corda e nem ler. Ela ficou em frente à janela, até que a paisagem foi completamente tingida de vermelho. Observou em silêncio faixas de nuvens refulgentes passearem, com calma, pelo céu. Esperou o azul começar a baixar: primeiro brilhante e depois completamente opaco, escondendo, aos poucos, os contornos do mundo.

Nesse instante, ela sentiu um aperto no peito, que há muito não sentia. Tomada de uma súbita inspiração, procurou a ampulheta. Colocou-a no peitoril da janela e aproximou o rosto para ver melhor. A areia parara de correr. Na verdade, corria, porém infinitamente mais devagar do que antes. Era tão vagaroso que ela podia contar cada grão. Podia ouvir cada grão roçando na parede de vidro e descendo para o compartimento de baixo, não zombeteiro, como antes, mas gentil. Desciam como um bom amigo que se despede no nunca mais: a des-

pedida não entristece, e sim a amizade alegre. Ela não soube quantos minutos, horas ou dias passou observando os grãos passando pela ampulheta, mas estava consciente de cada um deles.

No dia seguinte, ela repetiu o pôr-do-sol, e no próximo também. Observava o fenômeno de luzes e cores e sabia que estar ali valia a pena. Já não ansiava mais pela volta do dia a dia sem isolamento, afinal, também neste momento a areia corria. Ela sentiria, cada grão. Aproveitaria seus dias, porque a areia não parava. Ela sorriu, porque sabia que, logo menos, ele a visitaria.

TEXTO 63

Devia ser por volta do vigésimo dia que eu estava em casa. Sentei na frente da minha escrivaninha, reunindo forças para começar a estudar. Nesse lugar, tinha uma vista privilegiada da rua da minha casa, por uma janela enorme, desproporcional às outras e nada combinante com o lado de dentro. As paredes branco-fosco não pareciam gostar de receber luz, e mesmo os primeiros raios da manhã pareciam intimidados depois de passar pelos corredores estreitos da casa. Dessa forma, a janela grande era quase escandalosa. Talvez por causa disso, abelhas e vespas gostavam de fazer colméias em seu umbral, ajudando a bloquear a passagem de luz. Eu tinha de estar sempre atenta, para resolvermos isso quando as construções ainda eram pequenas e não havia grandes riscos de mexer com elas. Meu pai havia tirado uma fúria poucos dias, enquanto eu observava, imóvel.

Eu pensava nisso e esperava algum sinal para começar a estudar. O dia estava um pouco nublado, diferente de ontem, em que o céu estava totalmente azul, dando uma sensação agradável de estar na praia. De qualquer forma, eu gostava de ir para a praia no frio, quando ela estava deserta e eu sentia essa brisa fraca que agora entrava pela minha janela e olhava o mar. Mas eu não podia, é claro. Tinha que ficar em casa e estudar. Encarei

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

a rua vazia por alguns segundos, fingindo que estava procurando algo específico ou que gostava de encarar o asfalto cinza. Virei a cabeça para observar meu quarto. Até que estava arrumado, mas não tinha certeza se isso me agradava; parecia mais vazio sem as roupas penduradas na cama e na cadeira e as paredes ficavam ainda mais brancas.

Percorrendo os olhos pelas paredes, muito brancas, percebi uma vespa parada na mais perto delas. Era grande, maior que uma abelha, e toda preta. Parecia estar lá há bastante tempo, de alguma maneira estável mesmo em uma superfície vertical. Dava para ver ela mexendo as patas e as antenas, ajeitando as asas, sem voar. Como se estivesse planejando o que ia fazer em seguida. Ou somente descansando, sem pensar em nada. Usufruído calmamente do seu direito de viver.

Encarei a vespa, um ponto preto na parede branca. Ela não parecia ter notado minha existência, e pensei se eu deveria tirá-la da casa antes que isso acontecesse. Passou pela minha cabeça que eu poderia prendê-la em um copo e soltá-la pela janela, de algum modo que impedisse que ela voltasse, raivosa, seu ferrão contra mim. Era um péssimo momento para levar uma picada de vespa. Talvez eu pudesse simplesmente prendê-la no copo e deixá-la ali, morrer asfixiada. Encarei o animal, como que esperando para ver como ela reagiria ao meu pensamento funesto. E, é claro, não houve reação alguma. Na verdade, acho que ela sequer reparou em mim; parecia concentrada em si mesma. Não tive ânimo para levar qualquer ideia adiante, possivelmente porque não senti necessidade, já que não conseguia imaginar aquele ser tão calmo e quieto ficando repentinamente agressivo. Achei que era mesmo possível que, ainda que eu a prendesse entre um copo e a parede, ela continuaria balançando lentamente as antenas, alternando uma e outra para ir à frente, sem sair do lugar.

Voltei os olhos para a rua mais uma vez e depois olhei para o

caderno na minha frente, intocado. Abri-o, já passara muito tempo desde que eu devia ter começado a estudar. Tentei não pensar na vespa, porém, a matéria da última aula não era interessante o suficiente para me fazer esquecer o animal, imóvel, exceto pelas antenas e um ajeitar ocasional das asas. Com o canto do olho, espionei a parede ao meu lado. Não vi nada, então ousei virar a cabeça toda. Com um certo receio, vasculhei a parede toda. A vespa não estava mais lá. Senti um alívio me tomar e recostei na cadeira, relaxando. Nem percebera que estava tensa e, de qualquer maneira, isso não importava mais; a vespa não estava mais lá. Me censurei pela procrastinação e comecei a ler minhas anotações, tentando entender o que significavam aquelas palavras desnecessariamente longas que eu mesma escrevera.

Eu começava a entender o que anotara às pressas, evocando devagar a lembrança da projeção que alguma professora fizera sobre o assunto, quando vi a vespa voando bem na minha frente. A projeção e as anotações foram rapidamente varridas da minha cabeça, em um reflexo visceral e padronizado para insetos, que envolvia pensar, com vislumbres difusos, nas possibilidades de me proteger e de afastar o bicho, além de um aumento discreto da frequência cardíaca. Entretanto, a vespa sobrevoava o parapeito da minha janela sem adentrar e, mais uma vez, parecia não dar muita atenção para mim. Hesitei mais alguns segundos com o caderno na mão, preparada para usá-lo de alguma forma caso precisasse, até que, convencida de que era inofensiva, me acalmei e voltei a observá-la, absorta em seus movimentos. Ela voava em círculos, baixa e lentamente.

A vespa voou por algum tempo, passando por todo o peitoril e pelos cantos da janela. Fiquei olhando-a, totalmente esquecida do caderno à minha frente, repousado mais uma vez sobre a escrivaninha. Concluí, com tristeza, que era uma fêmea. Então o animal finalmente

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

se virou e voou para longe. Acompanhei-a com o olhar até ela sumir da minha vista, em meio ao céu malhado de cinza e branco sujo. Continuei encarando o ponto em que ela desaparecera, sentindo o vento frio e fraco e ouvindo o canto dos passarinhos, tão distantes. Me perguntei o que a vespa faria agora.

TEXTO 64

SEDIMENTAÇÃO

vida agitada pelo barulho do mundo, dos motores e das palavras, assombrada pela falta de tempo,
sustentada pelos pilares construídos pelos outros e vivida sobre jardins alheios.
com a morte do dia e da relação, encontra apenas sua concha vazia
que se desfaz como tudo que é líquido em pote vazado
e escorre pelo ralo, mas o que ainda sobrava
pelos vãos dos seus dedos escapa.
de tudo aquilo que não era seu
o que restou pra você?
além do tempo,
nada.
nada
a sua volta,
o que restou em você?
em um vazio insuportável e infinito
perguntas tantas vezes evitadas ou ignoradas
quem sou eu, quais os meus desejos, quais os meus anseios?
vozes errantes pela sala vazia da sua mente, ecos da sua própria voz
mas em uma contraditória (re)construção alimenta a liberdade de estar preso,
preso em um diálogo obrigatório com o inferno, isolado em uma companhia inesperada
finalmente são postos frente a frente: contempla o espelho do seu ser, por tantos anos esquecido.

TEXTO 65

PENSAMENTOS DE UM

TEMPO SOMBRIO

Meu coração anda triste
com um desejo imenso de viver
é algo que não compreendo
e me foge da realidade:
meu coração deseja o impossível
o impensável!
Ao que diz minha razão:
deseja o mundo e a imensidão.

E essa angústia que não me permite viver
me faz pensar
com todo o pesar..
do mundo
que meu coração
quer muito mais do que consigo
lidar
ele tem sede de tudo
e eu só consigo viver

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

disposta a lhe oferecer
a imensidão..
do meu nada.

E esse desespero
sutil
corriqueiro..
hoje é insuportável
viver assim!
Sinto a vida,
sinto a morte,
sinto tudo em mim!

Nunca pensei que teria que viver deste jeito
é insustentável não viver por inteiro!
Eu quero uma companhia
quero alguém que me traga alegria
que possa me abraçar
e me contar
que eu já posso parar de sonhar.

TEXTO 66

Acordei com vontade de não sair da cama. Queria não ter que me preocupar com o trânsito, as buzinas incessantes, o estresse e correria com o tempo, a rotina, a vida. Por um dia, uma semana ou quinzena queria almoçar e lembrar qual o gosto do feijão, a textura do brocólis, o cheiro da torta. A paz em descansar e me esticar depois de comer, depois de não fazer nada. Talvez ver o sol nascer. Quem sabe jogar conversa fora com aqueles que moram comigo. Acordei com vontade de ter um botão de pausa. De desacelerar, respirar, escutar a música tocar e prestar atenção na letra. Não pensar em mais nada que não fosse ficar em casa e em mim.

Achei estranho. Meu despertador aumentou minhas noites de sono, minhas roupas permaneceram no guarda-roupa e eu via minha família todo dia, toda hora. Notei que subitamente estava realizando aquela vontade de não sair e era estranho, doloroso, diferente. Repentinamente. Meu final de semana se misturou com a segunda-feira. Meus compromissos foram adaptados, meus planejamentos refeitos. Estava em casa e minha cabeça não descansava nenhum minuto com os afazeres, medos, preocupações. Escutei a televisão falar sobre dis-

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

tanciamento social, quarentena; assisti o colapso, medidas restritivas serem desrespeitadas, uma pandemia.

Dessa vez acordei com vontade de sair da cama. Com vontade de sair de casa. De escutar buzinas, de correr contra o tempo e encontrar pessoas diferentes, histórias diferentes. Desejei que fosse tudo mentira ou um enredo de novela no meio do clímax. Lembrei da importância da segurança. Do contato. Do cheiro. Do abraço. Dos encontros. Da vida. Principalmente da vida. Desejei que meus amigos que trabalham com o cuidado e com a saúde não estivessem correndo tão rápido e muitas vezes para caminhos sem saída. Desejei que eles pudessem pausar também. Que fossem cuidados. Que pudessem parar e sentir o gosto do feijão, a textura do brócolis e o cheiro da torta, coisas tão básicas do viver.

Notei que enquanto o mundo desacelerou, outras pessoas foram impulsionadas a correr lutando pela própria vida e por terceiros. Percebi quanto os interesses pessoais, econômicos e políticos interferem nas relações humanas, mesmo que isso fosse tão óbvio e claro antigamente. Chorei, senti saudade e fiquei solitária. A sensação da impotência, de ver os outros sofrerem, de ter visto a rapidez com que as coisas mudam e a fragilidade das certezas me fez pensar que a vontade de não sair da cama era pelo poder da escolha e gama de opções, pois a graça de ficar é quando se tem a possibilidade de sair.

Acordei anteontem, ontem, hoje e há mais de setenta dias desejando saúde para mim, meus familiares, amigos, colegas de trabalho, companheiros de classe, frentistas dos postos de gasolina, motoristas dos ônibus e conhecidos de lá, pessoas que já tive desafeto, padeiros, trabalhadores informais, porteiros. Para os avós, os tios, as mães, os filhos, as namoradas, os namorados. Todos. Saúde como equilíbrio dinâmico entre o organismo e seu ambiente, boa disposição física e psíquica, bem-estar

e como força para sobreviver fisicamente, emocionalmente e estruturalmente às provas que dia-a-dia são colocadas. Enquanto todo mundo espera a cura do mal e o corpo pede um pouco mais de alma, eu desejo paciência e esperança para que celebraremos a vida, tão rara, logo.

TEXTO 67

A DITADURA DO REI CORONA

Vivemos dias terríveis
Nem sabemos qual a feira
De domingo a segunda
A quarentena nos rodeia

Sem poder sair de casa
Somos presos inocentes
Mudamos nossas rotinas
Distante de nossos parentes

Nesses dias sombrios
Houve algo confortante
Graças aos artistas e às “lives”
Não foi tão entediante

A ditadura do Rei Corona
Nos retirou a liberdade
Mas na Saúde temos heróis
Que acabarão com essa maldade

TEXTO 68

EXEMPLOS DE FELICIDADE

No contexto atual que nos encontramos tenho refletido sobre o que é a felicidade, o que realmente importa para nós. Nisso de pensar sobre felicidade, vieram em minhas lembranças pessoas incríveis que tive oportunidade de conhecer antes da pandemia, como Joaquim, Maria e Júlia.

De diferentes nacionalidades, eram amigos que tinham uma maneira linda de enxergar o mundo, como nunca conheci. Seus sorrisos podiam ser comparados à luz solar, pois iluminavam qualquer ambiente. Distribuía esperança e tinham capacidade de enxergar o outro, quem quer que seja. Palavras doces e confortantes faziam parte de seus vocabulários.

Recordo-me de todos os momentos que choramos de tanto rir e também dolorosos que enfrentamos juntos, pois afinal “o acolhimento é o que sedimenta o solo fragmentado pela dor”, como dizia Karina Fukumitsu, uma de suas autoras favoritas.

Talvez, a resposta do meu questionamento inicial esteja na simplicidade que existe em períodos da nossa vida. Um abraço, uma palavra amiga, ou simplesmente andar, por aí, livres e juntos.

Apenas temos consciência que a falta desses sabores faz, do que importa de verdade, quando não os temos em mãos. Acredito e espero que todos tenham exemplos de Joaquina, Marias e Júlias em suas vidas, pois definitivamente um mundo com eles era melhor.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

TEXTO 69

CLAUSURA

Carrego nas mãos
O peso de salvar uma vida
De dentro de casa.
O pai, o avô, o vizinho
O ninguém, o alguém.

Entre quatro paredes,
O mundo acontece e desacontece
Desmorona, num castelo de cartas
O vírus, a doença, a dor
A morte, a sorte.

A angústia da solidão
Consome por mais um dia
Só mais um interminável dia.
Uma semana, um mês, um ano
A espera desespera.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Enclausurado no próprio pensar,
Fez-se da tela, janela
Na palma da mão.
O contato, o mundo, o alívio
O prestígio do refúgio.

A vida parou
Numa inspiração interrompida
Preso no interior dos pulmões
O ar, o medo, a vida
A vontade, a saudade.

Cárcere privado
Passeando nos caminhos da memória
Viajando às lembranças de um passado
(que não existe mais).
O beijo, o toque, o abraço
Que exalta a falta.

Mas, qual a real prisão
Senão aquela que sufoca
Meu coração.
Preso num peito
Que não me quer.

TEXTO 70

EU

Quem sou?
Não sou a minha profissão. Não sou a filha dos meus pais.
As minhas atitudes me constituem como ser humano. Tento acertar mais do que errar. Mas sem tentativa não há acerto e nem erro.

Já andei descalça na grama, no asfalto, na areia. Pisei em caco de vidro, abelhas e outras coisas que machucam. Mas isso nunca tirou minha vontade de continuar andando descalça.

Isso deve valer também para corações partidos então. Você se apaixona, parte corações ou mesmo tem o seu dilacerado. Mas no fim do dia, não deixa de andar descalça.

Eu tomei chuva, vi o sol nascer, o sol se pôr, a vida, a morte.

Já fui 100% eu mesma. Tive medo do real e do irreal.

Nunca deixei de acreditar que há algo mais, algo maior que nos tange e permeia tudo.

Sei que devo pensar todos os dias que devo ser feliz, mas às vezes fico triste.

Deve ser normal ter dias em que o peso para sorrir é maior do que normalmente.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Por que será que na teoria sabemos tanta coisa, mas na prática esquecemos tudo?

Sou a incoerência do ser...

TEXTO 71

[SEM TÍTULO]

Nada disso me faz bem, toda essa situação me deprime. Hoje acordei me sentindo mal, dando ouvidos aos pensamentos que inundam a minha mente, que me congelam e me impedem de viver. Dei voz àquelas formas monstruosas que habitam os meus pensamentos, e elas me ame-drontam pois, tiram a minha essência e me fazem questionar a minha identidade o meu eu. Vão e voltam, como se me assombrassem, minuto após minuto, e me angustiam, me apertam o peito. Já no meio do dia, me sentindo isolado e sem saída, fiz o que sempre faço: busquei na música e em usa poesia, que faz a alma dançar e a mente se esvair de seus problemas, uma voz que pudesse me orientar ou mesmo que fosse capaz de me trazer paz nesse momento conturbado. achei! Mais do que só um artista, um refúgio para aquele mar de pensamentos, uma casa de repouso para as palavras que me enchiam de medo.

É realmente incrível como somos capazes de nos conectar com alguém que nunca ouviu os nossos problemas mas as pessoas a nossa volta parecerem tão distante e não serem capazes de nos notar; mas não os culpo também, afinal estamos em uma época difícil que, mesmo conectados, não somos capazes de esticar os nossos braços através de uma tela de celular.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

E nessa casa eu achei muito mais do que uma pousada para os meus medos, achei também um guia para o meu delicado momento.

“just breath, it’s almost over”, sussurrava ele.

Me ensinou que a mente humana pode ser sufocante. Disse que, quando temos consciência de uma situação, principalmente uma que não gostamos, entramos em um looping de feedback. Quanto mais pensamos nos processos e nas causas que levaram a tudo isso, mais nos prendemos aquilo que nos faz mal. Quando penso nisso, acredito que viver de uma maneira mais livre e deixar as coisas acontecerem é a melhor forma se lidar com os acontecimentos da vida. Devemos sim processá-los, só assim podemos nos entender e por fim evoluir, mas pensar demais no que não foi dito, no que não aconteceu, não nos leva a nada. Porém, o que mais me tocou foi a sua visão sobre o tempo: “Os nossos melhores dias não podem ser encontrados ao olharmos para trás, para o nosso passado(...). Por isso, quando perder algo que você ama, procure algo novo. Porque não se trata de deixar algo para trás, mas entender que viver no passado não te leva a lugar algum”. Viver refém dos seus próprios pensamentos também. É por isso que eu termino essas páginas hoje.

TEXTO 72

EPIFANIA

Imerso no cheiro de óleo,
já não mais percebido pelo pintor,
faz-se uma nova composição.

O pincel, aos olhos colorido,
causa espanto ao traçar linhas ora pretas, ora brancas,
homogeneizando a recém iniciada tela.

Pensando tratar-se de jogo de ilusão,
o artista repete o gesto,
O pincel, que acabara de nadar sobre poça colorida,
novamente resulta em traços monótonos, distorcendo a lógica e a realidade.

A náusea, cada vez mais acachapante, permeia o ambiente, proveniente dos inexplicáveis acontecimentos e sensações.

Numa tentativa desesperada de retirar-se da desorientação e do entorpecimento,
o artista abre a porta e corre ao jardim.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Sente as árvores,
respira o ar há pouco sintetizado,
e observa com atenção a sinestesia das flores.

Tornando ao ateliê,
metamorfose já iniciada,
decide retomar o trabalho.

E, outra vez, inicia a sequência pendular:

Pincel, paleta, tela.

Finalmente, enxerga a cor.

Feliz, esquece rapidamente o quadro, e corre novamente ao jardim.

TEXTO 73

A BUSCA PELA FLOR

DA SANIDADE

I

Não havia mais luz
Mas o viajante continuava a remar
e até que movia bem a água
muito melhor que o esperado.

Já era o terceiro dia
desde que havia iniciado a busca
pela sanidade, pela saúde, pelo bem-estar
e quem sabe pelos problemas de todo o seu mundo.

Vinha definhando
era um processo variável
por vezes mais lento
outros dias assustadoramente veloz.

II

Na verdade, o Mal o assombrara na última semana.
Tudo parecia tão bem:

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

comida
família
amigos
o que podia faltar?

Mas o Mal apareceu
e parecia buscar a carne
objetivar o físico
ao passo que o viajante via seu corpo
cada vez mais emagrecido
e as inseguranças cresciam.
Grandezas inversamente proporcionais.

Notícia vai
Notícia vem
A aldeia toda já comentava
o novo Mal que Deus enviara
Pobre viajante
o que fizera para merecer tamanho castigo?

Logo chegaram as recomendações
Vinhm de todas as direções, sentidos, vetores...
e o viajante, convicto, decidiu:
procuraria o curandeiro.

Hora marcada
a aldeia já esperava o veredito
o remédio
a solução
O fato tornou-se evento
o curandeiro, o salvador.

A pílula
o Santo Graal
era nada mais
que a flor amarela:
“a flor da sanidade”.

E a aldeia toda comemorava
a partida do viajante
que agora remava
buscando a cura para o castigo divino.

III
Passado o terceiro dia
o momento de tensão aproximava-se
Restava o esqueleto
os órgãos
e a determinação pela flor
“a flor da sanidade”.

Tic-toc, tic-toc...
o Mal não tinha piedade
e a cada minuto
torturava o corpo
a mente
e os fragmentos de consciência e percepção.

No fim do rio,
uma lagoa.
Era o que enxergava
embora o estado não permitisse uma conclusão
ou se permitia, não era muito confiável.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Num lapso de humanidade
avistou, boiando,
uma flor.

Amarela,
rajava de forma estridente.
Havia de ser A flor
“a flor da sanidade”.
Tocou-a,
sentiu todo o perfume,
observou todas as cores,
devorou todos os possíveis pedaços.

Tic-toc, tic-toc...
Os ossos, já desintegrados,
misturavam-se à lagoa.
Não havia mais o viajante,
só alguns restos.
Não havia mais flor.
Havia o rio
a lagoa,
a aldeia,
o curandeiro.
A vida seguiu para todos.
E o viajante perdeu-se no tempo
e na memória.

TEXTO 74

O CICLO DA VIDA

A gente se acostuma com o bom
A gente se acostuma com o mau
Se acostuma com os bons, com os maus
Até não saber mais quem são os bons ou os maus.

A gente se acostuma a esperar um retorno,
a elucubrar sobre as vicissitudes da vida
sobre as peculiaridades das pessoas
e no fim, não sabemos mais o que a gente espera e o que é o retorno.

A gente se acostuma a viver sozinho,
e ao encontrar alguém, estranha ter alguém ao lado.
Até que a gente se acostuma a viver em conjunto,
e quando acaba, a gente também se acostuma.

A gente se acostuma a sentir,
a ver a chuva de verão,
a admirar as tonalidades do crepúsculo
a sentir o perfume das flores,

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

e à medida que a gente se acostuma,
as flores perdem o perfume,
o por do sol perde a vivacidade,
e a chuva torna-se comum.

A gente se acostuma a se acostumar,
e os momentos de surpresa também começam a cessar.
Afinal, a gente se acostuma com a surpresa,
com o inesperado, com o novo.

E quanto mais a gente se fecha, mais se acostuma.

E quanto mais se acostuma, mais se fecha.

E na expectativa e constância de se acostumar,
a gente se esquece de viver.

Se esquece de que nosso corpo é uma máquina, feita de engrenagens,
e que como qualquer máquina, pode falhar.

A gente se acostuma com a consciência, em ser consciente,
apesar de não sabermos com exatidão o que ela significa.

E porque a gente se acostuma,
esquecemos que nunca se sabe quem está do outro lado,
e logo momentos e oportunidades são inexplicavelmente perdidos.

A gente se esquece de tentar,
pois, na vida, a gente só não se acostuma
com o fato de que é impossível saber
o que reserva o dia de amanhã.

TEXTO 75

RODA VIVA

É o primeiro dia de quarentena imposto pela universidade. Não teremos atividades nos próximos dias, sinto um misto de angústia e súbita alegria: é a fase do “oba oba”. Danço na varanda, trabalho com as minhas plantas, aproveito o que se chamaria de “miniférias”. Não sei se foi por negação de minha parte, de falta de entendimento do contexto ou de deboche. Aprendi, a duras penas, a converter os sentimentos em senso de humor, ironia e risadas - às vezes, de desespero.

É dia 04 de abril. As atividades da faculdade já se iniciaram há algum tempo, vêm como uma onda gigantesca de vídeos e questionários a responder, porém não consigo acompanhá-las; a água gelada toca os meus pés e me arrepia. Fico parada, ora completamente estática, ora observando a dinâmica das ruas, cada vez mais vazias, do alto de meu prédio cor-de-abóbora e de formato esquisito. Moro na frente de uma avenida no bairro Butantã, de onde posso acompanhar o vai-e-vem dos pobres que vêm da região mais periférica e dos ricos que saem dos prédios antigos daqui. O lugar é cheio de história, tradição e movimento. Durante meu banho de sol matinal, relembro as vezes em que peguei Uber e o motorista, residente daqui, contou-me um

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

pouco sobre a história do lugar. “Na minha época, era tudo mato”. Acho engraçado. O que posso dizer, da varanda do 13º andar? Sou privilegiada por estar confinada em casa. “Se a vida te dá farinha de trigo, faça donuts”. Em teoria, tenho aulas para assistir, exercícios para entregar, posts para escrever na página da minha microempresa, alunos para prospectar. Na prática, não consigo fazer nada de realmente útil e produtivo. Sinto-me presa, imóvel.

“Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu
A gente estancou de repente
Ou foi o mundo então que cresceu”

Convivo com a depressão há um bom tempo. Tecnicamente, planejar formas de se matar de maneira eficaz e rápida é considerado um checkpoint da história. Até se alcançar esse tal ponto, no entanto, muita coisa aconteceu e mudou. “As águas mudam, mas as margens permanecem”. Em que momento esse rio nasceu, onde fica a sua nascente? Não sei dizer. O tal do checkpoint foi quando, ainda pré-adolescente, escrevi cartas de despedida com as justificativas do ato e peguei uma corda. Pretendia me enforcar em uma árvore grande, onde costumam pousar tucanos na primavera, com uma corda pesada que, outrora, brincávamos de pular cantando cirandas. O nó não deu certo, caí da árvore e, com isso, dei um grito. Um vespeiro próximo se sentiu ameaçado e me atacou em resposta. Deus condena os suicidas ao Inferno, talvez tenha sido um sinal, vai saber? Desde então, pensei muito sobre o assunto. A conclusão a que minha versão pré-púbere chegou foi de que a minha vida não pertence só a mim, portanto não tenho o direito de tirá-la. Ela faz parte de cada outra existência que tange a minha e, como parte do conjunto, não poderia simplesmente deixar de viver. Em segredo decidi, então, a profissão de minha vida: tornaria-me médica para dedicar meu tempo, minha energia e meus

sentimentos aos outros. Quem sabe, dessa forma, não compensaria o vazio que eu deixaria? Poderia partir sem culpa. Isso aconteceu há mais de uma década. Faz quase dois anos que comecei a me tratar e os últimos acontecimentos deste semestre me trouxeram a sensação de que dei dois passos pra trás.

“Faz tempo que a gente cultiva
A mais linda roseira que há
Mas eis que chega a roda viva
E carrega a roseira prá lá”

Em abril/2020, tudo aquilo voltou. Aqueles pensamentos que não nos deixam em paz, a água na boca que surge só de imaginar a faca na mão cortando minha pele e sentir o sangue quente escorrendo e se espalhando pelo azulejo. O lugar ideal seria na varanda, porque tem uma área escondida, próxima às minhas plantas de estimação, com vista para o pôr-do-sol e perto de um ralo - seria fácil limpar a sujeira deixada pelo sangue, estaria em boa companhia, a paisagem me agrada, o cutelo é bastante afiado e, uma vez, utilizado, o ato estaria consumado e com poucas chances de insucesso (sob o meu ponto de vista, pior do que me matar é tentar e sobreviver com sequelas). Entretanto, lembrei-me da promessa que fiz à minha irmã antes de ela viajar para o exterior: “estarei no aeroporto esperando por você, vestida de dinossauro e dançando macarena”. Não faço promessas que não posso cumprir e ela me fez prometer duas vezes, olhos no olhos, marejados. Matei a sede pelo meu sangue com chá mate com limão e rum, refrigerante com rum, gelo e rum, só rum. Quase uma pirata. Anestesiada das dores, cantava a tristeza presente do samba, a desesperança dos abandonados e, sobretudo, a culpa por estar viva e desejar o contrário enquanto centenas lutavam para dar mais um suspiro. Dá-lhe, California Rocket Fuel! E parei de beber. Continuei quarentenada.

“A roda da saia mulata

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Não quer mais rodar não senhor
Não posso fazer serenata
A roda de samba acabou”

Maio chegou. Brisa gelada, folhas da Mil Cores se espalhando pelo chão, alguns aniversários de morte e de vida também. Montei um butsudán improvisado, acendi um incenso em nome daqueles que se partiram e outro por aqueles que me são queridos e ainda estão no plano terreno. Namu amida butsu. Nam myoho rengo kyo. Namu amida butsu. Nam myoho rengo kyo. Namu amida butsu. Nam myoho rengo kyo. Depois de recitar os mantras, vejo o senkô queimar e se tornar cinzas. Recordo-me de um sermão do Padre António Vieira: “O pó que foi nosso princípio, esse mesmo e não outro é o nosso fim, e porque caminhamos circularmente deste pó para este pó, quanto mais parece que nos apartamos dele, tanto mais nos chegamos para ele: o passo que nos aparta, esse mesmo nos chega; o dia que faz a vida, esse mesmo a desfaz; e como esta roda que anda e desanda juntamente, sempre nos vai moendo, sempre somos pó”. Não nasci com o dom da fé cristã, tampouco assumo uma religião, mas encontrei nos mantras e no sermão o que me faltava para sair das águas e respirar. Reencontrei-me. Eu sou o rio.

“No peito a saudade cativa
Faz força pro tempo parar
Mas eis que chega a roda viva
E carrega a saudade prá lá”

A tristeza deu lugar à saudade apertada de meu lar e à ansiedade pelas provas que logo viriam e pela preocupação constante com a minha família, todos classificados como grupo de risco e em exposição involuntária. Este sentimento nos dá uma energia esquisitíssima: fui capaz de enrolar 70 metros de corda de sisal nos meus vasos de planta em uma tarde! Admiro-os. Não estão mais pretos, enlutados. Possuem terra úmida e fértil e brotos. Assim como eles, abandonei o luto. Resignada, aos poucos reto-

mei a minha vida satisfatoriamente produtiva e disciplinada.

“A gente vai contra a corrente
Até não poder resistir
Na volta do barco é que sente
O quanto deixou de cumprir”

Atualmente, seleciono criteriosamente as mídias, ouço música por prazer, estudo assuntos diversos e alcancei, finalmente, a linha tênue entre a autocompaixão e a autoindulgência. Também me abstenho de saber de todas as notícias, afinal, “a ignorância é uma bênção” e acompanhar assiduamente o contexto social, político e econômico do Brasil dá uma gastura desgraçada. Ainda observo o mundo lá fora, hostil e injusto, forçando uma normalidade que não existe mais, transformando-se a cada instante. Tenta-se voltar à vida de antes, contudo basta um sopro para as portas se fecharem: a cada dia, um novo recorde batido de almas ceifadas pela doença que nos assombra.

“A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda viva
E carrega o destino prá lá”

Não sei dizer o que espero daqui pra frente. Não saberia dar um conselho para alguém que precisasse de um. “Aguarde a roda viva”, diria. Seguimos no aguardo ao som de Chico Buarque; eu, dessa vez comigo mesma.

TEXTO 76

A BELEZA DA MINHA DOR

No dia em que eu perdi a minha avó
Eu senti muito por mim, senti dó.
Senti que sou humana, mas sou pó.
Que contaria meus dias e só.

Senti que era uma farsa a medicina,
Que foram anos sonhando mentiras,
Pensando que a regra era salvar vidas,
Que dar saúde era missão cumprida.

Mas então o tal COVID surgiu.
De longe veio, pousou no Brasil.
E quando gente vizinha a mim riu,
Minha casa chorou, pois um partiu.

Partiu para o céu - nós cremos - amém.
Mas saúde boa tinha esse alguém...
Três vezes indo ao SUS, ali ninguém,
Teve empatia e acolheu-a bem.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Na quarta vez sequer a examinaram
E na quinta meus olhos suplicaram:
— Por favor! - pedi, então a triaram.
“Ufa! Da porta nossos pés passaram”.

Agradei mil vezes pois pensei:
“valeu a pena o tanto que implorei
Desse pronto socorro sairei
Com vovó sadia!” Mas me enganei...

Anamnese bem pouco investigada,
História pregressa não perguntada.
Remédios? Antecedentes? Que nada!
Do médico, a caneta foi poupada.

E do exame físico o que dizer?
Fez ausculta meio que sem querer
dos pulmões fatigados, a sofrer,
Prestes, sem tratamento, a padecer.

Em seguida veio a radiografia
De tórax com o aspecto que eu temia...
— Diagnosticada com pneumonia,
Faça antibioticoterapia!

— Doutor, vai testar pra coronavírus?
Meus familiares estão aflitos.
— Ela viajou? Não? Não há perigos!
- Deu-me as costas sem checar os indícios.

ATB no soro na madrugada.
— Creatinina no sangue alterada,
Mas deve ser crônico, vá pra casa.
- Sem levantar suspeitas, alta dada.

Em dois dias seu quadro piorou.
Para internação, um dia levou
E, ao adentrar, de lá não retornou.
Sozinha e intubada, ela expirou.

Nossa vida de cabeça pra baixo
Foi virada no fim daquele sábado.
Junto dela meu sonho foi lacrado.
Em plena quarentena, foi velado.

Com culpa, cremado. Tornou-se cinzas.
“Ai meu coração! Dê-me as suas pistas!
quero uma nova profissão bem-quista!
Não sirvo pra ser assistencialista.

Eu desisto. Não sei lidar com a morte.
‘Inda mais porque a perdi por ser pobre!
Com convênio de hospital de área nobre,
Ela teria um pouco mais de sorte!’”

“Sabias que enganoso é o coração?”
- Disse-me o Senhor, Deus da salvação.
“Perguntaste a ele, mas a mim não,
Como tirar da dor uma lição.
Pergunta a mim e você lembrará

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Que a vida é finita, se esvairá,
Só seu legado permanecerá.
Faça o bem e na dor triunfará.

Apesar dos pesares, continue!
Que seu brilho nas trevas se acentue
Resplandeça, ofusque, e jamais escute
Quem parou. Prosseguir é uma virtude

De quem entendeu que tudo tem um fim.
Saber dele a hora só cabe a mim.
Imite Hipócrates, e diga assim:
Curar nem sempre, mas confortar sim!

Inspire-se naqueles bons heróis
Na linha de frente por todos vós,
Combatendo com amor, dia após
Dia, o vírus da pandemia atroz.”

Então das cinzas renasceu meu sonho.
Vi que a vida cabe no seu tamanho,
e que não posso desistir! Há tanto
Desejo de servir no meu recanto

Chamado coração, que tem saudade,
Mas que agora sabe da liberdade
De desvendar da vida a sua verdade:
Nada sei. Tem coisas que só Deus sabe.

Não só contarei dias, viverei!
De dó, dor e culpa, me libertei!

NATHALIA OLIVEIRA

Minha missão de vida, eu honrarei!
Serei a diferença, luz serei!

Foi ali que percebi a leveza
De carregar somente o que se deva.
Fui salva e descobri uma certeza:
De que até em meio à dor há beleza.

Poema em versos decassílabos baseado na minha história pessoal
vivida no início da quarentena, ano de 2020.

TEXTO 77

ERA PRA SER DIFERENTE.

“Do jeito que eu tô, Marina”, diz meu amigo ao telefone, “pouca coisa vale a pena. Aquele projeto que eu eu tinha te contado, afundou. Tive que dividir as energias entre o final do relacionamento e o novo normal aqui em casa. Tô me agarrando a qualquer ensinamento da vida, tentando fazer sentido disso”.

Conversávamos sobre como ele havia estado. Ao longo de duas horas, o desânimo dele me contaminava a cada minuto, a cada frase.

“Cê diz que eu tô errado, que eu tô louco, mas não vejo saída. É porrada demais.” Reclamava da desilusão que permeava a cabeça dele. Criticou de tudo, maldisse tudo. Do governo ao tio do boteco da esquina, não soltou uma única sílaba de esperança. “Tá tudo às traças, amiga”.

O distanciamento social o obrigou a enfrentar seus demônios. O que ele não contava é que eles teriam ajuda dos demônios do mundo.

A ansiedade, a descrença no próprio potencial, a sensação de fragilidade e impotência, tudo se multiplicava, dizia, conforme se dava conta do que não havia dado importância até então. Um sistema desigual, extorsivo; um governo infinitamente aquém do humanamente razoável; uma sociedade que não se ampara - pelo contrário, implode no caos. Como animais numa jaula.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

“Tava numa caverna, Ma. E me sinto culpado por tudo isso. Tanta merda acontecendo, e eu chorando por saudade de um cafuné no cabelo. Triste porque o evento não vai rolar. Egoísta, né?”.

Ele não vê, mas eu concordo abaixando a cabeça e comprimindo os lábios. Minha situação não é muito diferente. “Não se culpa, João. Cê não é um robô”.

Não dá pra discordar dele. Muita gente tá passando por coisa bem pior e não tá se murmurando ao telefone por horas; por outro lado, que bom que ele pode fazer isso, né? Ele tem um ombro.

“Em três meses vivendo de rede social como única interação com o mundo lá fora, vi desabafo de todo tipo. Vi crítica a ativistas, vi crítica a isentões,ouvi críticas a hipócritas e a blogueirinhos; mas de todas essas críticas, o que mais dói é a falta de empatia presente na imensa maioria delas. Uma colega me criticou por reclamar da solidão enquanto tem gente morrendo. Pô, não posso me sentir solitário mais?”.

Deixo escapar uma risada. Conheço alguém que certamente ironizaria essa última frase. Aliás, disso aí tá cheio nesses tempos. Competição pra ver quem é mais ou menos merecedor de atenção e solidariedade.

“Concordo, João.”

“Sabe o que tá me entristecendo, Ma? É que a pandemia vai passar, e a gente vai voltar pro nosso cotidiano. Demore um ano que seja, vamos voltar a nos preocupar com nossos compromissos particulares, e o mundo que se dane. Os problemas maiores não vão desaparecer quando tudo voltar. E me sinto culpado por isso.”

Não sei responder. Meu impulso é dizer que todo mundo opera num nível basal de cinismo, porque se você se preocupar com todos os problemas do mundo, você não resolve nada e não vive. Devo dizer isso?

“Concordo, Marina”.

Estava pensando alto.

“É isso. Me sinto dilacerado entre o que se espera de mim e o que

eu acho que devo fazer. Esse maniqueísmo tá me corroendo. E, pra piorar, não tô conseguindo estudar, não consigo produzir nada.”

“Vai no seu tempo, João. O mundo tá acabando, lembra? Vai soar clichê e superficial, mas tenta um dia de cada vez..”

Silêncio.

“O mundo tá sempre acabando, Ma.”

Rio, e respondo:

“Você é muito pessimista. Tenha paciência, que isso vai passar. Eu sei disso.”

Ele tem um fundo de razão, mas eu me recuso a aceitar. Significa aceitar a derrota.

Silêncio.

“Era pra ser diferente, Marina”

TEXTO 78

SUBMARINO AMARELO

Sim, Monsieur Aronnax, Ned Land
Sim, meus caros amigos
Cá estamos, sem mais volta
Na barriga do narval.

Claro, não me parece nada justo
Quem diria, afinal?
Que prisioneiros seríamos
Num barco submarino
Disfarçado de monstro abissal?

E, claro, nunca nos foi dada
Escolha ou opção
Mas, seria esta esplêndida prisão
Realmente a escolha errada?

Maravilhem-se!
Ao nosso redor, temos de tudo
Conhecimento na palma das mãos

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Mas, de que nos vale tal conhecimento
Sem jamais culminar em ação?

O antes e o depois
Para sempre sob cisão
Sendo assim, escrevo, então
Do antes, seu obituário

Morre aqui o tempo
Anterior ao ingresso
E, como num big-bang inverso
Morre-se, no depois, o próprio tempo

Cada dia, como o outro
Indistiguivelmente ao outro igual
Mas, uma dúvida me deixa afoito
Pois, já não o eram, afinal?

Mas, saibam, senhores, companheiros,
Que, neste cárcere eterno
Sozinhos não estamos
Quando olho na janela
Vejo que, afinal, os Beatles estavam certos
Não só eu ou você, mas todos
Neste vasto oceano
(Um tom azul de inferno?)
Todos nós estamos
Num submarino amarelo
Um submarino amarelo
Submarino amarelo.

TEXTO 79

QUARENTENA

É pandêmico
Mete pânico
Pede ética
Quebra o ânimo
Mata a estética
É sonâmbulo
E a diabética
Não é cômico
Vai na médica
Fica o incômodo
Tá parética
No seu cômodo
Tá hermético
O renal crônico
Polinésico
Ou salomônico
Tá patético
Tá lacônico
Muito métrico

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Monotônico

Acinésico

Telefônico

Anorético

Macarrônico

Cataléptico

Manicômico.

E tá sério, esse tédio é privilégio!

Bota a máscara

Toma fôlego.

Diagnósticos

Necroscópicos,

Estatísticas

E acadêmicos

Pedem ética

Metem pânico

É pandêmico

TEXTO 80

AMIZADE NA QUARENTENA

Recebi uma mensagem no WhatsApp. Uma amiga muito querida tinha compartilhado sua localização comigo: era o meu endereço. Uma feliz coincidência a mãe dela ter se mudado para minha rua no último ano, e, desde então, sempre que ela a visita, separa um tempo para tomar um sorvete comigo na esquina. No entanto, era a primeira vez que ela vinha aqui em tempos de pandemia. Fiquei tenso. Será que ela vai me chamar pra sair? Se eu disser não, ela vai entender? Quero dizer não. Não quero enfraquecer a amizade. Preciso ficar em casa. Vou ficar em casa.

Prossegui com a conversa. Digitei: “Acho melhor ná...”. Mas, surpreendentemente, antes que pudesse enviar alguma coisa, ela continuou: “Queria sair contigo, mas cê entende, né?”. Alívio. Ela também sente e pensa da mesma maneira.

Desprevenidos, tivemos a dinâmica de nossa amizade transformada pela quarentena. Antes, nos abraçávamos calorosamente. Agora, fazemos chamadas de vídeo. Antes, sentados na calçada gargalhávamos para a rua toda ouvir. Agora, nos vemos pelas janelas. Sorrindo um para o outro, distantes, esse foi o método que achamos para estabelecermos qualquer comunicação que não fosse virtual, e, contradi-

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

toriamente, foi o modo mais carregado de amor e cumplicidade que qualquer abraço poderia significar nesse contexto que estamos experienciando. Para que voltemos a nos abraçar novamente.

TEXTO 81

REINVENÇÃO

Deixei a agenda no canto do quarto
há meses

todos os compromissos
e aniversários
e eventos
e prazos
parecem zombar de mim
não, não dá pra controlar tudo

nem a saudade
de você e do toque sem medo

nem o medo que sobe
junto com os números no jornal

números que não são números
são gente
gente como a gente

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

que sorriu e chorou
e anotou todos os deveres na agenda

pra quê?

esse negócio de vida
(que eu não entendo muito bem)
é loucura

te pega pelo braço e te obriga
de vez em quando
a parar
a mudar?
talvez os passos de ontem não possam ser os mesmos de amanhã
talvez a saudade ganhe novas cores
e talvez o medo seja passageiro, jamais comandante

e, talvez,
quando tudo voltar
tudo seja festa
por dias
e dias
e dias

dias incontáveis
em que minha agenda
em branco
continuará no canto do quarto
empoeirada.

TEXTO 82

PRA ELAS

Pra elas é que entrego todas minhas flores
nesses tempos de confinamento
Pra elas que sempre foram condenadas a essa casa
mesmo antes do cólera
Pra elas que me costuraram essa máscara
pois tenho medo de me revelar
Pra elas que são as últimas a se sentar à mesa
e as últimas a deixar
Pra elas que foram feitas pra sofrer
e por isso são boas pra casar
Pra elas que me descascam frutas
pois não sei apreciar a realidade
Pra elas que cuidam de mim
pois não sou capaz de me cuidar a mim sozinho
Pra elas que, no meio da noite, me lembram do remédio
pois seus sonhos já foram esquecidos
Pra elas que dão ouvidos aos meus tormentos
pois foram ensinadas a serem mudas
Pra elas que são a fundação dessa família

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

mas que só se revelam quando a casa estremece
Pra elas que não conseguem respirar
porque não me importo
Pra elas que são corpo
porque não me aguento
Pra elas que me cantam sobre Vienna
enquanto carregam o sentimento desse mundo
Pra elas que são a origem do universo
mas não seu fim
Pra elas que têm mente e alma
mas são apenas corações
Pra elas que têm talento e ambição
mas vivem da beleza
Pra elas que são condenadas à solidão
mas continuam a sorrir

Continuaria com mais, mas ela acaba de me contar que o certo é
“para elas” e não “pra elas”.

TEXTO 83

NA VARANDA

Sentado na varanda do meu quarto,
sobre mim apenas um céu azulado,
a tranquilidade do sol acalenta a alma presa.
Presa da peste que no mundo gera tristeza.

Sentado na varanda do meu quarto,
no privilégio de estar confinado,
o corpo e a alma choram
pela liberdade e pelas vidas que não voltam.

Insegurança lá fora, insegurança aqui dentro
-Quando tudo isso irá acabar?
Maior castigo é lidar com os pensamentos.

Sobre mim, agora, apenas a luz do luar
Com ela, a dádiva da passagem do tempo.
Mais um dia sentado na varanda do meu quarto.

TEXTO 84

ENTRE A PEDRA E A SOMBRA

Nasce o dia, abro a janela do meu quarto e deparo-me com o muro cinza do quintal. Faço um café e começo mais um dia de isolamento. O noticiário anda mais desolador do que o comum, números de mortos subindo, descaso de governantes e desgovernantes, falta de recursos, violência, mentiras, sofrimento, dor. Nunca foi tão bom ver um comercial, seja lá do que for. Ligo o celular e vejo as diversas conversas. Não sou uma pessoa popular para os padrões atuais e mesmo assim sinto dificuldade em acompanhar todos aqueles que me são caros. Soma-se a isso a enxurrada de fake news que familiares mandam. Começo a acompanhar as aulas, algumas muito boas, outras bastante desanimadoras. Sinto falta de ver e conversar com os mais diversos pacientes, de tomar um café com amigos ou simplesmente tirar um cochilo na biblioteca antes de estudar. Sol se põe e fecho a janela. Mais um dia terminando no isolamento, já não sei mais quantos foram e quantos serão. As coisas parecem ser as mesmas apesar de tudo ser completamente diferente.

Acolho a alvorada seguinte e abro a janela para o muro cinza, tudo se repete com algumas poucas alterações. É monótono na maior parte, frustrante no resto. Curioso que tanto o começo quanto o fim já são

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

de meu conhecimento e também inexoráveis, Mesmo assim, acredito, presunçosamente, ter algum controle sobre meu cotidiano. Em um desses inúmeros dias iguais, fecho a janela e ao olhar para trás deparo-me com uma figura. Não me é totalmente estranha, mas não a consigo definir. Não há nada de concreto, apenas um espectro, uma sombra, no canto do meu quarto. Ela não diz nada, apenas sinto que me olha. Divido-me entre uma sensação de desconforto arrebatador e de alívio sincero. Por quê? Os minutos passam e ela permanece imóvel no canto. Não tenho coragem de fixar meu olhar sobre ela, mas também não quero fingir que ela não se encontra ali. Não sei o que fazer a não ser buscar manter o cotidiano intacto. Deito-me e espero a visita de Hipnos e Morfeu, mas dessa vez parece que eles ficaram constrangidos com a presença ilustre.

O raiar do sol não foi mais o mesmo. No dia seguinte, ao abrir a janela, a Sombra encontrava-se em cima do muro. Dessa vez, não mais algo sem forma definida, mas semelhante a uma pessoa. Não consigo descrever seus traços, apenas sentia que continuava me olhando, inclusive durante o dia. Sigo a rotina tediosa, com aulas gravadas aceleradas, garrafas de café para afastar o sono de uma noite mal dormida e perdendo foco a cada momento. Não é mais possível ignorar a intrusa, é preciso confrontá-la.

Após finalmente juntar coragem, forço-me a sustentar o olhar na Sombra. Por mais clichê que seja, porque é bastante no caso, deparo-me comigo mesmo. Sempre odiei clichês como um todo, achava e ainda acho preguiçoso. Mas cá estava com ela, claro como a luz que ainda entrava em meu quarto, apesar do muro cinza. Já li alguns livros e assisti a filmes para entender a situação. Lá vem um monólogo chato e francamente pedante acerca do que é bom ou ruim, ou alguma discussão filosófica, que irá, de forma surpreendente, enriquecer-me pessoalmente depois de superada ou suprimida a Sombra.

Ela apenas sorri. Sabe tão bem quanto eu, que o começo é o fim, que a rotina se consolida justamente por um dia ter o começo no fim do outro dia e que nossa conversa terá seu fim com base no começo. Confuso. Pior, sem sentido. Ou será que não?

Crescemos ouvindo histórias do bem e do mal. Deus e o Demônio. Teseu e o Minotauro. Arthur e Mordred. Jedis e Siths. Abordar a sombra com o mesmo maniqueísmo é, além de ingenuidade, burrice. Como se pode derrotar a si mesmo e vencer simultaneamente? Impossível. Será que a dialética funcionaria para trazer um pouco de razão nisso? Eis que ouço sua voz pela primeira vez: “assim como a rotina, qualquer tentativa puramente racional de explicar o motivo de minha presença é mera presunção e fadada ao fracasso”. Olho-a estupefato, como ousa essa figura, além de tirar minha paz, ser presunçosa assim? Quando estou prestes a retrucar, sou cortado por sua voz. “Assim como Sísifo carrega a pedra ao topo da montanha para vê-la rolar montanha abaixo, você passa os dias fazendo tudo de forma semelhante, sabendo como começa e como termina. Abre-se a janela, observa o muro cinza e faz o que deve fazer. Fecha a janela, esconde o muro e se prepara para o fim, que levará ao começo. Perceba, nem a monotonia da sua rotina pode ser explicada racionalmente”. Ela tem total razão? Não sei, mas alguma sim. Pergunto então o que ela quer comigo. Ela se move até meu violão e me olha, num misto contraditório de amor e desprezo. “Quero apenas que entenda que não pode mais negar minha existência”.

O que ela quer dizer com isso? Como negar o que nunca pude vislumbrar? “A sua rotina normalmente corrida acaba ofuscando minha presença, mas sempre estive aqui. Não sou você, mas somos você.” Sempre achei desagradável quando alguém faz essas brincadeiras com palavras durante momentos sérios, mas fez sentido agir assim, já que tenho esse costume também. Indago, não mais querendo confrontá-la, mas apenas buscando entender, o que tudo isso significaria.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

“Você sempre buscou ser racional, fortalecendo seu consciente e renegando tudo aquilo que julgava não ter um ‘sentido’. Pois bem, está na hora de entender que você não pode existir de forma completa sem minha presença. Como o ying precisa do yang, ou melhor, já que vive se achando uma pessoa racional, como o coração esquerdo precisa do direito, você precisa de mim para ser algo completo”. Já havia sido alertado por Jung acerca da presença da Sombra, mas ela é bem mais desagradável do que imaginava. Questiono o que seria esse “completo” e a resposta é uma sucessão de perguntas: “Quantas músicas nós deixamos de aprender por estarmos ocupados com sua suposta racionalidade que nos conduz a uma rotina repetitiva? Quantos livros nós deixamos de ler? Quantos relacionamentos nós negamos?” Respondo que preciso fazer tudo isso, afinal quero ter a profissão que estou estudando. Qual seria meu crime? “Sua covardia. E, nesse caso, é só sua”.

O silêncio sepulcral toma conta. O tempo passou e preciso fechar a janela que dá para o muro cinza. “Você percebeu algo interessante, especialmente que o fim é o começo e que, assim como nós, um não pode existir sem o outro. Aceita a rotina corrida em que são ciclos e ciclos sucessivos que levam ao mesmo desfecho. Mas mesmo assim, ousa fingir que não existo. Quando não consegue descrever uma sensação, sou eu quem a sente. O seu fim é o meu começo e, no entanto, não existo sem você. E vice-versa.” Mas o que isso tem a ver com meu cotidiano mundano? “Sua repressão de minha manifestação afasta qualquer chance do seu dia não ser monótono. Sente falta de viver justamente porque foge de uma parte integrante sua”.

Mas como posso conciliar minha vida com algo que não tenho como entender totalmente? “Um bom começo é deixando de ser pretensioso.” Fito-a com um misto de raiva e resignação. Ela está certa. Não dá para entender tudo e a insistência nisso só conduz ao sofrimento ou a perda de sanidade.

“Certo autor disse que é ‘preciso imaginar Sísifo feliz’. Você precisa entender que a manutenção da rotina, sabendo que ela é essencialmente cíclica, não é sinônima de monotonia ou apatia, nem em tempos de enclausuramento. Mas o seu movimento de subida e descida da pedra só pode ser significativo se estivermos juntos.” Fico atônito. Não sei o que fazer ou falar. O tempo perdido não volta, os erros se acumulam, a angústia cresce. O que fazer? “Não sei, mas agora que não me negas, podemos ter um equilíbrio entre sua razão e minha paixão. Perceba também que suas perguntas te levam a mais perguntas e novamente estamos em um ciclo. Diferença significativa é que agora somos”.

Abro a janela para o muro cinza e tudo foi igualmente diferente.

TEXTO 85

AMARELO

Chovia tanto
Que parecia que o céu ia cair
Alguém tocava piano na sala?
Chovia tanto
Que parecia que eu ia cair
Podia ser eu tocando piano
Era Frank Ocean?
A chuva tornava o dia infinito
E uma semana se passara
Mas foi apenas uma noite.
Eu não te vejo há 29 dias
Mas eu não sei tocar piano
Tudo era azul
A noite era azul
O sol era azul
Eu olhava pela janela azul
Ou era rosa?
Isso é poesia ou prosa?
Isso não é nada

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Porque tudo é azul
Eu não falo com você há muito tempo
Nem consigo me lembrar
E eu falei com você hoje
Chove há 29 dias
Eu falei com você apenas uma noite
Parecia que o piano ia cair
A música não parava
E as notas eram azuis
A música tornara a noite infinita
Chorava tanto
Que parecia que meus olhos iam cair
O cheiro da chuva entrava pela janela
O cheiro era azul.
A janela estava fechada
Mas o sol iluminava todo o quarto
Especialmente de noite.
Sentia sua falta
Mas também não sentia.
Era rosa
Era íntimo e romântico
Mas não era azul
E o que não é azul
Não passa de nada.
Nunca foi
Nada que não seja
Nada.

TEXTO 86

MAÇÃS

Assim que começou o noticiário, pegou o controle que estava sobre a mesa de vidro e desligou a TV, que ficava do lado oposto da sala. Não que ele estivesse realmente prestando atenção no que se passava, mas não queria mais notícias ruins e desastrosas sobre o mundo como música de fundo da casa.

Voltou para o escritório e se sentou no chão de madeira, sentindo o piso frio contra suas pernas; a luz e a brisa fresca da manhã entravam pela janela, deixando todo o cômodo com uma cor meio sépia ao passarem pela cortina bege. Acordara há pouco e sua mulher ainda dormia — desde que o trabalho havia sido suspenso não tinham muito o que fazer. Tomou um gole de chá morno, deixou a xícara ao seu lado e olhou para a pequena caixa que estava a sua frente. Achara-a no dia anterior, quando, após tanto tempo, decidiu olhar suas coisas antigas, que mantinha no escritório. Quando viu o objeto, ficou muito surpreso que tinha se esquecido da existência dele. Como podemos nos esquecer mesmo das coisas mais importantes para nós? Tiramos da memória e guardamos em uma caixinha, talvez acreditando que assim dure mais.

Pegou-a delicadamente em suas mãos, tinha seu nome ‘Bruno’ escrito com caneta permanente, já um pouco desgastada pelo tempo,

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

e tirou a tampa como se ali tivesse seu bem mais precioso. Abriu um sorriso ao retirar o conteúdo e colocou-o no chão a sua frente: era um bolo de fotos. Antes, ele amava tirar fotos, mas, com a rotina corrida, nem conseguia se lembrar de quando isso se perdeu. Agora que parou para pensar, tinham muitas coisas que ele gostava de fazer e não fazia por causa da rotina apertada e do trabalho. Ele já soube desenhar e até tocar violino... mas essas memórias lhe pareciam tão distantes que nem ele sabia ao certo se eram reais.

A primeira foto era de alguns anos atrás, quando fizeram uma festa surpresa para seu melhor amigo, que agora morava em outra cidade; provavelmente ele estava bastante ocupado agora atendendo muitos pacientes. Os dois não se viam há tanto tempo que seus olhos chegaram a se encher de água ao ver aquele sorriso tão familiar. Ele tinha muitas saudades de quando eles moraram juntos na época de faculdade...

Deixou cuidadosamente a primeira foto e pegou a segunda. Ele se lembrava daquele dia como se fosse ontem.

Era um dos primeiros encontros reais que tivera com Helena. A noite estava linda e as estrelas pintavam o céu de dourado; eles foram a um parque temático que estava acontecendo na cidade, mas do tema ele não se lembrava direito... Claro! Era dia dos namorados — o primeiro que passariam juntos. Naquela época, eles namoravam há algumas semanas, se conheceram na faculdade de arquitetura. Ele lembrava que, naquele

dia, ela estava linda, mas a foto não fazia justiça à beleza dela. Ele achava engraçado que eles namoravam há algum tempo e, ainda sim, ele se surpreendia com o quão linda sua namorada era; estava com um vestido vermelho que combinava perfeitamente com sua pele morena e deixara o longo cabelo ondulado solto. Naquela época seu cabelo era bem mais longo, mas ele achava que ela ficava igualmente linda de qualquer jeito. Ele... bem, estava de jeans e camiseta, mas não

quaisquer jeans e camiseta, seus jeans e camisetas preferidos. Bruno se lembrava de terem se divertido muito naquela noite e, por mais clichê que soe, ele sentia que era o melhor dia da sua vida.

Quando estava ficando tarde, decidiram ir a uma última atração... talvez se chamasse 'A trilha do amor', mas não tinha certeza. Como a fila estava muito grande, ele decidiu ir pegar alguma coisa para comerem enquanto esperavam. No caminho, passou por inúmeras barracas de infinitas cores e produtos diferentes até chegar em uma pequena barraca que vendia maçãs do amor. "Se você der essa maçã de presente, o amor dura para sempre!" O simpático vendedor disse. Ele se lembra de ter rido, pois, na verdade, não gostava de maçã do amor e nunca entendeu o porquê desse nome, se ela é dura e grudenta, mas, ainda sim, comprou uma para ele e outra para ela e o vendedor as embalou em uma sacola em formato de coração; era romântico, não? Ele continuou pensando no nome... seria por que o caramelo é doce... como o amor? Parecia um pouco forçado, mas deixou o pensamento para lá.

Quando estava chegando onde Helena esperava, viu que a fila tinha se desfeito e que ela estava sentada em um banco de madeira ali perto, sob uma rede de luzes brilhantes que pairava por entre as barracas do parque. Eles haviam fechado as atrações por causa do horário. "Podemos comer aqui mesmo?" Ela fez uma expressão ansiosa pelo que ele havia comprado. Bruno tirou as maçãs do pacote e deu uma para ela. "Para que o amor dure para sempre" A jovem leu em voz alta o que estava escrito no pequeno papel que vinha junto com a maçã. E então os dois ficaram parados por alguns segundos, sem abrirem as maçãs. "Você não vai abrir a sua?" Helena perguntou, rindo. "Na verdade, eu não gosto muito de maçã do amor..." Ele disse um pouco nervoso, mas ficou confuso quando ela começou a rir "Na verdade, eu também odeio maçã do amor. Eu só não queria estragar o clima" E os dois começaram a rir juntos. "Mas temos que comer pelo menos um

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

pedaço, para nosso amor durar para sempre” Ela sugeriu, e cada um abriu sua maçã. “Espera!” Ele disse, pegando sua câmera na mochila, “temos que registrar!”. Com a câmera preparada, morderam juntos suas maçãs e ele tirou a foto de ambos com uma cara engraçada de desgosto. E voltaram a rir ainda mais que antes.

Nesse momento, ele percebeu que o amor não estava na trilha de um parque, ou no caramelo de uma maçã do amor, tampouco era algo que ele podia apontar e dizer que aquilo era o amor, mas ele sabia o que era: era estar ali com ela sob a luz das estrelas, era cada momento que eles passavam juntos, cada olhar, cada risada, cada conversa que ele não teria com mais ninguém, cada eu te amo... Ele sentia que aquilo era o amor e que, naquele exato instante, tudo estava certo.

“Eu te amo”. Ele disse as mesmas palavras que já tinha dito tantas vezes, mas que, naquela noite, pareciam carregar um significado muito maior. “Eu também te amo” Helena respondeu e ele não se lembrava exatamente do que vinha depois. Na verdade, ele nem sabia que se lembrava de tudo isso...

O barulho de uma porta se fechando o tirou do devaneio. Como uma foto fizera ele se perder daquele jeito? Mas ela também trouxe um sentimento bom, ele sentia seu coração aquecido, especialmente depois de tanto tempo ter se passado. Ele pensou que, realmente, talvez o amor seja eterno, já que ele permanece sempre vivo na memória, mesmo que o tempo e a vida nos levem a lugares inesperados. Percebeu também que talvez as coisas que menos duram sejam as mais inesquecíveis.

Da última vez que a viu, ela estava grávida e ainda mais linda do que se lembrava, tinha se casado havia alguns meses. Desde então, os dois nunca mais se viram, mas ele gostaria que, onde quer que ela estivesse, ela estivesse realmente feliz.

Bruno deu um último sorriso sincero para a foto em sua mão e passou para a próxima.

TEXTO 87

RELATO DE UM SOBREVIVENTE

O mundo se tornou violento. Na verdade, o mundo se tornou tão violento que, há cerca de oito anos, as pessoas de todo o mundo foram proibidas de saírem das próprias casas.

O mundo nunca foi um lugar bom, ou seguro. Desde que me conheço por gente vivemos com um medo constante. Nas ruas, insegurança e ninguém para te proteger ou ajudar: conforme a violência aumentava a empatia e solidariedade das pessoas diminuía proporcionalmente. Nos noticiários, apenas tragédia atrás de tragédia, nunca algo que desse esperança para o povo, para a sociedade. É curioso, até parecia que a mídia queria que isso tudo acontecesse, incitando a violência e o individualismo propositalmente. Vai saber, há muito deixamos de confiar no próximo ou ajudá-lo.

Enfim, fazia muito tempo que a sociedade não prosperava. Mas, mesmo assim, ninguém nunca imaginou que chegaríamos a essa situação. Eu me lembro do “começo”. Eu estava na faculdade. Nessa época, como os índices de violência já estavam muito altos, a maioria das atividades eram feitas a distância: escola, faculdade, trabalho, esportes, festas, serviços de saúde, enfim, tudo a distância. Contudo, ainda era

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

possível sair de casa em ocasiões extremamente necessárias e de forma absurdamente controlada, é claro. Certo dia, meu despertador tocou e acordei esperando ter mais um dia como todos os outros. Me levantei, tomei banho, tomei um café e me preparava para começar a assistir as aulas do dia, quando notei na televisão que se iniciava o pronunciamento oficial do governo, realizado semanalmente. Estranhamente, eu não costumava ver todos os pronunciamentos, mas, naquela semana em específico eu decidi tirar um pouco do meu abundante tempo para isso. Foi ali, sentado no meu sofá, que o meu mundo e o de todos mudou completamente. Não seria mais permitido que nenhum cidadão deixasse sua casa. Estava instaurado um regime de isolamento total que duraria o tempo necessário para que os governos do mundo todo, de forma unificada, reduzissem os índices de violência na sociedade.

A partir daí o ser humano teve que se adaptar. Sempre considerei um verdadeiro dom a capacidade do ser humano de se adaptar às diferentes situações. Em teoria, a maioria das atividades se manteria como era antes, a distância. Já os serviços essenciais e básicos para sobrevivência, como o fornecimento de alimentos e a promoção de saúde, seriam de responsabilidade do governo através de suas sentinelas robóticas e drones. Esses equipamentos já vinham sendo cada vez mais utilizados antes do isolamento total. Obviamente, o governo já estava se preparando para isso tudo.

No começo, as medidas tomadas até que funcionaram. Os índices de violência medidos semanalmente diminuíram drasticamente e a vida corria normalmente, na medida do possível. Mensalmente, cada casa recebia uma cesta básica com alimentos, itens de higiene e medicamentos, equivalentes para no máximo quatro pessoas, não havendo uma distinção de cestas de acordo com a quantidade de pessoas que viviam na casa. Contudo, as atividades econômicas e produtivas continuaram normalmente, logo era possível realizar compras online, tra-

balhar, abrir empresas, etc. Curiosamente, ou como seria de se esperar, no primeiro ano de isolamento total o consumismo, as atividades produtivas e o entretenimento digital estouraram na sociedade, já que era o mais próximo que se podia chegar de uma vida normal. Caso você precisasse de atendimento médico, uma sentinela médica era enviada para sua casa. Essas sentinelas, basicamente, eram um intermediário entre a pessoa que solicitava o auxílio e um médico, sendo que esse médico poderia ter controle da sentinela para realizar as manobras que julgasse necessárias. Acreditem ou não, mas cirurgias foram realizadas a distância. No geral, as sentinelas públicas nunca foram muito ruins. Entretanto, a demanda era muito alta, o que fazia com que faltassem sentinelas e conseqüentemente atendimento ao povo. Quem tinha melhores condições financeiras podia pagar um plano de saúde que oferecesse sentinelas melhores. Para se entreter, a criatividade humana aflorou. Videogames, serviços de streaming, produção de conteúdo online, redes sociais, artes digitais, músicas, entre diversas outras coisas foram as ferramentas que as pessoas utilizaram para se divertir. Nesse momento, inclusive, o legado digital da humanidade tornou-se essencial e de um valor incomensurável, afinal, era a única imagem que tínhamos de um mundo que nunca chegamos a conhecer.

Parecia um mundo sustentável e com perspectivas de melhora no futuro, com efetivas ações governamentais e constantes quedas dos índices de violência. Bastaria perseverança, solidariedade e força para que todos pudessem sair dessa situação da única forma possível: juntos. Mas, com o tempo, começaram os problemas. Como todo sistema, essa nova sociedade estava sujeita a corrupção do homem. Após cerca de seis anos, diversos escândalos passaram a surgir nos governos do mundo todo. Esses escândalos envolviam todo tipo de coisa: irregularidades na distribuição de cestas básicas, pagamentos de propinas para que indivíduos pudessem deixar suas casas, roubos de mercado-

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

rias, formação de milícias e até mesmo atos terroristas. Não sejamos ingênuos, é óbvio que quando as pessoas foram lacradas em suas próprias casas, uma grande parcela de indivíduos permaneceu nas ruas, sendo essa parcela justamente aqueles responsáveis por toda violência no mundo. Não foi nenhuma surpresa quando os escândalos políticos mostraram que os governos estavam tão sujos quanto aqueles que tornavam o mundo violento.

Os tempos que se seguiram foram decadentes. O sistema financeiro quebrou, os serviços foram sendo gradualmente interrompidos, pessoas perderam seus empregos, ocupações e fontes de entretenimento. Cada vez mais, o governo era incapaz de fornecer à população os serviços básicos para sobrevivência. Famílias e mais famílias sucumbiram, sem nenhum apoio, largadas à própria sorte, sendo brutalmente condenadas por um sistema que as aprisionou e tirou todas suas possibilidades de sobrevivência. Houve surtos de suicídios, tentativas de quebra do isolamento e uma violência jamais vista. Uma verdadeira guerra, vivida nas ruas e dentro das casas.

E como era de se imaginar, e a história não me deixa mentir, diante de toda calamidade e desespero surgiram governantes extremistas e oportunistas que se diziam os salvadores, verdadeiros messias, que traziam a promessa de uma vida melhor e davam esperança ao povo. Para esses governantes não foi nada difícil chegar ao topo, e, uma vez lá, puderam disseminar a sua ordem caótica. Em todo o mundo, os governantes radicais estimularam as pessoas a saírem de casa e afrouxaram as regras de isolamento, porém, sem que o mundo estivesse preparado para tal mudança. O retorno das pessoas às ruas, naquele momento, representaria um grande retrocesso em tudo que havia sido conquistado nos anos em que o isolamento total surtiu efeito. Diziam que a situação não era grave, e sim um mero jogo político que fizera a população refém de si mesma. Muitos ficaram chocados com esse

discurso, imaginando quais mentes sádicas e doentias podiam promover mais desordem em tempos caóticos. Todavia, muitos outros acreditaram na mensagem, e não podemos culpá-los, visto que, para essas pessoas, essa foi a primeira e mínima luz de esperança em muito tempo. Dessa forma, baseando-se em uma enganação homicida, muitos indivíduos deixaram suas casas.

Essa sequência de fatos nos traz até o presente momento, em que escrevo este relato. Desde o início da onda de governos extremistas, há cerca de um ano e meio, até hoje, a situação se tornou insuportável. Como esperado, o retorno precoce de pessoas às ruas associado à crise política, econômica e social que vigorava na época sentenciaram a humanidade. Os serviços pararam de vez, as comunicações foram cortadas, e a violência voltou a crescer exponencialmente. Eu não sei o que encontrarei lá fora, e certamente não estou preparado para o que vou encontrar. Porém, não como faz 15 dias e meu estoque de água está acabando. Não me resta opções: ou eu saio, ou pereço. Ao menos lá fora tenho uma chance de fazer a diferença.

Como já mencionei, eu acho um legítimo dom a capacidade do ser humano de se adaptar. Mesmo nas piores condições, na completa falta de perspectiva e no ápice da vulnerabilidade, somos capazes de superar obstáculos e a nós mesmos. É por isso que eu ainda não desisti, é por isso que ainda acredito na humanidade, e é com esse pensamento que eu deixo a minha casa, ou prisão, a minha segurança, ou insegurança.

TEXTO 88

Abro os olhos. Enxergo o vazio. Nenhuma luz vem me recuperar do sonho que tive . Realmente abri os olhos? Sinto que consigo apalpar todo o espaço ao redor. Consigo também localizar o limite da água que banha os meus pés; quiçá seja dela que emana o cheiro indistinto de desesperança. Olho para cima. Vejo uma fresta desenhar o que pode ser uma Lua. Mas de novo a sensação de ter perdido o mundo me toma conta e fica difícil ter consciência presente de algo tão belo; e a esse adjetivos reservo o passado. Volto a apalpar toda a extensão do espaço. Sinto o nível da água subir e à medida que isso acontece perco a mobilidade dos pés. Sou arrebatado pelo pensamento de que sair se tornou impossível. Deveria me render ao sono? E durmo. Novamente aquele sonho aparece. Nele me uno à extensão do Universo, derramo e me liquefaço na imensidão, me diluo completamente. Acordo mais uma vez. A água já alcança meu peito. Imagino que seria bom ter como reagir. Sinto novamente as paredes; vejo os pequenos furinhos que percorrem toda ela. Por que eles se tornaram incapazes de absorver todo o líquido? Encontro o sono novamente. No sonho revivo um tempo quando havia vozes, quando elas me distraíam para o mundo, para a

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

folha que cai, para o sorriso que ri, para o olho que transparece. O despertar faz-se presente mais uma vez. Agora a água já ocupa o nível da minha boca. Mantenho-na fechada para poder respirar o pouco de ar que entra no meu peito comprimido. Às vezes a vontade de abrir a boca é tanta... Mas continuo com ela cerrada. Pergunto-me de onde vem tanta água. Sinto o cheiro que ela me apresenta. Reconheço um pouco desse odor. Percebo que sutilmente ele estava naquele universo no qual me diluía. Talvez também estivesse naquela folha que cai, naquele sorriso que vi. Nesse momento a água já me ultrapassa a cabeça. O impulso para abrir a boca se torna mais forte. Não deveria estar boiando? Algo então me distrai para baixo. Ainda não vejo nada, mas sinto que há ferro nos meus sapatos. As energias restantes me são suficientes para me livrar deles. De onde essa força veio afinal? O corpo quase mórbido começa a flutuar na água. Olho para cima. Imagino se conseguirei descobrir se era realmente uma Lua aquilo que a fresta me prometia. Adormeço.

TEXTO 89

AUSÊNCIA

Por mais que você insistisse
Em querer mudar meu jeito
De não gostar de meiguice
Naquele dia algo em mim teve efeito

Nossas mãos se entrelaçaram
Nossos olhares se cruzaram
E um sorriso mútuo surgiu
Parece até que você anteviu

Se tivéssemos como prever
Que não iríamos mais nos ver
Teria feito de tudo para te perpetuar
E quem sabe o tempo congelar
Por todo aquele momento

O vírus trouxe consigo sofrimento
Cheguei a questionar se a vida era justa

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Hoje só o futuro me assusta
Quem imaginaria
Que eu aos vinte anos te perderia.
A saudade de ti, mãe, castiga
Em meio a pandemia não pude me despedir
Essa dor dilacera e fatiga
E não tem nada que a faça extinguir

Mas há a certeza
De que em um futuro sem clareza
Nós nos reencontraremos
Após longos abraços riremos

Dos planos não realizados
Por um COVID desenfreado

Te amo, te quero, te sinto.

TEXTO 90

DESPARAMENTAÇÃO

Oficialmente, era o dia 50. Quarentenava-se, em um tempo em que o se há muito deixara de ser só partícula reflexiva ou indeterminação opressiva do sujeito incerto de si para ganhar ares políticos e coletivos. Quarentenava-se agora do outro e dos outros lugares físicos e de quase todos os outros lugares que não o do sujeito em si.

Um lockdown, dizia-se.

Um lockdown explícito e irrestrito.

E quarentenava-se então o sujeito, com dor e desconforto no peito. Era uma “agonia”, dizia ele. E as partículas reflexivas estavam por todo lugar.

Foi-se embora pro interior, isolou-se de ameaças. A vida mudou (dizia).

Dispôs máscaras em lugares estratégicos da casa, e logo elas já estavam na mesma gaveta de meias e no varal e todas lavadas depois da última saída de casa em... não se sabe direito, talvez alguns meses, ou um pouco mais.

“Se proteger, proteger o outro”, o sujeito balbuciava, entre uma tosse e outra, justificando sua ida pro interior com partículas reflexivas. Colocava a máscara, paramentava-se inteiro. Justificava, de novo - por si e pelo outro. A agonia no peito seguia em crescimento expo-

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

nencial. Os outros sentimentos não pareciam crescer em proporção alguma que se fizesse observável.

Certa vez atreveu-se o sujeito a olhar a rua: vazia, ar seco, sol a pino. Desértica. As miragens já se faziam visíveis - parecia que algum ser estava ali, pronto pro ataque ao passante desavisado.

Jamais se passaria ali (julgava). E de sobreaviso, de alerta, de agonia, deveria passar? Espiava-se pela fresta da cortina, e parecia suficiente. Mas algo na vista incomodava.

O sol desceu, e as sombras da rua ficaram um pouco maiores. Faziam-se ali, cada vez maiores, à medida que a tarde passava e que ele se percebia cada vez mais no que sentia.

A quarentena dentro de casa ficava cada vez mais visível. E a agonia já não tinha forma definida, mas amorfa, ganhando também outras formas ao se desdobrar agora em sensações até então estranhas ao sujeito.

O sol desceu um pouco mais. A agonia cresceu.

A hora seguinte procedeu como se segue: o sujeito fechou a janela, preocupado, e colocou sua máscara. As sombras já avançavam sobre a casa. O sujeito correu pro quarto e fechou a porta atrás de si. Entrou no banheiro, hesitante, fechou a porta atrás de si. E seguiu por alguns minutos, arfante, assustado, lá dentro, ouvindo um barulho crescente que corria pelos outros cômodos da casa e logo chegaria intenso em si. E foi assim, adjetivando cada vez mais o que percebia em si e ao seu redor.

Calmamente, o sol desceu um pouco mais. E a agonia, dita sombra, cresceu.

O banheiro, até então suficiente, estava grande demais. Em um movimento injustificável - diriam as autoridades - entrou no chuveiro e sentiu. As sombras desdobraram seus sentidos em predicados maiores para além de linhas secas:

Percebeu o sujeito então que o que sentia não cabia na “agonia” dita tantas vezes. Tampouco cabia no seu oposto, nem em seu peito, nem em uma palavra só. O sentir era adjetivável, e era verbo, e era ou-

tros substantivos também. No fim do dia, no banho, o que ele sentia extrapolava um sentido único. Percebeu que o seu sentimento estava ali, sendo um resquício de azul poente, azul resto de fim de tarde, junto com a temperatura da água quase fria que corria por seu corpo. O que sentia tinha também cheiro de casa limpa e tinha o peso de respiração leve, talvez um suspiro, sem desconforto algum no peito. Predicava agora todo o entorno, e sentia como quem acabou de ser abraçado no final da correria de si.

Quebrou assim as ordens mais autoritárias possíveis, abraçado. E assim, mesmo guardado dentro de casa, desquarentenou-se à sua maneira.

[Dizem que nunca estive o se em um índice mais determinado]

TEXTO 91

ADOCIDOS

Era uma sexta feira de sol. Ana tinha acabado de fazer uma prova deveras cansativa. Depois da prova, a professora falou poucas palavras sobre a magnitude que um novo vírus estava tomando do outro lado do mundo, e sobre a suspeita de alguns poucos casos da nova doença em São Paulo. Já dentro do ônibus com alguns colegas, refletiu sobre a fala da professora. Uma reflexão que duraria até seu ponto de descida, estivesse só.

Era início de semestre e a saudade por todos ainda estava fresca. Decidiram tirar a noite para beber, juntos. Sentiu-se recarregada. “Um beijo galera, amo vocês”. Não teve tempo para abraços, o metrô fecharia logo.

Era o fim do sábado, estava pronta para mergulhar em mais uma semana em que o tempo seria apertado. O próprio domingo seria recheado de tarefas que precisavam ser adiantadas para a próxima semana que viria. “Temos nos falado pouco, filha”. “Começou a correria né, papai”. “Boa noite”, disseram os dois.

Era domingo de manhã. Ana recebe um email da faculdade que falava sobre o cancelamento das aulas, por hora. O número de casos suspeitos tinha aumentado e a previsão era de que a pausa duraria duas semanas. Naquele dia, os jornais já falavam sobre o avanço avas-

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

salador do vírus pela Europa. Países se programavam para parar completamente, mantendo apenas os serviços essenciais. Renda básica. Corte das taxações sobre água e luz. Diversos auxílios governamentais. Sistemas de saúde fragilizados demais para fazer frente à pandemia. Já era pandemia. O Brasil ainda estava tentando acordar quais medidas seriam tomadas, e se haveria medidas. O vírus que na sexta feira estava do outro lado do mundo e em alguns cantos de São Paulo agora estava em todos os lugares. Era pauta única.

Era segunda feira. Severino, pai de Ana, teve de continuar trabalhando. Um dos grandes símbolos de batalha na vida de Ana, ela sabe bem que suas conquistas estão em parte na conta da batalha de seus velhos. Tanta batalha fez murchar a crença num futuro em que os direitos das minorias sejam plenamente resguardados. Apesar de no fundo ver beleza na força da juventude, não é dos maiores incentivadores das militâncias da filha. Durante a pandemia isso teve seus efeitos: “A gente tem que seguir, filha! Quem vai garantir o amanhã?”. Na maior parte do dia sua mãe, Maria, era sua única companhia. Outro símbolo, tão grandioso quanto o primeiro, para ela. Maria é a mulher que ela assistiu desde pequena, e que rapidamente tomou como espelho, forte e determinada que sempre foi. Ela ainda compartilha com Ana a crença que murchou no pai, além da - agora aumentada - preocupação com a saúde do velho. Quando sozinhas aproveitavam para conversar sobre a vida, sobre as vidas, sobre a morte e sobre as mortes. Não só a vida de muitas pessoas estava em risco, como a forma de se viver conhecida por Ana até então. Com tantas esferas das feras políticas de fora viradas do avesso, Ana imaginava como seria no Brasil.

Era quarta feira e a faculdade já havia anunciado a estruturação de um programa de ensino à distância. Ana não voltaria para a faculdade tão cedo. O pai chega do trabalho. Ela e a mãe se encarregam de higienizar os utensílios dele. Agora eles almoçavam todos os dias juntos,

e quase toda noite se permitiam entregar ao carteado e à boas gargalhadas. “Já vai deitar filha? Só mais algumas partidas, a gente estica o placar!”. No fim quem vencia o carteado era o sono. Paravam no meio de alguma partida sem significado e despediam-se para dormir.

Era noite de domingo. Ana sentia alguns tipos de saudade. Mas sentia sobretudo esperança. Nutrida por sei lá o que, vinda de não sei onde. Esperança de ver mais carteado e menos descarte de vidas. Esperança de que o mundo enxergasse a importância de um sistema de saúde universal e de qualidade, de um Estado capaz de garantir a todos as mesmas condições de vida, de investir e acreditar na ciência.

Era segunda feira. O carteado e a esperança paulatinamente davam lugar a novas formas de manter a produtividade. Dessa vez sem sair de casa. Dessa vez em meio à uma pandemia. Mas ainda num país em que a economia não pode “fraquejar” diante de uma “gripezinha”. Que se isolem os velhos. Que fique em casa quem possa. A renda mínima que custou para ser posta no papel estava custando ainda mais para sair dele. Com a conta vazia, que fique na conta do trabalhador morrer de fome ou por um “resfriadinho”. O setor privado que, quase sempre com a conta cheia, nunca toma conta do trabalhador, demite, corta salários pela metade, com o respaldo do não tão novo desgoverno.

Era quarta feira e o tempo de sobra parecia não existir. Estava impossível render como antes, e mesmo que um lado de Ana soubesse que não havia nada mais normal, um outro se cobrava diante de cobranças da faculdade que mantinham o padrão e por vezes aumentavam. Entre livros e lives percebia que a arte era a grande heroína do front contra si mesma, dentro de casa, dentro de si.

Era segunda feira. Mesmo em meio ao estresse do ensino à distância, Ana se dava conta de que o seu era um dos melhores cenários do momento. Ainda que enlouquecedor, poder ficar em casa configurava um dos mais novos retratos do privilégio. Sem dinheiro, direitos ou

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

recursos grande parte dos trabalhadores dividia o dia entre filas de transportes públicos e caixas econômicas.

Era quarta feira e o desgoverno fazia mais vítimas a cada dia. Desvalorizados os trabalhadores, a arte, a saúde e a vida, o mal cheiro vinha de todas as partes. Corpos e democracia em putrefação. Famílias inteiras dizimadas e reduzidas a números que se multiplicavam e cresciam exponencialmente. Milhares de Severinos e Marias agora saiam da vida para entrar na estatística. Mas “e daí?”.

É... já não sabe mais, perdeu a conta dos dias e dos mortos. E também não sabe o que virá a ser. Só sabe que o que é agora não dá lugar ao carteadado e muito menos à esperança. Não dá espaço à democracia, à saúde, à ciência, ao trabalhador. Não dá espaço à vida, só às valas. E sem velas! Nem choro. A economia não pode parar.

TEXTO 92

CARTA DE QUARENTENA

Sem saber seus traços fenotípicos, sua idade, ambições, tampouco, se você existirá, a despeito dos meus sonhos, escrevo esta carta a você, meu(minha) filho(a), à maneira de um registro fotográfico e reivindicando esperanças do futuro. Há de se exigir, ainda que pela força da utopia, por tempos melhores que estes. Viver a reclusão neste Brasil tem sido sufocante.

Existe uma autora que, um dia, espero, você saberá identificar pelo nome e pelos textos, que em um de seus livros, diz: “Porque há o direito ao grito. Então eu grito!”. Tem tido você vontade de gritar? As chagas de seu tempo continuam sendo as mesmas que as minhas ou já teremos compreendido nossas paixões, as guerras de narrativas, os medos? No momento desta fotografia, os gritos, aos montes, são impelidos pelas circunstâncias do Brasil e por distanciamento social. Friso, contudo, que considero haver substancial diferença entre estar fisicamente distante e ser socialmente à parte. Perceba que a restrição proximal, ao coibir o que é tátil, assombra-se diante da insensibilidade afetiva, porque, quando aqui chegou, percebeu que essa última já havia se disfarçado na multidão, no contato diário, no vazio das megalópoles. As manifestações de carinho e a igualdade de direitos são só

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

entre os socialmente abastados e semelhantes. Está tudo igual por aí?

Sabe, meu(minha) filho(a), há uma certa beleza no cotidiano à medida em que ele exige de nós diferentes performances e estas compõem quem somos. Sinto falta da diplomacia que emprego na relação com meus professores; da atenção que dava aos meus alunos, das que tinha dos meus amigos e até da antipatia temporária que empregava no uso do transporte público a fim evitar contato físico. Distintos, quando não antagônicas, eram papéis exigidos em circunstâncias múltiplas e que fazem da vida em sociedade essa coisa única. Do lado de cá, tem havido apenas uma monotonia depressiva ao ver a constância das notícias desoladoras. Hoje compensatórias, elas têm se provado não-suficientes, só paliativas no que nos resta de contato afetivo.

Devo confessar a você, querido, já não gozar de memória intacta. Seguramente por isso, não me recordo da autoria da afirmação, jamais minha, que agora digo: “talvez, o que nos caracteriza como seres humanos são as sortes e intensidades dos afetos”. Espero que você já tenha amado, rido muito, mas também chorado por uma paixão não-correspondida, atravessado uma ira passageira, e jamais estado na anestesia dos fatos recorrentes. Ainda que inegavelmente preterível, os afetos tristes, quando pontuais, ressaltam a beleza de seus protagonistas à medida em que nos fazem perceber a potência e privilégio da felicidade, do júbilo, do êxtase. Se constantes, as paixões tristes nos dessensibilizam conforme vamos perdendo a capacidade do espanto, do inconformismo, do horror. É por isso que tenho sentido falta dos beijos tórridos, de me apaixonar por desconhecidos vários no caminho e de me perder dentro do conforto singular do abraço amante. Atualmente, a tristeza predomina e daí números em milhares já não me causarem impacto como uma “simples” dezena de falecimentos causava há dois meses. Que o teu Brasil não te proporcione um ambiente tão hostil.

Existe ainda, por aí, uma subespécie paramentada e aérea que ceifa sonhos? Por aqui, algumas vozes gritam em maior tom do que outras e em ímpar periodicidade; altimetricamente elevados, são destinos fáceis e previsíveis. Suas tonalidades dérmicas antecedem, quase sempre, o tom do grito materno. Os alvos são não-alvo. Triste coincidência rotineira. O poeta que quase foi razão de seu nome, meu filho, em verso, disse: “os mais delicados/achando bárbaro o espetáculo/prefeririam morrer”; estou certo de que não há escolha autônoma por aqui. Ainda permitida a ousadia, digo que os mais sensíveis são simbolicamente sufocados e os menos afortunados enfrentam a literalidade do mal.

Socialmente isolados e fisicamente distantes, pintamos este tempo com trágicas cores rubro-negras sem saber desde quando essa ausência de sensação, do grego “anestesia”, começou a ter efeito. Por ora, outros valores gregos também andam gastos por aqui. Que o distanciamento socialmente nunca o encontre, que a monotonia seja sempre uma desconhecida e que você nunca se permita isso. Procure sempre por afetos.

Com amor, seu pai.

TEXTO 93

O FIM DA RODA

Quanto tempo em média demora para um prédio derreter? Ver São Paulo arder em cores era a mais pura realização de um coração inconsolável .

Ainda perdido em algum ponto entre a insatisfação do agora, a romantização do pretérito, e o idealismo do futuro aqui me encontro contando os cacos que ainda consigo achar na esperança de encontrar algum dia um especialista em porcelanas.

Sinto a responsabilidade de alguma forma de avisar a todos aqueles bebês que vi nascendo no Centro Obstétrico nas últimas semanas que talvez o colo materno não seja suficiente para a fortuna que a vida os reserva. Mas receio que já saibam ou ao menos suspeitam bem precocemente.

Que relação de confiança podemos estabelecer com nossos semelhantes, tendo em vista que em nosso primeiro momento de insegurança, nosso primeiro gesto de sofrimento, não parecem entender a nossa dor. Tão perto de nós , mas tão distante de tudo que sentimos. Em nossas primeiras lágrimas recebemos sorrisos, e afagos. Como se apropriar da dor que nós é única da forma como acham que devem?

Mas mesmo pequenos já aprendemos a receita para o tão almejado sucesso: reconhecer padrões de comportamento e reproduzi-los.

CONCURSO DE ESCRITA LIVRE

Aprender a silenciar aquilo que nos vem de forma orgânica, de dentro, pois raramente se tem utilidade, mas tem consequências.

Não muito mais velhos, treinamos nossa inabilidade programada para lidar com incertezas, que transformam nossa vida em um conto, em que desde guris e gurias nos privam das cicatrizes que fizeram no mundo, para não questionarmos porque seguramos a navalha.

Quando achamos estar próximo da resposta, e deixamos de ser espelho para virar literatura, nossos filhos vem ainda desajeitados, mas cheio de energia e nos mostram que aprendizado não é reta é curva.

De repente, já muito cansados e doídos chegamos finalmente perto do sentido, aceitamos mais, julgamos menos pois sabemos quão apertadas podem ser as botas dos amigos

Muitas praias, pouco tempo para tanto aprendizado.

Logo ontem eu era ele, hoje ele ,ainda moço, me quer enclausurado. Pra me explicar traz muitos numero\$, pouca vida. Puxa vida! Pra nós o mundão já esta lotado.

Ninguém é ilha, tampouco filha de um sujeito isolado.

Deixar pra lá nossas qualidades para observar nossa maior fraqueza: essa vontade incontrolável de enxergar aquilo que nos diferencia ao invés do que nos une. E então construir nossas fortalezas.

Grandes desafios da vida devem ser enfrentados pelo coletivo, as vezes seu lar, as vezes seu purgatório, mas grande professor, que ensina cedo que a fita métrica da sala não mede o corredor.

Então se adiante mas não se apresse, é longe mas há paradas. Pandemia, perdas, decepções se dissolvem na firmeza de mãos dadas. Construir algo pra si é algo a ser admirado, mas beleza mesmo vem em deixar pro outro seu legado.

Ainda caminhando, me questiono: Quantos por aí andam nessas movimentadas avenidas, cheio de certezas, diferenças e seguranças, no anseio de em alguma esquina encontrar o útero materno?